

Organizadora: Marinice Argenta

# CONTOS REVELADOS



*Organizadora  
Marinice Argenta*

# CONTOS REVELADOS

Frederico Westphalen  
Grafimax Editora Gráfica  
2017

*Copyright* © 2017 by Marinice Argenta  
Os direitos deste livro são reservados à Escola Básica da URI,  
vinculada à Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai  
e das Missões do Campus de Frederico Westphalen – RS.  
Rua Assis Brasil, 709. Cep: 98400-000  
Frederico Westphalen, RS. Tel.:55 3744 -9212

**Direção da Escola**

Eliane Maria Balcevicz Grotto

**Vice-direção da Escola**

Ederson Cadoná

**Ilustração de capa**

Philipe Gustavo Portela Pires

**Revisão**

Diego Bonatti

Larissa Dalpasquale

Marinice Argenta

**Organização e catalogação**

Marinice Argenta

**Diagramação**

Jefferson Dalanhol

CPI – Brasil. Catalogação-na-fonte.

Ficha catalográfica feita pela organizadora.

---

A689c Argenta, Marinice

Contos Revelados / Marinice Argenta (organizadora). 1. ed. –

Frederico Westphalen, RS, 2017. 156p.; 15cmx21cm.

Todos os direitos desta edição reservados à Escola Básica da URI,  
Campus de Frederico Westphalen, RS.

ISBN 978-85-98253-32-9

1. Literatura brasileira. CDD – B869

2. Ficção e contos brasileiros. CDD – B869.3

---

**Grafimax**  
Editora Gráfica

Rua Maurício Cardoso, 705 - Fone: |55| 3744.3340

CEP 98400-000 - Frederico Westphalen/RS

www.grafimax.com.br

*Educar é impregnar de sentido o  
que fazemos a cada instante!*

Paulo Freire  
(*Pedagogia do Oprimido*, 1987)



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> por Marinice Argenta.....	07
<b>Prefácio</b> por Eliane Maria Balcevicz Grotto.....	09
<b>A caçada de Joseph</b> de Adriane Monteiro da Silva.....	11
<b>A família acima de tudo</b> de Alexandre Guarnieri Bellenzier.....	13
<b>A Lenda Viva</b> de Alexandre Ruzzarin Vanzin.....	16
<b>Deixe a hora chegar</b> de Alice Silveira Becker.....	19
<b>Meu Sol</b> de Ana Valentina Binotto Ferreira.....	22
<b>Voz de Prisão</b> de Angelica da Silva Zanatta.....	25
<b>Uma tarde no reino das lhamas cor-de-rosa</b> de Anne Pivetta Dalmolin.....	28
<b>O abrigo</b> de Arthur Chielle dos Santos.....	31
<b>Dribles da vida</b> de Bruna Vanin Hendges.....	36
<b>O Diabo na Terra</b> de Carlos Germano Geller Radaelli.....	39
<b>Algo errado não está certo!</b> de Carol Bruna Dalla Valle Buzatto.....	42
<b>Amigos são amigos, nada mais!!!</b> <b>Amigos... podem namorar?</b> de Deborah Ruviaro .....	46
<b>Parlatório devaneado</b> de Enzo Morssolin Cavalli.....	48
<b>A guerra contra o rei Dallarte</b> de Gabriel Gazolla Sarmento.....	51
<b>A religião do poço</b> de Gabriel Milani dos Santos.....	56
<b>A partir do nada</b> de Gabriel Piton Perlin.....	60
<b>Uma História de Romance</b> de Guilherme Felimberti Tamioso...	64
<b>Confinado aos fatos</b> de Jéssica Stanga.....	66
<b>Um recomeço</b> de João Vítor Piaia.....	71
<b>O gato e a rosa branca</b> de Júlia Cristina de Oliveira Candito.....	75
<b>Um amor quase eterno</b> de Keslly Krauspenhar Cuchinski.....	77
<b>A Fuga</b> de Laura Caroline Cavalheiro .....	81

<b>Um beijo de amor verdadeiro</b> de Laura Garlet.....	84
<b>O Amor e a Saudade</b> de Lauren Cervo Pasini.....	90
<b>O romper ganancioso de um Romeu e uma Julieta</b> de Leon Ferrari.....	93
<b>A Efemeridade da Vida</b> de Lia Maria Dal’Agnol.....	98
<b>Em busca da grande árvore</b> de Lorenzo Chielle.....	104
<b>Uma carta, um final.</b> de Mailê Zinhani De Cezaro.....	110
<b>A minha história e a do Joca</b> de Maite Oliveira Castro.....	113
<b>Harvey: o lendário darkin</b> de Marco Vinícius Binotto.....	116
<b>Impetuosidade</b> de Mcoendy Alex Albarello Folle.....	120
<b>As Vidas de uma Alma Fiel</b> de Nathália Buzatto.....	124
<b>Hemorragia</b> de Nathália Riboli da Silva.....	128
<b>Expedição Cassino</b> de Pablo Henrique Liscoski.....	133
<b>A história do rei Firmino e o reino de Berimbau</b> de Rafael Dalla Valle Junior.....	137
<b>Primeira experiência</b> de Renan Conterno Prevedello.....	140
<b>O amor incondicional</b> de Sabrina Perlin Kozooski.....	143
<b>Uma menina e um mundo novo</b> de Stefani Lurdes Pereira.....	146
<b>Ilha Auck</b> de Vinícius Facin da Silva.....	153

## APRESENTAÇÃO

Muito já se escreveu a respeito da importância de um livro, bem como de todo o corolário de relevantes correlações: escrita, leitura, reflexão, consciência, transformação, ao mesmo tempo prazer, magia, encantamento... Enfim, são incontáveis as palavras que nos descrevem o mundo do livro e a riqueza que o compreende. A ilustre frase de Padre Antônio Vieira (1608-1697), que já evidenciava, no século XVII, sua proeminência, “o livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, [...]”\*, ilustra-nos sua relevância e imperativa necessidade, assim como sua fundamental proficuidade para o ser humano.

O livro, *Contos Revelados*, é o resultado final das etapas desenvolvidas em um Projeto Educacional realizado com os alunos dos 3º anos da Escola Básica da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – do *campus* de Frederico Westphalen, município do Estado do Rio Grande do Sul.

Quando se iniciou essa Atividade Educacional, o objetivo centrou-se no desenvolvimento e expansão da criatividade, no interesse e apreciação pela leitura, na potencialização da escrita, na promoção da autonomia e em uma agregação social e cultural ativa e compartilhada entre os alunos da Escola da URI-FW, uma vez que se trata de uma prática já auferida em distintas instituições escolares e com excelentes resultados.

Destarte, os alunos conceberam seus contos através de uma experiência didática que lhes permitiu uma total liberdade de expressão, posto que a criatividade e a emancipação faziam parte do intuito desta prática.

Assim nasceram os contos, inspirados naqueles lidos em sala de aula, como também em filmes, séries, livros, mitologias, músicas, histórias reais e fictícias, instigando-os em sua experiência e apoiando-os em sua liberdade de expressão artística. Fato que lhes permitiu estarem de posse de seus conhecimentos e expressá-los de forma independente, desprendida e, ao mesmo tempo, muito habilidosa. Por conseguinte, nasceram obras literárias significativamente belas, singulares e surpreendentes.

\*(VIEIRA, P. Antônio. *Os Sermões*. Vol. III. Porto: Lello, 1959, t.x,p.57)

Além disso, foi fortalecida e ampliada uma autossuficiência que privilegiou o crescimento da autonomia – fator relevante e essencial em nosso contexto educacional para um eminente e vultoso desenvolvimento, seja no contexto educativo ou na prática social, contribuindo como cidadãos atuantes.

O decurso desse Projeto Educacional evidenciou-se, também, através de assessorias e cooperações que foram imprescindíveis para a sua efetivação. Em vista disso, faz-se mister alguns agradecimentos às pessoas envolvidas nesses processos formais e burocráticos: ao Vice-diretor da Escola da URI Ederson Cadoná, à secretária da Escola e revisora Larissa Dalpasquale, ao ilustrador de capa Philipe Gustavo Portela Pires, ao revisor de textos Diego Bonatti e ao diagramador Jefferson Dalanol, cada qual com sua contribuição específica em suas distintas áreas. Um agradecimento especial à Diretora da Escola da URI, Eliane Maria Balcevicz Grotto, que abraçou o projeto desde o seu início, mantendo-se permanentemente envolvida em conferir apoio e colaboração, fomentando o desenvolvimento integral do projeto até seu momento final: a configuração de *Contos Revelados*.

Meus mais sublimes cumprimentos aos meus estimados alunos por desenvolverem de forma tão diligente, sagaz e competente a produção de seus contos literários, contribuindo tanto para a expansão da literatura como para seu crescimento pessoal. Bem como, pela sua atuação como protagonistas de uma exemplificação, ou seja, de que a possibilidade criativa é exequível a todos.

Aos leitores, oferece-se a oportunidade da fruição na leitura! Posto que, a despeito de ser concebida por escritores amadores, trata-se de uma produtividade repleta de uma riqueza surpreendente e de uma habilidade com talento suficiente para nos transportar ao mundo criativo, imaginário e mágico da arte literária.

Há, em *Contos Revelados*, inúmeras e benevolentes revelações que fazem jus ao nome do livro, as quais se manifestaram durante todo o processo desse Projeto Educacional. Porém, dentre todas, a proeminência efetiva encontra-se na grande revelação da capacidade criadora dos nossos alunos, registrada em um livro que permanecerá como legado, ao mesmo tempo em que oferta suas aptidões e enriquece sua comunidade.

Frederico Westphalen, primavera de 2017.  
Marinice Argenta  
(organizadora)

## PREFÁCIO

Sabemos que o aluno já possui conhecimentos advindos de sua vivência em sociedade e adquirido no decorrer de sua escolarização. Desse modo, cumpre ao professor propor atividades que estimulem os mesmos a usarem os seus conhecimentos prévios, bem como oferecer-lhes um rico repertório de conhecimentos ainda não dominados por eles a fim de que sejam capazes de realizar com êxito as atividades propostas.

Ao abordar a leitura e produção do conto em aulas de Literatura, buscase destacar a superioridade desta prática em relação a modalidades de aulas que optam apenas pela exposição e explicação do fenômeno literário. Nesse sentido, cabe pensar estratégias que possam garantir um trabalho efetivo com o texto em sala de aula e que oportunizem ao leitor ter contato direto com o universo literário. O presente livro vem ao encontro da proposta pedagógica adotada na Escola da URI, que busca articular teoria e prática, proporcionando o máximo de interação do sujeito com o conhecimento. O mesmo registra produções dos alunos dos 3º anos do Ensino Médio, sob orientação da professora de Literatura Marinice Argenta.

De acordo com Cândida Vilares Gancho, em sua obra *Como analisar narrativas* (1995), o gênero “conto”, produção mencionada no livro, caracteriza-se por ser uma narrativa breve que condensa o conflito, o tempo e o espaço, apresentando um número reduzido de personagens. O trabalho proposto buscou ampliar o conhecimento dos alunos sobre o gênero, levando-os ao domínio pleno de sua estrutura. Visou também ao desenvolvimento da capacidade crítica e criativa dos alunos, elemento importante no processo de formação do sujeito. Enquanto diretora da Escola de Educação Básica da URI, a proposta sobre o gênero conto consistiu em oferecer oportunidades de leituras variadas aos alunos, a fim de desenvolver suas habilidades de compreensão e interpretação de textos. Do mesmo modo, objetivou trazer-lhes novos conhecimentos para que tivessem um amplo repertório linguístico, enciclopédico e de textos para serem utilizados em suas produções escritas.

Por esse viés, a Escola da URI, ao inserir a disciplina de Literatura no currículo do Ensino Médio, busca formar um aluno com um bom repertório de leituras, e que possa entrar em contato com todo o conhecimento cultural, estético, humano e artístico que proporciona a literatura. Mas não apenas isso, busca-se, também, formar um leitor que realize suas leituras de forma crítica e se expresse sobre elas.

Eliane Maria Balcevicz Grotto  
(Diretora da Escola de Educação Básica da URI–FW)

# CONTOS REVELADOS

## A caçada de Joseph

**Adriane Monteiro da Silva**

O dia estava nublado na pequena cidade de Frederick. As pessoas saíam de suas casas com seus guarda-chuvas, os jovens com seus fones de ouvido escutando suas músicas (e que mal gosto têm os jovens de hoje) e, de repente, alguém, no meio de todos aqueles mortais, chamou-me a atenção. Era uma mulher admirável, carregava consigo uma bolsa, tinha cabelos longos e escuros, olhos castanhos, boca carnuda com um incrível batom vermelho, como o das meretrizes de minha época de mortal. Parecia não estar preocupada com o mau tempo que se preparava e, à medida que se distanciava da multidão, seguia para a floresta.

Eu a segui até a casa abandonada do lago, que ficava no meio da floresta e que pertenceu a uma família tradicional da cidade. Ao entrar na casa, ela retirou de sua bolsa um livreco antigo, algumas velas e um isqueiro. Eu fiquei observando-a durante horas, ela lia e relia as palavras escritas naquele livreco com as velas acesas, chorando e gritando por um nome: Esther.

Eu conhecia muito bem a quem ela chamava, ainda me lembro quando ouvi os últimos batimentos do pobre coração de Esther enquanto a dissecava, sugando todo o seu delicioso sangue. Aquela mulher só poderia ser Lorraine.

No dia seguinte, Lorraine foi passear no parque da cidade. Estava sentada em um banco, lendo o mesmo livreco velho que levava no dia anterior à casa do lago.

- Posso fazer companhia para a linda senhorita? - perguntei sorrindo.

- E o que um cavalheiro como o senhor desejaria com uma senhorita desacompanhada como eu? - disse ela, fechando o livro e olhando-me com ar sarcástico.

- Apenas fazer companhia, - disse, já me sentando ao seu lado.

- Vejo que gosta de ler clássicos, o que está lendo?

- Não se trata de um livro clássico, apenas uma lembrança de família que tenho.

- Lembranças de família são sempre importantes, não é? –naquele momento olhei para seu pescoço, onde sangue quente e novo corria nas veias que pulsavam cada vez que o coração bombeava. Eu podia ouvir o barulho que ele fazia, passando pelas veias, por todo o seu corpo, aquilo me enlouquecia, mas resisti à tentação e continuei a conversa.

- E a senhorita tem nome?

- Sempre! Me chamo Lorraine Grover, e o cavalheiro?

- Joseph Kleim, –nesse momento algum som estranho saiu de um aparelho que chamam de celular e perguntei o que era.

- O cavalheiro que me dê licença, mas tenho que ir embora!

E antes que eu pudesse dizer algo, Lorraine se levantou e seguiu novamente para a casa abandonada. Então, sem que ela percebesse, segui-a e esperei alguns minutos até que decidi entrar na casa.

- Por que chora assim?

Ela levou um grande susto quando me viu, enxugou suas lágrimas e imediatamente disse-me:

- O que faz aqui? Você me seguiu Joseph? Por que fez isso?

- Confesso que fiquei intrigado com o livro que estava lendo no parque, Lorraine. Precisava ver com meus próprios olhos o seu talento.

- Quem é você? Como sabe que o livro é de feitiços? –ela me perguntou com espanto.

- Isso não importa. Você se parece tanto com Esther, é como se após duas décadas estivesse vendo ela em minha frente.

- Como você conhece minha mãe?

- Não só a conheço como sei onde está o corpo dela. Não é isso que você tanto deseja saber com esses seus feitiços?

- Como você sabe? Por acaso é algum bruxo ou um vamp.... - ela dizia isso preparando-se para me lançar um feitiço, mas ela era jovem e inexperiente, e eu fui mais rápido e ataquei-a antes que terminasse de falar.

Já era noite, os primeiros pingos de chuva começaram a cair, a doce Lorraine gritava, mas ninguém conseguia ouvi-la, seu coração batia acelerado e seu sangue corria com rapidez pelas suas veias, o que me

deixava mais sedento. O gosto do seu sangue fresco era delicioso, saboreei cada gota dele com prazer, assim como o de todas as bruxas da família Grover. Quando terminei de sugar o seu sangue, ela estava em meus braços, com a garganta rasgada por minhas presas. Seu vestido branco agora estava vermelho, seus lindos olhos castanhos, assim como os de Esther, olhando-me na falha tentativa de fazer com que o remorso tomasse conta de mim.

Sem esperar muito, limpei toda a bagunça da casa, joguei fora todas as velas e queimei o livro de feitiços. Lorraine era a última da linhagem Grover. Joguei seu corpo no lago, ao lado da casa abandonada, onde estavam os corpos de todas as bruxas de sua família. Finalmente Lorraine conseguiu o que tanto desejava, o que passou anos tentando descobrir. Agora ela está junto com o cadáver de sua mãe, Esther, no fundo do lago. Sentia-me tão poderoso, durante séculos me dediquei a caçar a família Grover e a tentar matá-los. Foi graças a eles que me tornei um vampiro e perdi quem eu mais amava. Aquela família de bruxos e bruxas destruiu minha vida de humano, mas me deram a eternidade para me vingar.

Naquele momento a chuva engrossou, uma tempestade começou. Do céu vinham estrondos, como se me amaldiçoassem. Agora que terminei minha vingança, ainda tenho a eternidade para matar minha sede, continuar caçando, dissecando, matando...

## **A família acima de tudo**

**Alexandre Guarnieri Bellenzier**

Renato era um menino sempre muito ativo e gostava de assistir futebol. Ele era torcedor fanático do time Patofix Futebol Clube. Frequentava todos os jogos, tinha todas as camisas e sempre mudava de humor conforme seu time ganhava ou perdia. O time rival se chamava Sponge Bob FC, do qual Renato sentia enorme raiva e ódio de seus torcedores. Sua família era toda torcedora do Patofix e por isso sentia muito orgulho e compartilhava dessa felicidade com todos. Porém, sua filha Luana apaixonou-se por Valdir, jogador do Sponge Bob, e começou a namorar escondido. Ela namorou escondida por muito tempo,

até que um dia não resistiu mais e anunciou seu namoro para a família. Renato, no começo, desesperou-se e rejeitou o namoro dos dois, não aguentava ver sua filha namorando um jogador do time que mais detestava e começou a perder o sono. Não contou para seus amigos que sua filha namorava o jogador do time rival, pediu que guardassem segredo. Certo dia, o casal postou uma foto juntos, o que gerou uma série de comentários na pacata cidade de Santo Armando do Norte.

Renato estava indo trabalhar quando sentiu que a cidade inteira olhava para ele e dava risada. No início ele estranhou, mas quando chegou no seu trabalho, seu secretário avisou o que havia ocorrido e ele logo desmaiou, pois sabia que sua família iria ficar com uma imagem manchada. Sua mulher, Doriana, tentava convencer Renato de que não era o fim do mundo, que seu genro era uma pessoa de família boa, honesto e trabalhador. Pediu para que, ao menos, permitissem que os dois se encontrassem. Ele demorou, mas aceitou.

A família, aos poucos, começou a se entender e Renato começou a aceitar mais facilmente o relacionamento de sua filha. Porém, foi só acontecer um jogo entre os dois times para a família entrar em crise novamente. Havia um jogo marcado para o fim de semana entre os dois times e Renato começou a provocar seu genro e começou a ofendê-lo durante o almoço. A família brigou, Luana ficou do lado de seu namorado e Renato ficou arrependido e triste.

O dia do jogo chegou e Renato já havia arrumado suas bandeiras e instrumentos musicais como de costume. Ele era conhecido por ser o mais barulhento e o que mais cantava em todos os jogos. Ele e sua mulher estavam na sala prontos para ir até o estádio quando Renato vê que sua filha não estava no quarto. Pensaram que a filha estava na casa de uma amiga e então foram até o jogo. Seria a primeira vez que eles não iriam todos juntos e por isso o casal estava triste.

Renato e sua mulher Doriana sentaram-se nos lugares de sempre e começaram a cantar e pular. Até que pouco antes de começar o jogo, Luana apareceu no telão do estádio na torcida rival, do time Sponge Bob. O silêncio tomou conta do estádio e Renato, quando viu, começou a chorar vendo sua filha torcendo para o time que ele mais sentia raiva. O time de Valdir ganhou o jogo por 1x0 e Renato foi para sua casa triste

e enfurecido. Chegando em casa, Luana e Valdir estavam esperando o casal na sala para conversar. Eles acabaram fazendo as pazes, esclareceram que família é mais importante que futebol e que deveriam viver em harmonia, sem conflitos. Com o passar dos anos, a família foi ficando mais unida e nos dias de jogos entre os dois times eles não brigavam. Luana voltou a ir aos jogos com seus pais e Renato acabou superando seu ódio pelo time rival.

Luana e Valdir entraram na mesma faculdade e começaram a morar juntos, mas todos os finais de semana passavam com Renato e Doriana, preservando os princípios que a família tinha. O casal se formou e, depois de algum tempo, Valdir pediu Luana em casamento. Com a aprovação da família, resolveram se casar. No dia do casamento, todos estavam muito felizes e ansiosos. Durante a cerimônia, Renato percebeu que Valdir havia ido para o casamento com a camisa do time Sponge Bob por baixo. Logo após perceber, levantou-se e fez um escândalo. Aquilo tudo era uma aposta e Valdir tentou esconder a camisa ao máximo. Renato acabou entendendo, mas pediu para que o genro retirasse a camisa para a cerimônia. Ele tirou e os dois se desculparam.

Depois de um tempo, Luana engravidou e teve Afonso. Esse menino voltou a criar um pequeno atrito entre Renato e Valdir, pois os dois disputavam qual seria o time do menino. Os dois tentavam ensinar as músicas, davam camisas, batiam palmas, gritavam o nome do time, davam bandeiras, mas o menino ficava cada vez mais confuso, não sabia o que estava acontecendo e não havia decidido para quem torcer.

Afonso foi crescendo e já era dono de uma coleção de camisas e bandeiras dos dois times. Seu avô levou-o para assistir um jogo do time Patofix e naquele dia o time perdeu e houve uma briga entre os torcedores, o que deixou o menino assustado. Os dois voltaram do estádio e o avô sabia que aquela não havia sido uma experiência boa para seu neto. Então, a criança começou a simpatizar mais com o time de seu pai, o Sponge Bob.

Renato tentava fazer a criança mudar de ideia, mas nada adiantava, a criança batia palmas quando via o time do pai jogar e sempre ficava feliz quando o time fazia gol. Apesar disso, Afonso gostava muito de seu avô e sempre os dois jogavam futebol no pátio juntos, eles

mantinham uma boa relação, apesar de Afonso não torcer para o Patofix. Renato sempre acalmava seu neto quando ele chorava e a cada dia que passava, eles ficavam mais próximos.

Um dia, houve um jogo entre o Patofix e o Sponge Bob. Afonso e Luana convenceram Dorianana a ir na torcida do time rival. Porém, Renato insistia que não iria, que isso era impossível, que ele não poderia ir. Até que a criança começou a chorar, dizia que queria que o avô fosse junto com ele, e só parou de chorar depois que seu avô o pegou no colo. Renato se sentiu obrigado a ir na torcida do time rival.

O time de Valdir acabou ganhando e Renato não comemorou o gol do time rival. Apesar de não estar na torcida do Patofix e seu time ter perdido, ele ficou feliz por ver toda a sua família, e principalmente seu neto, felizes e alegres, o que não acontecia há muito tempo.

## **A Lenda Viva**

**Alexandre Ruzzarin Vanzin**

Naquela pacata cidade interiorana, o dia era nublado, prometendo chuva. O movimento que se via naquela tarde era de crianças e normalistas saindo da escola de freiras. Hora boa para as conversas de adultos, os quais se reuniam no bar do hotel, em frente à igreja, para conversarem.

A conversa se estendia por horas. O assunto era sobre a festa da igreja que iria acontecer no domingo, comentários sobre as últimas notícias que, com dificuldade, ouviam do rádio. O locutor informava a ida de um número expressivo de pracinhas para o conflito de uma guerra que parecia não ter fim. Tempos sombrios. Guerra, algo desconhecido para as crianças, cujo interesse maior eram as brincadeiras. Cabra-cega, caçador, esconde-esconde... Antes de anoitecer, atravessaram a rua para brincar e balançarem-se nas árvores do pátio da igreja.

Os irmãos Jacir, Elza, Vilma e seus amigos costumavam encontrar os lugares mais recônditos e misteriosos, dificultando a descoberta.

- Vilma vamos nos esconder dentro da igreja, embaixo do altar!
- Elza, e se o padre nos pega lá? O pai vai ficar bravo, é pecado

brincar lá dentro.

- Não, vamos, vamos sua molenga.

As duas meninas, com o coração batendo em meio a expectativa da descoberta, esconderam-se dentro da igreja. Estava quase anoitecendo e nada de encontrá-las.

Sentiam-se vitoriosas. Mas, de repente levam um susto inesperado. Em frente ao altar, viram um pé disforme. Ao erguer os olhos o susto foi maior ainda pois se depararam com uma criatura totalmente diferente e anormal. Saíram em disparada, aos berros. Chegaram em casa pálidas, assustadas, em estado de choque. Foi um corre-corre com chá e calmante. Mal conseguiam falar, deixando a família apreensiva. O momento era de acalmá-las, depois, certamente, contariam o motivo do trauma.

O sono veio em meio a pesadelos. Aquela criatura lhes assombrou através de uma perseguição dentro da igreja e castigava-as por brincarem num lugar sagrado de silêncio e oração. Era o castigo pela invasão à casa do Senhor. Elas sentiam-se duas crianças malévolas e pecadoras.

No outro dia, a turminha se reuniu no bar do hotel do pai dos irmãos.

- Elza, Vilma, o que deixou vocês tão assustadas, lá na igreja? - Perguntou Velma.

- Eu não vou mais brincar lá. É pecado. O demônio apareceu diante de nós, com uma aparência horrível e uns pés enormes. Vilma reforçou:

- Verdade. Não dormi a noite inteira, só tive pesadelos.

Jacir, malandro como ele só, jamais acreditara numa idiotice dessas e convocou o grupo de amigos para investigar a fundo essa história, o que deixou os amigos de cabelo em pé.

Após o acontecimento, este virou o assunto da cidade. Todos comentavam, desde a costureira, nas filas de cinema, até no sermão do padre. Era um mistério, ninguém sabia o motivo de tal susto.

Jacir, ansioso para desvendar tal mistério, decidiu incorporar Sherlock Holmes e ir a fundo na investigação, convocou o grupo e disse:

- Vamos lá, após a aula seus medrosos, não falem para ninguém. Nem o padre pode saber.

Velma, motivada pela coragem do amigo, convenceu todos os amigos a tomar parte da busca.

- Se vocês quiserem ir, vão. Agora, eu e a Vilma não vamos chegar nem perto daquela igreja assombrada. Nunca mais!

Jacir, juntamente com Velma, Ângelo e João, meio temerosos, mas curiosos, entraram silenciosamente na igreja. Não havia ninguém. Desceram uma escada que dava para o porão. Tudo escuro, mal dava para enxergar. Voltaram ao ponto de chegada sem resolver o mistério.

Passou uma semana, as brincadeiras corriam soltas. O perfume das flores acusava a chegada da primavera. As crianças estavam subindo nas árvores da igreja, quando, de repente, surge a criatura disforme, com uns pés exageradamente grandes, a qual fez com que as crianças corressem alucinadamente para o hotel, exceto Jacir que estava no topo da árvore.

A criatura e Jacir ficaram por alguns segundos se encarando, apavorados. O menino ficou sem reação e com medo de descer. Foi então que a criatura sorriu, mostrando uns dentes amarelados e enormes. Deu meia volta e sumiu dentro da igreja.

Chegando ao hotel, Jacir comentou:

- Eu vi aquela criatura dos pés e dentes enormes. Estranho ele não dizer nem fazer nada comigo. Confesso que me deu medo.

Apesar de tudo, a criançada continuou frequentando o pátio da igreja. O “Pé de Pato”, apelido dado a criatura, já não assustava mais. Ele ia e vinha sorrateiramente no seu silêncio. Não falava nada. Ria modestamente das travessuras do grupo. Acabou se transformando em chacota de tanto ouvir as provocações repetidas: “Pé de Pato”, “Pé de Pato”.

Eram momentos divertidos, em que as crianças não viam a hora da aula acabar para se embalar nas frondosas árvores e brincar de esconde-esconde, sem temer se deparar com a criatura das trevas.

Com o passar dos anos, a lembrança do “Pé de Pato”, tornou-se uma lenda e, entre uma conversa e outra, descobriram que era nada mais nada menos que um pobre coitado, mudo, sem identidade e, quando aparecia, ganhava pouso e comida dos padres.

Hoje, a paisagem da cidade se modernizou, a velha igreja deu lugar a uma majestosa catedral rodeada de gramado e jardim. No lugar do velho hotel, há uma agência bancária. Tudo se modificou, com exceção da velha lenda do “Pé de Pato”, que permanece e alimenta a imaginação e os sonhos fantásticos das crianças.

## **Deixe a hora chegar**

**Alice Silveira Becker**

Madalena era uma jovem tímida e encantada que passeava pelas ruas de Porto Alegre em janeiro de 1987 a procura de alguém, mas nem sabia quem. Encontrou a família, amigos, professores, colegas e também a sua próxima paixão. Porém, por ser desligada e andar distraída, não se deu conta de nenhuma dessas pessoas e seguiu carente. Quando percebeu, Joaquim, seu amigo e colega que estava longe, veio lhe cumprimentar mesmo com o ônibus lotado, pois a considerava muito.

- Oi Madalena, tudo bem?

- Oi Joca, tudo bem, - disse ela, abrindo os braços à espera de um abraço.

Nesse mesmo instante, um assaltante lhe rendeu e levou seu celular, sua bolsa e também parte do seu coração. Joaquim ficou muito preocupado e sem reação. Foi se afastando de Madalena, que desceu na próxima parada e seguiu caminhando para casa, desesperada, pensando e comparando a sua dificuldade com a felicidade do bandido.

Chegando em casa, foi julgada pelos pais que sofriam com o trabalho árduo para se sustentarem. Sua irmã Luana a julgava a cada segundo, zombando e irritando Madalena que ficou tão mal e resolveu ir dormir, mas não conseguia, pensando na possibilidade de ter sido tudo diferente.

Certo dia, Madalena estava com seus amigos se dirigindo até uma pizzaria, quando ela percebeu que havia um jovem sentado na calçada que acenou para ela, que fingiu não ver. Sendo obrigada e julgada pelos seus amigos, foi conversar com ele, toda tímida e nervosa, suas mãos suavam frio e sua mente balbuciava.

- Boa noite, moço - falou ela com espanto.

- Boa noite, linda jovem - disse ele pensativo, que levantou para lhe dar um abraço, mas ela negou, pois ele estava todo sujo.

- O que você quer? - disse ela, já irritada.

Foi no momento que ele encheu os olhos de água e disse:

- Eu estava no ônibus aquele dia quando tudo aconteceu.

- Que ônibus? O que aconteceu?

- Eu estava em pé bem na sua frente e vi o quanto você ficou frustrada com o ocorrido, desci na mesma parada que a sua, mas você foi correndo para casa. Me perdi no caminho e, desde então, não consegui mais voltar, estou aqui na rua há mais de dois anos.

- Como você não conseguiu voltar?

- É que fazia pouco tempo que havia me mudado para cá, minha avó havia me colocado no ônibus e pagado a minha passagem pois dizia que eu não sabia usar o dinheiro de forma adequada. Foi desse modo, e por ser novo na cidade, que não consegui voltar. Tenho vivido situações horríveis.

- Que situações? - disse Madalena soluçando e acenando para seus amigos seguirem sem ela.

- Já passei frio, fome, sede e calor. Já fui chamado de imundo e até me levaram para um centro clínico de recuperação para jovens drogados.

- E como você reagiu a tudo isso? - falou ela toda curiosa a procura de informações.

- No começo de tudo tentei voltar para casa ou arrumar um emprego, mas ninguém quis contratar-me por medo de assaltos. Foi aí que vi que minha única solução seria esperar por alguém como você. A minha motivação para ainda estar aqui, é que você não mora tão distante e, quando passasse, eu te reconheceria pelo sorriso brilhante, por esses olhos cativantes, cor de mar, e esses cabelos, cor de ouro. E foi exatamente o que aconteceu.

Madalena, cansada de tanto chorar, sem poder ajudar o pobre moço e com medo que ele aprontasse isso com todas as garotas que passavam por aquele local, saiu em direção a uma lanchonete, acenando trazer-lhe alimento. Porém, a pobre moça, tímida, ficou com medo de voltar ao local e preferiu sair pelos fundos da lanchonete e ir correndo para casa. No caminho, encontrou seus amigos, que estavam preocupados

com a sua demora e contou a eles tudo o que havia acontecido. Eles, de tão apavorados, não deixaram ela voltar para casa sozinha, com medo de que Madalena voltasse a falar com aquele moço.

Três meses após o acontecido, Madalena saiu de casa e começou a caminhar pelas ruas de Porto Alegre a procura do moço do ônibus. Não o encontrou em lugar algum e sentiu-se culpada por não ter comprado o alimento e por ter fugido sem despedir-se dele.

Perdida e sem destino, buscou por ele em todas as ruas e becos possíveis, mas não o encontrou. Foi então que avistou um grupo de jovens desabrigados e foi correndo pedir informações. Logo o encontrou sentado em um canto, encolhido, magro e magoado.

Foi então que Madalena se aproximou com um belo sorriso no rosto, trazendo-lhe alimento e água. Foi retribuída com um:

-Você voltou? Eu sabia que um dia te encontraria! - correndo em direção a ela.

-Voltei sim, estive a sua procura durante dias. E o mais intrigante é que ainda não sei seu nome.

- Prazer, Pedro. Um menino que não desgrudará de você a partir de hoje.

- Olá Pedro, pretendo não perder o contato contigo também.

Ele não prestava muita atenção na conversa pois preferia se deliciar com o lanche dado pela menina que mudou a sua vida.

Depois de conversarem bastante sobre a vida, ela sugeriu levar ele até um abrigo de pessoas carentes, não demorou muito para ele concordar. Lá se foram Madalena e Pedro. Ao chegarem lá foram muito bem recebidos, mas ele só poderia ficar no local se a jovem cumprisse a tarefa de ir todos os dias visitá-lo e levar suas roupas para lavar. A moça aceitou, pois viu o quanto Pedro havia se importado com ela, mudado a sua vida. Pedro sempre teve esperança e fé de que um dia ela voltaria, sem nunca pensar em desistir.

Assim passaram quatro meses como amigos e depois algo a mais, mas a essência que prevalecia era de um amor à primeira vista, que nasceu em janeiro de 1987. Com suas saídas diárias, seus pais descobriram e a puniram, pois achavam Pedro um cara não muito confiável e afirmavam que ninguém vive de amor por muito tempo.

Pedro e Madalena começaram a se relacionar, mesmo com muito sofrimento e oposição da família. Encontravam-se sempre em uma praça ao lado do abrigo, aonde ela ia todos os dias exatamente às 14h05min da tarde. Lá, planejavam cada detalhe das suas jornadas, reencontrar a família de Pedro, terem dois filhos, viajarem muito, entre tantos outros planos...

No dia 2 de fevereiro, Madalena se atrasou. Pedro já estava preocupado, pois a moça não gostava de perder a hora. Foi assim que viu a sua namorada vindo, com os cabelos ao vento, olhos reluzentes e um sorriso no rosto como nunca. Ela trazia consigo os pais e a família de Pedro.

Ele pensou em como valeu a pena, a saudade dos pais estava grande, mas não superava o amor por Madalena. Nesse mesmo instante, ela foi atravessar a rua em direção ao seu amado, e foi atropelada por um ônibus idêntico ao do encontro.

## **Meu Sol**

**Ana Valentina Binotto Ferreira**

Já faz alguns meses que você me mandou aquela mensagem, a uma e quarenta e três da madrugada de uma sexta-feira qualquer. Faz alguns meses que a nossa vida mudou para melhor, e eu digo nossa, porque um relacionamento se faz a dois, não é?

- Só queria dizer que eu te amo.

Foi o que você me disse, e nessa hora eu não consegui me expressar em nenhuma palavra, ou personificar nenhum sentimento. Eu te amo também, poxa! Eu só queria dizer que isso é mais que recíproco! Eu só estava esperando a gente ficar mais próximo para isso. Não digo de coração, mas de lugar, de espaço.

Mas aí você decidiu ir embora. Você não me deixou para trás, mas me deixou para longe. Você foi seguir seus sonhos longe de mim e da nossa cidadezinha, do nosso apartamento e da nossa cama confortável. Sabia que a saudade dói mais que um coração partido? Nesse exato momento estou sentado na minha cadeira, tentando organizar minha

desorganizada mente, afinal, existem tantas coisas dentro dela que já deveriam sair e ser de conhecimento da sua.

Você não tem noção da saudade e da vontade que estou de te abraçar neste exato momento. Você entrou na minha de um jeito que jamais imaginei, foi tão repentino, foi o melhor momento repentino que tive, e não quero que esse momento acabe, muito pelo contrário, quero que dure para sempre, quero permanecer em sua vida assim como quero que você permaneça na minha!

Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida, saiba disso! E saiba, também, que eu amo suas loucuras, isso te torna mais especial ainda, na verdade, eu amo tudo em você, seus abraços, seu sorriso, sua inteligência, seu perfume, seus olhos, seu cabelo, seu jeito único de ser, enfim, amo tudo em você, inclusive você. Eu penso em você em cada momento do meu dia, você alegre e motiva cada um deles. Me faltam palavras para agradecer todo o bem que você me faz, por mais que estejamos longe, eu te sinto muito perto de mim, eu me apaixono por você a cada dia que passa, podemos não estar dividindo nossos momentos da vida agora, mas num futuro breve, teremos todo o tempo do mundo para isso. Tudo conspira a nosso favor e nossa conexão é inigualável! Você me faz um bem surreal e eu quero te transbordar de coisas boas, como você me transborda, quero te cuidar e te dar tudo de mim, como você faz, e faz de um jeito inexplicável!

Sério, acho que eu poderia ficar horas digitando obrigado em várias línguas para agradecer você em minha vida, com esse seu jeito especial que me deixa bobo e me faz gostar mais de você a cada dia que passa. Eu agradeço a todas as entidades religiosas, sejam elas monoteístas ou politeístas ou qualquer coisa que elas queiram ser por você me aturar. Eu vou sempre implorar e pedir que me marque naquelas coisas fofinhas nas redes sociais, isso faz eu me sentir perto de ti, é como olhar a lua, entende? Eu penso em você e em nós, toda hora, é algo sem explicação, só um simples bom dia vindo de você alegre todo o meu dia.

Confesso que eu tenho tanto para te dizer, mas quero poder te abraçar primeiro antes disso tudo, mas fica tranquila que vou guardar os melhores sentimentos do mundo especialmente para você, eu estou morrendo de saudades. Não quero que peça desculpas por nada, não

existe culpa aqui poxa, e se existir alguma culpa é a melhor culpa que você pode carregar, por me fazer gostar tanto de ti! Esses dias você disse algo como “meu mundo iria acabar se eu não trocasse algumas palavras diárias”. Não vou deixar seu mundo acabar, muito pelo contrário, eu quero cuidar dele, proteger, abraçar, beijar, ter por perto, sempre! Eu jamais irei desistir de você. Eu jamais irei me cansar de dizer o quanto eu gosto de ti, o quanto você me faz bem e o quanto eu quero te ter por perto. Eu tenho que agradecer por você ter deixado eu entrar em sua vida e por você me fazer tão feliz, você não tem noção! Eu me sinto mais vivo com você. Já falei que sou muito sortudo de te ter?

Ultimamente os dias têm sido frios, e não é apenas porque a temperatura está baixa, é como se eu fosse uma mistura de carvão, enxofre e salitre, uma pólvora que precisa de combustão para explodir. E acho que isso explica muito bem a saudade que estou sentindo de você, é como se eu fosse um quebra-cabeças incompleto, mas as peças que restam não estão faltando, elas só estão distantes.

Acho que eu nunca vou me cansar de falar para mim mesmo o quanto sou sortudo em ter você. Não gosto mais de dizer que tudo isso foi o destino, porque o destino é algo tão programado que chega a ser chato, frio, e se tem algo que não existe entre nós é chatice e frio. A melhor colocação para isso tudo é o inesperado, uma surpresa, a melhor das surpresas que já tive, disso não tenho dúvidas.

No começo de tudo, confesso que eu tinha medo, medo de não ser a pessoa que você procurava, medo de te perder, medo de nada dar certo, mas você me fez enxergar que nós podemos sim dar certo. Na verdade, você não me fez enxergar e nem me sentir vivo, você me faz! Você faz eu me sentir vivo todos os dias, faz-me enxergar que a distância não é nada perto do quanto nós nos gostamos! Você me faz muito feliz! Eu posso não ser uma pessoa vinda das utopias (e ainda bem que não) e posso continuar com esse medo de te perder, mas eu quero continuar retribuindo toda essa felicidade que você me causa, quero ser a pessoa privilegiada que te fará ser a pessoa mais feliz desse mundo.

Acho que você é como a discografia do Pink Floyd, além de ser uma maravilha, não sai da minha cabeça e, por favor, eu te imploro que não saia. Fica um pouco mais, se quiser estender esse “pouco” para uma

eternidade, tudo bem, eu não me importaria nem um pouco. Você está presente em meus pensamentos a cada 60 segundos dos meus minutos e você sabe muito bem disso. Por mais que existam muitas dificuldades e desafios no meu dia a dia, quando estou falando contigo, quando estou contigo, tudo parece sumir, tudo parece ficar fácil! Você não tem ideia do bem que me faz e é você a pessoa com a qual quero contar, desabafar, dar risadas, contar piadas horríveis, é você a pessoa que eu quero para me fazer feliz, para te fazer feliz!

Desculpa por todas as vezes que eu não fui muito considerável, que eu fui ausente, por todas as vezes que te deixei triste ou mal, juro que vou melhorar nisso tudo, mas não posso prometer que vou parar de te incomodar.

Eu não vejo a hora de te ver, de te ter em meus braços, de te abraçar, te beijar, não vejo a hora de finalmente poder estar com você sem precisar me importar com tempo ou distância. Saiba que, para onde você for, eu estarei lá, do seu lado! Não me importa as dificuldades que virão, o tempo, os desafios, nem nada, você ainda vai ser meu raio de sol, e leve isso como uma promessa. Acredito que as dificuldades são essências para tudo isso acontecer, sabe? Deixa a chuva te avisar que o sol vai brilhar para você!

Eu só queria estar perto de você, fisicamente, entende? Te abraçar sem me importar com o tempo em que vamos nos despedir. Me sinto mal por não estar aí contigo, sabe? Eu não quero te ver triste, bicho, e não quero ser a causa de qualquer tristeza por causa da minha distância. Eu te quero um bem danado, e eu te amo muito, só não consigo demonstrar tudo o que eu sinto. Mas prometo que um dia conseguirei. Você me faz ter esperança em dias melhores todos os dias, e eu prometo que o dia mais lindo do ano será o dia em que você voltar para casa. Você é meu sol!

## **Voz de Prisão**

**Angelica da Silva Zanatta**

Henry acordou naquela manhã de sábado pronto para mais um de seus encontros. O ritual era sempre o mesmo, conhecia a garota e saía no máximo duas ou três vezes com ela, digamos que compromisso não era

uma de suas qualidades. Em compensação, charme e beleza lhe sobravam, e ele sabia como usá-los. Passou horas se arrumando, provavelmente mais do que a própria garota, pegou seu carro e foi buscar a acompanhante do momento.

Como era de praxe, levou ela até o interior da cidade, no campo, tão romântico que nem parecia ele próprio. O que ela não sabia é que, como em todos os seus encontros, ele iria ser o herói dela, automaticamente aumentando o seu ego e a paixão das garotas por ele, algo que Henry adorava. Ele pagava um amigo para fingir um assalto e assim poder dar uma falsa surra nele, dando a impressão de salvador da pátria para a menina, que ficava encantada com a bravura e coragem daquele homem. Coitadas. Ele fazia isso e dava a desculpa do trauma pós-roubo para não sair mais com elas, que ficavam com pena e davam o tempo pedido por ele, pena que o tempo era para sempre. Era uma boa tática para ele e péssima para as pobres garotas iludidas que esperavam meses por um telefonema.

O que ele gostava naquela situação era do poder que ele tinha sobre a situação, de proteger a menina, de estar sempre sob controle e de sempre ganhar, pois o amigo sabia fingir muito bem, assim como Henry. Porém, sempre haverá alguém mais esperto que você. Sempre.

Após mais um de seus golpes, ele voltou ao mesmo bar de sempre para encontrar sua próxima vítima. Na primeira meia hora ele já encontrou. Uma morena, linda, sorridente e baixinha, bem como ele adorava. Chegou para conversar com ela. Agatha. Ele achou que ela fosse como qualquer outra, o que ele não sabia é que ela era totalmente diferente, não pela sua beleza ou pelo seu jeito, mas sim pela sua profissão. Aquela mulher não podia revelar seu verdadeiro trabalho. Pela sua aparência ela realmente não aparentava o que fazia. Mas ela gostava de ter uma vida dupla, inventando histórias sobre seus falsos pacientes, sobre seu consultório odontológico, ou sobre a vida de médica no hospital, ou sobre seu Pet Shop, salão de beleza, enfim, para cada um havia uma Agatha, e para Henry, ela era uma simples veterinária.

As saídas estavam ficando mais frequentes, jantares, passeios, cafés. Então, para Henry já estava na hora de agir e depois desaparecer, marcou uma saída no sábado à tarde com Agatha e, é claro, com o amigo.

Arrumou-se tanto que beirou o exagero, mas ele pensava: “um herói não é nada sem sua capa”, então usava as melhores roupas nestas datas. Agatha estava ansiosa esperando por ele. Ela nunca havia conhecido um homem tão gentil e educado, mas o seu conto de fadas estava prestes a chegar ao fim. Compraram algumas cervejas e foram ao interior, ele pensando que nunca mais iria vê-la e a coitadinha imaginando o momento em que eles iriam voltar ali com os filhos, para contar a história de como se apaixonaram e se casaram.

Henry sabia como agradecer uma mulher, preparou um piquenique, cheio de coisas que ela já havia comentado que gostava de comer. Quem lhe ensinou a ser assim foi seu pai. As lições começaram ainda na adolescência, sobre como tratar uma mulher, o que elas gostam de ouvir e principalmente como falar com o sexo oposto. Ele havia sido treinado para ser um Don Juan, conquistador, apaixonante, enfim, o que a grande maioria das mulheres quer. Hoje, seu pai estaria orgulhoso da desenvoltura do único filho, que foi tratado a vida toda como um rei, e ainda hoje se sentia como um.

Em todos os seus encontros, o falso assalto acontecia no final da tarde, quando começava a entrada da noite, para dar um clima ainda mais tenso. Ele também precisava aproveitar o último encontro com as moças e sempre tirava uma foto com as mesmas. Em casa, ele mantinha uma espécie de coleção, tinha fotos com todas as mulheres que havia saído. Num momento de baixa autoestima, ele dava uma espiada para lembrar o quão homem ele era.

Agatha estava em uma espécie de transe, diria até mesmo apaixonada, nunca havia se sentido tão especial e única. Henry fazia de tudo por ela, dava carinho, beijava-a, fazia cafuné, e ainda por cima era cavalheiro, abria a porta, puxava a cadeira, ela estava crente que achou o amor de sua vida. Mas, ao mesmo tempo em que o seu coração estava inclinado, sua razão lhe afirmava que havia algo errado, ela sabia que o seu faro estava sempre certo.

Aquela tarde estava perfeita, eles riam, bebiam, tudo como Henry gostava. Para ele, tudo iria melhorar. A hora de seu plano entrar em ação estava chegando e ele já podia sentir a sensação de defensor em suas veias. Ele a convidou para voltarem à cidade, pois a noite já estava

entrando. A hora para bancar o herói era perfeita. Ele abriu a porta para Agatha e, como sempre, neste momento, o falso bandido o abordou, puxando Henry para trás.

Ao ver aquela cena, Agatha saiu correndo do carro, sacou sua arma de dentro da bolsa e se colocou entre seu amado e o bandido, para protegê-lo a qualquer custo. Simultaneamente, Henry começa a explicar aos gritos que tudo era uma brincadeira, que ela não podia atirar em ninguém ali, e desesperadamente pergunta por que diabos uma veterinária precisava andar com uma arma na bolsa. Naquele momento, Agatha percebeu como sua intuição estava certa e deu voz de prisão aos dois por forjarem um crime.

Agatha era a nova delegada da cidade. Havia sido chamada para investigar a razão de tantos assaltos a casais que estavam no interior, pois a cada mulher que Henry dava o golpe, era uma denúncia feita por elas. Como ele cortava relações com as mesmas, não ficava sabendo da denúncia, criando uma bola de neve.

E como já é dito há muitos anos, sempre haverá alguém mais esperto que você. Ou alguém que pode lhe dar voz de prisão.

## **Uma tarde no reino das lhamas cor-de-rosa**

**Anne Pivetta Dalmolin**

Durante as férias de verão, a família de Ester decide viajar ao Peru. Seu pai então, muito empolgado, resolve alugar um trailer para que todos viajem bem acomodados. No dia da saída, embarcam no trailer sua mãe Helena, seu pai Rafael e seus irmãos gêmeos mais novos Felipe e Gabriel. Com a família completa, inicia-se a tão esperada viagem. Após um longo caminho percorrido, chegam ao destino e hospedam-se em uma delicada e confortável pousada em uma pequena cidade. Como já era tarde, decidem descansar para, no outro dia, fazerem um passeio pelos pontos turísticos da cidade.

Ao amanhecer, Ester é a primeira a levantar-se e, ansiosa, acorda toda a família para o passeio. Após arrumarem-se e tomarem o café, a família segue para conhecer a cidade. Ao pararem em um dos pontos

indicados pelo guia local, a paisagem era de extrema beleza, algo nunca visto antes pela família, fato que deixou as crianças vidradas na natureza.

Um pouco mais à frente, enquanto andavam, Ester avista um animal de aparência muito simpática, tom gelo, com características semelhantes às de um pônei. Logo sai gritando ao encontro de sua mãe que, preocupada, não deixa a menina chegar perto da lhama, alegando ser um animal perigoso. Embora Ester tenha ficado triste, a família seguiu viagem, durante três dias.

Antes de voltar para casa, Helena decide parar na cidade, a qual ficaram hospedados no primeiro dia, para comprar lembranças a seus amigos. Enquanto ia às compras, Rafael levou as crianças a uma doceria que havia na cidade, deixando cada uma escolher o doce com o qual se despediriam da viagem. Após olhar atentamente cada doce, Ester escolhe um *cupcake* nas cores do arco-íris, seu pai paga e eles seguem viagem comendo o doce. Ao passar pelos montes, Ester avista a lhama, a qual tinha visto no primeiro dia e, desapontada, come seu lindo *cupcake*. Quando o termina decide dar uma cochilada. Quando acorda, nota que tudo ao seu redor está diferente. Surpresa, pede a sua mãe o que está acontecendo, a qual, de um modo estranho, também não sabe explicar. Como estavam todos muito intrigados, Rafael decide parar em uma casa pedir informação sobre onde estavam. O local era totalmente lindo e delicado, florido por toda parte e com animais transitando por todo lado.

Chegando na casa, a qual iriam pedir informações, encontram uma senhora sentada na varanda, ela fica conversando com Helena e Rafael. Enquanto isso, Ester aproveita para dar uma volta no quintal e depara-se com a lhama que tinha visto na cidade. Um tanto surpresa e com medo ela se afasta, mas para.

- Olá, meu nome é Marshmallow - disse a lhama.

Ainda muito pasma, Ester responde a lhama:

- Olá, meu nome é Ester, o que está acontecendo aqui?

- Bem-vinda à terra das Lhamas Cor-de-rosa, Ester! Você chegou em uma terra mágica, onde tudo o que você sonhar é possível, aproveite.

Muito feliz, Ester corre contar a novidade a sua mãe, que já não está mais ali. Restam apenas seus dois irmãos.

Então, a lhama Marshmallow explica à menina que apenas crianças poderiam viver nessa terra, pois são puras e têm a criatividade alerta a todo momento. Ester fica um pouco triste, mas corre abraçar seus irmãos e começam uma tarde divertida.

- O que é isso que está vindo ali na frente, Ester?

- Pelo que podemos ver é um bando de unicórnios, Gabriel. Aqui podemos brincar e voar neles, fazemos o que quisermos!

Nisso, os três irmãos sobem um em cada unicórnio, saindo para brincar e comer doces na terra das lhamas. Após passarem a melhor tarde de suas vidas, divertirem-se e comerem muito, Ester questiona a Marshmallow como fariam para voltar às suas vidas normais, com seus pais. A lhama, confusa, confessa que não tem a resposta para as crianças, mas que uma sábia girafa, que era a rainha do reino, saberia ajudá-los. Então, seguem todos em busca da girafa Lili.

Dada uma volta no Reino das Lhamas Cor-de-rosa, aparece o enorme castelo de coqueiros da girafa Lili, um lugar maravilhoso, com cachoeiras e nuvens de algodão-doce. As crianças, encantadas com o lugar, não conseguiam se mexer, apenas queriam morar ali, mas sabiam que não podiam e tinham que retornar aos seus pais. Por isso, foram conhecer a rainha. Quando encontraram Lili, ficaram surpresos com sua beleza. Ela era a girafa mais bela já vista por eles. Contaram a ela sua história e de como tinham adorado o reino, mas que precisavam ir para casa. Comovida com a situação das crianças, a girafa conta que só havia uma maneira de sair, que seria eles unirem-se e mostrarem seu amor de irmãos, assim conseguiriam acender as luzes cor-de-rosa do portal que os levaria à saída. Antes das crianças seguirem seu rumo para casa, a girafa deu mais doces a elas e apresentou seus amigos, então todos se divertiram. Ester juntou-se com seus irmãos e os abraçou forte, todos riram e nesse mesmo momento uma nuvem colorida se abriu a sua frente, na qual os três sentaram e adormeceram. Sem perceber nada, quando os irmãos acordaram, estavam dentro do trailer junto de seus pais, já chegando em casa.

Todos muito felizes começaram a contar a experiência que tiveram aos seus pais, que desacreditados da história, acharam que era

apenas um sonho que os irmãos tiveram. Os irmãos sabiam que não era mentira, sabiam de tudo que tinham vivido naquela maravilhosa tarde.

Então, quando chegaram em casa, Ester, Gabriel e Felipe juntaram-se no quarto de Ester e conversaram sobre todo o ocorrido e combinaram manter segredo, afinal queriam muito passar por tudo de novo. Todos de mãos dadas acabaram dormindo de novo, mas tudo que restou foram as lembranças do melhor dia de vida de cada um deles.

## **O abrigo**

**Arthur Chielle dos Santos**

### **1 – A mudança**

Com conflitos entre nações com poder nuclear, pessoas de vários países estão construindo, em suas casas, maneiras de se proteger dos possíveis ataques nucleares. Um alarme, que está no final do corredor da casa de Antônio, dispara às duas e meia da manhã. Permaneceu assim por alguns instantes, mas Antônio acordou, correu até o alarme. Qualquer outra pessoa se espantaria com o que estava acontecendo, mas ele, ainda atordoado pelo sono, olhou para o medidor de radiação e notou que poderia sair dali com as roupas apropriadas. Socou a parede e gritou: “Até que enfim!”. Após muito tempo de angústia, agonia e raiva, esperando por aquele momento por tanto tempo.

Seu coração disparou, ofegava rapidamente. Correu para a porta onde estava guardada as peças de roupa. Afobado, começou a revirar o traje, sem conseguir achar a abertura, por onde, literalmente, iria se enfiar. O traje era preto com faixas amarelas, uma máscara que tapava o seu rosto por completo. Tudo isso sem ter nenhuma abertura além daquela viseira. A máscara continha filtros contra a radiação e gases tóxicos, e visor escuro contra raios ultravioletas. Botas cobriam até metade da perna, eram de borracha, à prova de altas temperaturas e de água. Num instante, o alarme tocou novamente, ele que só havia vestido as calças da roupa, foi até o alarme, quando olhou, largou as roupas no chão. Se perguntava por que o alarme soou novamente. Sentiu-se completamente frustrado. Chegou mais próximo dos medidores de radiação. Ali mostrava que a radiação era letal para qualquer pessoa,

mesmo com aquele traje. Apenas alguns segundos em contato com essa radiação o levaria a ter sérios problemas de saúde e conseqüentemente a sua morte.

Antônio deitou-se em posição fetal, lágrimas escorriam por seu rosto, colocou as mãos na cabeça, pensando que, agora, o único lugar seguro era aquela sala e que ele não poderia sair dela enquanto os níveis de radiação não caíssem.

Olhava fixamente para aqueles medidores e não compreendia. Nem poderia, pois ninguém havia passado por isso antes, não existiam explicações em livros, não se podia fazer nada a não ser esperar a radiação se dissipar.

## 2 - O abrigo

Antônio se levantou, respirou fundo e caminhou em direção a outra sala. Sentou-se em uma poltrona, pegou o controle remoto e ligou a televisão. Apertou o botão no qual buscava qualquer canal que ainda estivesse funcionando. Ficou olhando para a televisão esperando algum sinal, como fez várias vezes antes, mas na tela só aparecia uma imagem estática, onde estava escrito: “Sem sinal”. Ele começou a se perguntar se alguém em algum lugar estava vendo algo assim, ou se todos os seus investimentos no abrigo haviam sido em vão.

A televisão possuía uma antena capaz de sincronizar milhares de canais de qualquer emissora do país. Demorou um tempo até Antônio perceber que nada chegava até ali. Irritado, desligou a televisão, levantou da poltrona e foi até o canto da sala onde havia um rádio. Mas o mesmo acontecia, um chiado grave soava pelas saídas de som. A radioatividade interferia nas ondas eletromagnéticas.

O tédio, que deixaria qualquer um transtornado. Ainda em seu abrigo havia um aparelho de som, Antônio ouvia vários estilos musicais como MPB e rock. Passava horas, todos os dias, apreciando as músicas. Pelo menos a radiação não havia tirado tudo dele.

Passaram-se alguns dias, Antônio tentou se comunicar pelo sistema de telefonia, mas nada funcionava. Lembrou-se de que seu abrigo não era composto só por aparelhos eletrônicos, havia uma biblioteca com uma boa variedade de livros, de vários assuntos, e jogos para se distrair. Sempre era bom ter algo para fazer para esquecer a solidão crua daquele

abrigo e também de como o mundo deveria estar lá fora. Antônio imaginava um mundo devastado, sem vida, com milhares de cadáveres pelas ruas, nada verde, nenhuma luz, tudo coberto de poeira, um mundo morto.

Acabou por sentar novamente no meio da sala, dessa vez ele pegou num tipo de telescópio que havia colocado em seu abrigo, para poder ver como estava no lado de fora, mas por causa da poeira e da fuligem das bombas nucleares, a lente estava suja, não tinha como olhar para o lado de fora do abrigo.

Cansado, foi para a sala ao lado daquela com todas as parafernalias eletrônicas. Era uma sala de estar. Nela havia um jardim interno para quebrar a monotonia dos móveis e aparelhos.

Samambaias, orquídeas e outras plantas faziam parte do cenário ali dentro. Um alívio para os olhos de quem não via as plantas da superfície há um tempo.

### 3 – A luta contra si

As estratégias de batalha que venceram lutas e conquistaram a liberdade de alguns países, acaba por ser uma mera história. Com uma mudança brusca, pessoas não se preocupam mais com tropas armadas. O medo é causar a destruição do inimigo, tendo como custo a sua destruição. Não se fazia ideia do potencial de cada país, com satélites e armamentos nucleares prontos para estarem em ação na guerra mais sofisticada que a humanidade já viu.

Antônio, quando pequeno, lia histórias de bravos generais comandantes e de suas tropas para aniquilar os inimigos, sempre vendo que o mais forte era o que conquistava as terras e as riquezas, tendo isso como uma filosofia de guerra. Mas, atualmente, preso nessa sala ele pensava consigo: “não importa quem tem um exército com soldados treinados, uma marinha ou uma aviação eficiente, a única coisa a ser feita era apertar um botão, para uma bomba atômica cair sobre seu oponente e aniquilá-lo”.

### 4 – O inverno nuclear

Antônio Nunes de Almeida tinha vinte e nove anos, era uns dos sócios da fazenda onde trabalhava com seu irmão José de Almeida. A fazenda se situava no interior da cidade de Seberi, no interior gaúcho,

com plantações de laranja e limão, criação de gado e pequenas matas cortadas por lagos e riachos.

Antônio sempre criticava José a respeito daquela construção, não entendia o medo que José tinha de uma guerra nuclear. Para Antônio isso nunca aconteceria. José era obcecado por História, as guerras eram seu maior interesse para estudo, as situações das maiores potências em desenvolvimento nuclear sempre atraíam sua atenção. Dava palestras focando o problema da destruição nuclear. José era casado, havia acabado de completar cinco anos de casamento. Tinham viajado para o nordeste quando o conflito havia começado. Uma pane geral nos sistemas de comunicação e computação devido às primeiras explosões. Perdeu-se o controle da guerra. Países como Estados Unidos, Rússia, Coreia do Sul e do Norte estavam na luta, largando bombas para todos os lados. Estudos realizados mostravam que, com tantas explosões nucleares, o céu ficaria coberto pela nuvem de radiação. Chegaram à conclusão, também, de que o clima da Terra mudaria totalmente.

Devido à explosão de alta energia no solo, a temperatura nos locais das explosões desceria a menos de zero grau e exterminaria as formas de vida sensíveis ao frio. Com o tempo, a poeira dessa explosão se espalharia pelas correntes de ar, levando o planeta inteiro a um inverno nuclear. Rios e lagos além de estarem contaminados pela radiação, estariam se congelando rapidamente.

Os artefatos que foram explodidos liberariam óxido e dióxido de nitrogênio. Esses compostos reagem com o ozônio da atmosfera e acabam por eliminá-lo, deixando o caminho livre para os raios ultravioletas. Depois das explosões, a Terra ainda seria castigada pela radiação ionizante, levada também às altas camadas da atmosfera e desceriam durante meses - conhecida como precipitação radioativa.

##### 5 – Sobrevivência

O despertador toca mais uma vez. Já são oito horas da manhã. Antônio senta na ponta da cama e conversa consigo mesmo. Acostumado com a solidão, ele até trocava de lugar para simular outra pessoa conversando com ele; imaginação, para não se sentir tão só. Foi ao banheiro, olhou-se no espelho mais de uma vez, lavou os olhos e escovou os dentes, retornou para o quarto e trocou de roupa. Obrigava-se a fazer

esses atos rotineiros para não perder o controle mental. Toda manhã olhava o medidor de radiação, esperando a hora de poder sair do abrigo. Seguiu até a cozinha, ou como costumava chamar, armazém, pois era a maior parte do abrigo, com toneladas de comidas que sustentaria uma família de quatro pessoas por alguns anos. Pegou o leite, o açúcar e o café, misturou tudo e colocou num copo, sentou-se na mesa.

Depois de tomar o café, Antônio comeu umas bolachas. Escovou os dentes mais uma vez e foi ler na sala. Pegou um livro sobre desarmamento que estava na estante, José havia escrito na contracapa do livro sua opinião sobre o assunto. Os países mais desenvolvidos têm armas para se defender e enfrentar qualquer outro. Antônio sentia falta de seu irmão e de sua família, mas sabia que todos estavam mortos. As explosões nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro causaram congestionamento no tráfego aéreo e terrestre de quase todo o país. Depois de quase um ano, a maior parte da fuligem fixada na atmosfera se degradou. Os raios ultravioletas acabaram com as últimas formas de vida que resistiram ao frio e radiação. Nem ilhas distantes escaparam. O planeta lentamente começava a produção de ozônio, o sol voltou a brilhar entre as nuvens e agora, depois de pouco mais de um ano após a guerra, a radiação apresentava espaços e os raios ultravioletas estavam ficando mais fracos.

#### 6 – Um recomeço

O alarme da parede dispara, Antônio levanta-se correndo e olha o medidor de radiação. Ele estava livre. Podia sair do seu abrigo com as roupas adaptadas. Uma mensagem aparecia na tela do alarme: “estoque de semente aberto”. Antônio olhou aquela mensagem e deu uma leve risada agradecendo seu irmão. Ele havia pensado em tudo, eram sementes de árvores frutíferas e plantas comestíveis. Escavando a terra um metro abaixo, após a radiação diminuir mais, ele sobreviveria mesmo após os alimentos de seu estoque terem acabado.

Animais e seres vivos estavam extintos do planeta, mas havia a esperança de peixes, que vivem a mais de quinhentos metros de profundidade, terem sobrevivido e, com o tempo, se desenvolverem e criarem as espécies que o homem devastou.

Quando ele volta para o abrigo, escuta uma voz com um pouco de interferência no rádio, que perguntava: “Alguien...Responda...Quién está hablando es Bárbara! Argentina, Argentina!” Antônio assustou-se, mas teve calma, apertou o botão e respondeu: “Jo soy Antônio! Brasileiro, brasileiro!”.

Os seres humanos não seriam extintos. Para sempre se contaria uma história de uma época onde a população mundial sofreu pela devastação das bombas atômicas.

## **Dribles da vida**

**Bruna Vanin Hedges**

Domingo...

Amanhecia. A rua da favela Anjo Bom estava calma, era apenas mais um dia. Logo a calmaria era tomada pelos gritos dos meninos que corriam jogar o sagrado futebol. Em uma quadra de chão batido marcada com pedra, a felicidade tomava conta. Daniel era sempre o primeiro a chegar. O jogo só começava com ele. Tinha uma bola de couro, autografada pelos jogadores da seleção.

Daniel tinha 12 anos. Era o melhor jogador da rua. Já havia feito vários testes, que por condições financeiras não pôde continuar. Sonhava alto, imaginava-se brilhando em campo com o Brasil inteiro vibrando por ele. Na favela, todos acreditavam no seu potencial, por onde passava surpreendia com sua habilidade.

Segunda-feira:

O mundo vibrava. Iniciava-se a Copa do Mundo. Os olhos de Daniel brilhavam em frente à tela da pequena televisão. Anjo Bom estava enfeitada, bandeirinhas verdes, amarelas e azuis por todo lado. Apitos e buzinas abafavam o local. Coreia do Sul, lá acontecia a Copa. Brasil driblava para conquistar o hexa. A semana começou, a vida continuou. Menos para Daniel, que não queria ir à aula durante a semana. Por ele, ficaria apenas vidrado em frente à TV. A cada gol vibrava, chorava de emoção e de esperança, a cada drible seu sonho crescia. Era um menino muito prestativo. Acordou cedo para vender os doces que sua mãe fazia. Apesar das dificuldades que enfrentavam, sua mãe presava pela honestidade, batalhava para dar uma vida melhor aos filhos.

Terça-feira:

O Brasil jogava contra a Croácia. Os bares estavam cheios para assistir ao jogo. Daniel não teve outra opção, teve de ir ao colégio. Saiu de casa desanimado, na escola não conseguia prestar atenção na aula, pois o sentimento de ansiedade o dominava. O assunto dos colegas era o jogo.

Chegou a grande final... Jogo competitivo e decisivo. O Brasil contava com o jovem craque da seleção, Daniel. Acabava a prorrogação iniciavam-se os pênaltis. A tensão tomava conta do estádio. Daniel era o último a bater o pênalti cara a cara com o goleiro, a torcida gritava por ele... Daniel, Daniel, despertou ele com os chamados da professora. Assim, a aula custou a passar, e o dia a terminar.

Quarta-feira:

Parecia que o resto da semana vinha a cavalo. O domingo se aproximava lentamente. Daniel acordou, ligou a televisão para acompanhar a tabela dos jogos, durante a manhã ficou em casa com a desculpa de que não estava se sentindo bem. Ao entardecer pegou a cesta de doces e saiu vender.

Passando por um bar, sentou em uma mesa na calçada de frente para a TV que passava a reprise dos melhores artilheiros até então. Ficou lá por um tempo, imaginando um futuro perfeito. Quando se deu conta, a cesta de doces que estava atrás da cadeira havia sumido. Perguntou para as pessoas em volta, ninguém tinha visto. Começou a andar em direção à favela, triste, sabia quanto sua mãe sofria para sustentá-los e o quanto tinha sido irresponsável. No caminho foi pensando como poderia explicar para sua mãe que não vendeu nada e que havia perdido a cesta. Como castigo, ficaria sem acompanhar os jogos até domingo, nada de televisão. Tendo de achar uma maneira de ganhar dinheiro para comprar outra cesta.

Quinta-feira:

Saiu da escola e foi direto para o clube onde arrumara emprego. O clube tinha um campo de futebol onde aconteciam as peladas semanais entre amigos. Daniel acabava de juntar as latas espalhadas pelo chão quando foi chamado por seu patrão. Estava com uniforme de futebol, era um homem jovem e, pelo que demonstrava, levava a vida de uma maneira radical. Perguntou para Daniel porque trabalhava, sendo tão novo, e se

surpreendeu com tanta determinação para um menino tão jovem. Todos os dias após o expediente, os funcionários jogavam uma partida de futebol. Daniel jogou descalço mesmo e, no final da partida, recebeu muitos elogios e incentivos pela habilidade que possuía.

Sexta-feira:

Daniel acordou, antes do que costumava, com os chamados do irmão alarmando visita. Levantou-se e foi até a sala. Estavam sua mãe e um rapaz sentado de costas para ele. Ao se aproximar, reconheceu-o, era seu patrão. O motivo que o trazia até sua casa, foi o mesmo que fez Daniel chorar de alegria. Gabriel, dono do clube onde estava trabalhando, era professor da escolinha masculina no bairro. Veio conversar com a mãe do menino, pedir autorização para que levasse seu filho participar de uma peneira nacional, a qual selecionavam jovens que dominavam o futebol.

Sua mãe sempre o incentivou, apesar de acreditar que o futebol não deveria ser sua única opção no futuro. Sabendo do talento do filho, aceitou. Iria para a aula, à tarde para o serviço, e sábado de manhã deveria estar às 9 horas no clube. Daniel não escondia sua felicidade, correu para se arrumar para a aula. Era o fim de semana mais esperado de sua vida.

Sábado:

Mal amanhecia o dia, Daniel já estava em pé. A felicidade estava estampada em seus olhos azuis, que brilhavam. Ajudou sua mãe a embalar os doces como forma de agradecimento. A alegria era tanta que sua mãe o liberou para ligar a TV e para que, assim, pudesse acompanhar a tabela da copa.

Às 16 horas, o Brasil jogaria contra a Argentina. Sua felicidade triplicou ao ver que seu time estava na semifinal. Em frente à TV fez uma oração agradecendo pela oportunidade que estava tendo e pediu, com todas as suas forças, para o Brasil passar para a final e ele poder realizar mais um sonho: ver seu time campeão da Copa. Pegou seu porta-chuteira e saiu adiantado de casa para ter certeza de que chegaria a tempo. Chegando ao clube, encontrou Gabriel que o apresentou a um grupo de homens uniformizados. No casaco de um estava escrito Coordenação do Verdão que, aproximando-se de Daniel, o cumprimentou dizendo que ficou sabendo de sua agilidade com os pés. Logo o clube estava cheio de garotos, assim formando 4 times, independentemente da idade. Todos se

enfrentariam. Realizado por sorteio, o time de Daniel iniciou a competição.

Depois dos testes e todas as partidas, os olheiros começaram a selecionar. Dos 50 meninos, 20 foram selecionados, e Daniel estava entre eles. Apesar de ser o mais novo dentre os selecionados, foi o mais elogiado. Agora, ele tinha um time. A partir da próxima semana começaria sua caminhada em busca do que ele sempre sonhou.

Domingo:

O dia amanheceu feliz. O país do futebol estava em festa, o mundo estava ligado por um jogo. Na favela, o combinado era de todos assistirem ao jogo na quadra, que seria transmitido por um telão. Brasil e Alemanha, a expectativa dos brasileiros aumentava com o tempo. Apita o árbitro. Inicia-se a tão esperada final. Os tempos passaram voando e nada do placar sair do 0X0. Foi para os pênaltis, jogador por jogador. O Brasil estava um gol à frente. Seria o ano do hexa. Neymar foi o último a chutar. Lá estava ele, posicionado à frente do mundo. Todo olhar fixo no telão foi disperso pelo barulho de tiros. Enquanto Neymar levava o Brasil ao hexa, um futuro imaginado terminava. O menino craque, invejado até pelos garotos com o dobro de sua idade, só não conseguiu uma coisa: driblar uma bala perdida.

## **O Diabo na Terra**

**Carlos Germano Geller Radaelli**

Entediado e infeliz como o Senhor do inferno, Lúcifer abdica de seu trono e abandona seu reinado para viver na atordoada Los Angeles. Lá, ele dá início a outros empreendimentos: abre uma lanchonete de dia e trafica drogas à noite, desafiando-se a viver sem seus poderes divinos. A vida que parecia fácil, torna-se um "inferno" para Lúcifer. Viver na terra não será tão fácil quanto parece. Em seu primeiro dia na terra, Lúcifer encontra-se com um pregador charlatão que falava em um megafone.

- É o fim dos tempos! O diabo está entre nós!

- Padre, você não sabe o quanto está certo. Mas não há com o que se preocupar, aproveite a vida! - Lúcifer fala ao se aproximar.

Surpreso, o Padre indaga-o.

- Você já viu a face do Diabo?

- Toda manhã no espelho, meu nobre. - Lúcifer responde com ironia.

- Isso mesmo! Ele está em todos nós! Veja as guerras, as desgraças, a luxúria, a miséria! Isso é obra do Diabo! Exclama o Padre.

Com calma e delicadeza, Lúcifer responde.

- Não me dê créditos de tudo isso, vocês humanos viram-se muito bem sozinhos.

Então, Lúcifer ajeita seu paletó e continua a andar pelas ruas de Los Angeles até chegar em sua lanchonete, depara-se com seu estabelecimento pichado por vândalos. Sem entender o que havia acontecido, Lúcifer decide começar a fazer suas rústicas esfirras de carne com queijo. Após algumas horas de serviço árduo, surgem dois "clientes" encapuzados que se aproximam do balcão e, num piscar de olhos, um deles saca uma arma e aponta diretamente para Lúcifer.

- Passa tudo, e sem gracinha! Exclama o homem de jaqueta preta.

Estressado, Lúcifer decide não reagir, e entrega todo o dinheiro do caixa, enquanto os assaltantes fogem, em uma motocicleta, para as colinas. Lúcifer, frustrado, decide encerrar o expediente mais cedo, indo descansar em casa antes de seu próximo trabalho. Chegando em sua casa, Lúcifer depara-se com uma de suas janelas quebradas e presume que os culpados são os meninos arruaceiros da rua de baixo.

- Algum dia ainda pego aqueles moleques, disse Lúcifer bufando de raiva.

Logo após descansar, Lúcifer decide rumar para o seu segundo "emprego". Após esperar várias horas em sua boca de fumo, sem sucesso de vendas, Lúcifer decide experimentar algumas substâncias alucinógenas, entre elas Heroína, que o deixa viciado. Perdido na noite, sem rumo e o que os adolescentes chamam de "doidão", Lúcifer decide entrar em um bar, senta-se em uma mesa e avista uma mulher belíssima escorada no balcão. Com seu charme, aproxima-se dela e fala:

- Oi bela moça, você vem sempre aqui?

A moça, um pouco assustada, grita:

- Esse maluco tentou me agarrar!

Num instante, aparece o dono do bar e junto dele três enormes seguranças.

- Não precisa usar de violência! Desabafa Lúcifer, que estava suando frio.

- Esse homem tentou agarrar minha rapariga, peguem ele! Exclama o dono do bar com ódio no olhar.

Foi quando Lúcifer se viu em uma grande enrascada. Como última solução, tentou, sem sucesso, pular a janela do cafofo e, em um erro de cálculo por culpa das drogas, deu de cara com a parede. Logo em seguida, foi apanhado pelos seguranças que, sem dó, bateram-lhe e jogaram-no em direção à rua em frente ao bar, local exato onde Lúcifer adormece. Após algumas horas desmaiado, acorda com desconfortáveis pingos em sua cara. Foi quando se deu conta que tais pingos eram urina de um cachorro que passava por ali.

- Para mim chega, murmurou o Belzebu, que em seguida retornou para sua casa.

Chegando em seu domicílio, tomou um banho rápido, tomou seu café da manhã e voltou correndo para a lanchonete, pois já estava atrasado. Ao se aproximar do recinto, notou a presença de dois homens revestidos com ternos pretos parados em frente à sua porta. Um deles perguntou:

- O senhor é o dono do estabelecimento?

- O próprio! E quem são os senhores? Perguntou.

- Somos agentes sanitários, estamos aqui por que recebemos uma denúncia e precisamos fazer uma inspeção.

Lúcifer, preocupado e sem ter uma saída, deixou que os homens entrassem. Como esperado, os agentes encontraram ratos e baratas na cozinha, também notaram que uma grande parte dos alimentos estavam vencidos.

- O senhor será multado com a perda de seu restaurante, disse um dos agentes com serenidade no olhar.

- Vocês não podem fazer isso comigo, esse é meu único ganha-pão, mentiu descaradamente o Tinhoso.

- Infelizmente só estou fazendo o meu trabalho, senhor, argumentou um dos agentes.

- Precisamos que o senhor se retire, o local será interditado.

Lúcifer, cabisbaixo, e “sem um pinto para dar chute”, teve que deixar sua querida lanchonete para trás. Mais uma vez, O rei do Inferno se vê obrigado a voltar para sua casa, onde encontra um bilhete em sua porta que dizia.

"Caro Sr. Lúcifer, verificamos em nosso sistema que o seu pagamento está atrasado, caso não pague até o fim do mês o senhor será despejado. Atenciosamente, o proprietário"

Lúcifer se viu em um beco sem saída, sua única opção era voltar para sua boca de fumo, mas foi surpreendido por uma viatura que estava patrulhando a área. Os policiais revistaram-no e imediatamente lhe encaminharam para a prisão, onde ele deveria passar a noite. Ao entrar na cela, deparou-se com um menino negro sentado em uma das camas. Logo perguntou ao jovem.

- O que fez para estar aqui?

O menino então respondeu:

- Roubei um mercado, estava morrendo de fome.

Nesse momento, Lúcifer sentou-se no canto da cela e disse:

- Um lugar com tantas injustiças, onde a miséria e a ignorância humana tomam conta não merece ser chamado de Terra, mas sim de Inferno!

Foi com essas palavras que Lúcifer desapareceu e retornou ao seu lugar no submundo.

## **Algo errado não está certo!**

**Carol Bruna Dalla Valle Buzatto**

Uma rotina chata, entediante e desgastante, na qual a maioria dos jovens adolescentes vive, inclusive eu, mas bem diferente da moça que eu encontrava todas as quartas-feiras no mercado. Menina inquieta, com vontade de sair pelo mundo sem um rumo, porém controlada e com a vida, por assim dizer, predestinada pela sociedade. Normalmente, os jovens nascem, estudam, vão para a faculdade e trabalham até morrer, para acumular papéis em suas carteiras, mas a moça que eu encontrava no mercado não era assim.

Ela me contava histórias e planos para a sua vida. Dos estilos mais loucos e impossíveis e me deixava com uma vontade de viver, a qual se perdia quando eu chegava em casa. Rotulavam-na como louca, mas eu não sabia o porquê, pois achava extremamente inspirador o modo dela viver, sorrir e, até mesmo, falar. Totalmente fora dos padrões, não ligava para o que pensavam dela, só tinha o pensamento concreto de que não queria ser mais uma no mundo, onde a sociedade define o que você deve ser ou fazer.

Certo dia, encontrei-a novamente no mercado, mais especificamente no corredor das bebidas e, como normalmente, surgiu uma nova história, dessa vez sobre uma viagem que ela fez há cerca de alguns anos atrás. Contava que foi a melhor viagem da sua vida, e olha que para ter sido a melhor viagem da vida dela, deveria ser muito boa mesmo, porque já havia viajado para mais de 60 países, com apenas 24 anos.

Estava lá eu, pronta para saber mais uma história incrível sobre a vida da moça que mal me conhecia, e eu a ela, mas durante praticamente dois meses eu a encontrava no mercado da esquina, no mesmo corredor de bebidas e sempre me contava algumas das suas experiências de vida, sem medo ou receio de alguma reprovação vinda de mim. Quando ela começou a contar sobre a tal viagem, o telefone tocou e ela saiu correndo com um olhar de desespero, dizendo que tinha assuntos para tratar e que na próxima semana voltaria para me contar sobre a sua melhor viagem, no mesmo corredor e horário.

Fui para casa, triste, mas com uma enorme curiosidade e ansiedade depositadas para a semana seguinte. Toda quarta-feira era um dia da semana especial para mim, por mais que eu não a conhecesse, as proezas realizadas pela moça durante a vida me fascinavam e deixavam-me com um sentimento de, como posso escrever, liberdade! Essa era a palavra que eu desconhecia em minha realidade cotidiana.

Eu pouco saía de casa, meus amigos já haviam saído morar fora dessa cidade que todos detestavam e eu estava completamente entediada por estar na mesma cidade, rodeada pelas mesmas pessoas, com as mesmas coisas para fazer no final de semana, todo dia era um dia chato

e desperdiçado. Mas, ao lembrar que na quarta-feira eu iria ver a moça do mercado, que não trabalhava no mercado, meu ânimo já subia.

A semana passou e chegou a minha tão esperada quarta-feira. Fui mais cedo ao mercado, na esperança de encontrá-la mais rápido e saber da melhor de todas as viagens. Não sei o que aconteceu, mas aconteceu. Ela não chegava e até pensei em ligar, mas como poderia fazer isso se eu não sabia nem o nome dela. Naquela manhã, permaneci no mercado, sentada no corredor de bebidas e realmente desanimada. Estava certa de que a encontraria ali nesse dia e, como não aconteceu, isso era só mais um fato indiferente na minha vida, já que me acostumei a tudo dar errado.

Por mais que eu não soubesse seu nome ou de onde ela era, eu gostava muito da sua personalidade e em algumas situações me espelhava nela para fazer decisões “importantes” na minha vida. Sem querer, eu me apeguei a ela, creio que ela também tenha gostado de mim ou, pelo menos, era o que aparentava.

Passaram-se os dias da semana e, novamente, a quarta-feira chegou. Como fazia parte do meu cotidiano, fui ao mercado e, infelizmente, como na semana passada, ela não apareceu e assim estendeu-se durante o mês inteiro. Com lembranças dela vindo constantemente pela minha mente, comecei a ficar preocupada e, também, como sou um pouco curiosa, decidi ir atrás de seu paradeiro. Mas por onde começar? Eu não sabia seu nome, de onde era ou qualquer coisa do tipo, apenas sabia que era uma moça que aos 24 anos já havia viajado e aproveitado muito nessa vida.

Na quarta-feira seguinte, fui ao mercado disposta a procurar por ela, talvez com sorte de encontrá-la e saber mais sobre ela, sair para tomar um café, criar uma amizade e não somente saber de fatos sobre a sua vida, como sempre fazia. Fui até a recepção do mercado e pedi sobre a tal moça que sempre vinha nas quartas. Solicitei que verificasse o cadastro da ficha de contas do mercado de todas as quartas dos dois meses passados, mas o carinha da recepção não deixou, pois violaria as leis do estabelecimento. Diante de tanta dificuldade e curiosidade, subornei o carinha com todo o dinheiro que tinha e, agora sim, era uma questão de honra achá-la. Alguns minutos se passaram e ali estava ela: Carla Bruna.

Achei o nome bem nada a ver com o que ela aparentava ser e não me era estranho, mas isso não interessava naquele momento.

Na ficha constava seu endereço e profissão, o que mais me intrigou foi o fato de constatar que ela era uma simples faxineira. Eu não acreditei na hora que li, fiquei pensando: como assim!? Ela havia falado que era sócia proprietária de uma agência de turismo, algo errado não está certo.

Com questionamentos assim na cabeça, eu andava e me perguntava o porquê aquela simples moça, com um sorriso de orelha a orelha, um olhar de aventureira e a liberdade em suas mãos, me contava suas histórias e me encantava tanto.

Andei até o bairro onde a moça do mercado, ou melhor, Carla Bruna morava. Ao chegar perto, tive que pedir por mais informações para uma moradora local e ela me respondeu:

- Moça não queira ir atrás dessa pessoa, ela é Carlinha Bruninha, a traficante mais procurada desta região, mas se quiser ir, pode! É logo ali virando à esquerda no prédio verde.

Com total certeza eu iria continuar, pois não havia acreditado em tamanha mentira. Subi as escadas e já escutava gritos, mas continuei. A cada passo o barulho aumentava, mas a minha curiosidade em descobrir quem ela era de verdade era maior que qualquer medo que eu passasse.

Ao chegar na frente da porta, logo entrei, pois estava entreaberta. Sem qualquer anúncio da minha presença na casa, fui ao encontro dos gritos. Quando cheguei na cozinha, escutei um enorme estouro, e do nada observei o corpo de uma mulher caindo com sangue por todo o lado. Não cheguei a ver o rosto, logo em seguida ouvi outro estouro, só que dessa vez havia uma dor absurda no meu próprio peito.

A dor era tanta que mal fiquei acordada por um minuto sequer. A ardência no peito, a perda de todos os sentidos e o sangue pelo meu corpo inteiro eram consequências de uma bala que havia perfurado muito próximo ao coração e fez eu dar meu último suspiro na vida terrestre.

## **Amigos são amigos, nada mais!!! Amigos... podem namorar?**

**Deborah Ruviaro**

O interfone tocou. Quando abriu a porta e o viu parado ali, ela ficou radiante de felicidade. Não esperava que ele viesse.

- Ocupada?
- Não. Ia tomar um suco.
- Está esperado alguém?
- Não, ninguém.
- Ah, que bom!

Por um momento, os dois ficaram calados. Era como se ainda estivessem sob o impacto da doce surpresa do encontro imprevisto. Para que falar? Assim não basta? Nossos “eus” secretos não precisam de palavras. - pensou ela.

- Como é bom estar aqui com você... - disse, ele.

Ela serviu o suco. Ele pegou e bebeu um pouco, refletindo. Precisava de um tempo para se acalmar! Queria um tempo para esquecer toda a familiaridade que possuía com ela. Pois o que havia de especial na amizade entre eles era a ligação das mentes que se mantinham abertas uma à outra. Respeitavam-se. Não eram adolescentes.

E o melhor de tudo era que os dois tinham idade suficiente para aproveitar a aventura ao máximo sem qualquer envolvimento emocional. A paixão estragaria tudo, sabiam muito bem disso. Afinal, não eram principiantes – ele estava com quarenta e três anos e ela com trinta e oito – haviam tido suas experiências, mas agora era o tempo de colheita.

Ela serviu bolo. Ele suspirou.

Veio entre eles um silêncio. Não se parecia em nada com a satisfação que se seguira a saudação da chegada. “Bom, aqui estamos nós de novo e, podemos retornar desde nossa última tentativa”...

E então, os dois romperam o silêncio. Um recolheu o suco, o outro guardou o bolo. Os dois fugiram. Sentaram-se no sofá, ela com os pés sob o mesmo e ele se reclinou nas almofadas. Depressa! Depressa! Precisavam impedir que o retrocesso surgisse.

- Bem, li o livro que você me emprestou.

- Ah, e o que achou?

Engataram uma conversa e tudo era como sempre...O coração dele batia, a face dela ardia e a tolice era que não conseguiam descobrir o que estava acontecendo. Outra vez estavam lá.

Porque simplesmente não davam espaço e viam o que estava acontecendo? Que a preciosa amizade deles estava em perigo?

- Do que estávamos falando?

- Nada de importante.

Que espetáculo armado por nós dois! Pensou ela. Desta vez ficaram em silêncio por puro desânimo.

O relógio mostrava 10 horas da noite.

No entanto, para seu desespero, ele disse:

- Preciso ir, vou encontrar o Vitor às 11 horas. Simplesmente saltou da poltrona e ele a ouviu falar.

- Você me feriu, você me feriu – falou ela. Não deu chance a ele de repensar sua atitude, abriu a porta externa. Poderiam se deixar assim? Como? Ele parou e ela, do lado de dentro, ficou segurando a porta. “Você me feriu – você me feriu. Não vá. Fique. Não vá.”, pensava ela. Olhou a noite lá fora.

Correndo para dentro de casa, comportou-se como uma menina que perdeu o doce preferido: Correu de um lado para outro, erguendo os braços e berrando: “Que idiota”! Que imbecil! Que idiota! – foi deitar-se na cama, em fúria. Tudo acabado. Nunca mais iria vê-lo. Depois de uns dez minutos, toca o interfone. Foi voando atender. Era ele...

Quando desceu para recebê-lo, encontrou na porta de entrada do edifício aquela velha mendiga que ficava sempre por ali. Ela a idolatrava e tinha o costume de lhe falar sempre que ela abria a porta:

- “Minha querida, pode me enxotar!”. Nunca a enxotava. Com boa educação, dizia para entrar, deixava que admirasse tudo e aceitasse uma ajuda financeira.

A boa senhora agradeceu e tirou um buquê de violetas, ainda com terra, o qual, provavelmente, foi apanhado de algum jardim. Ela abraçou a velha amiga com ternura, dizendo:

- Boa noite minha amiga, volte logo.

- Oh, volto, volto sim.

Desta vez ela retornou para casa com os olhos cabisbaixos, sentido-se tão leve, tão repousada. Até respirar era uma alegria.

Tudo na sala estava desarrumado, ela pôs em ordem, pegou o celular e foi para o *WhatsApp* - escreveu uma mensagem para ele.

“Tenho pensado sobre nossas conversas e atitudes... mas é isso que quero dizer-lhe: Boa noite, meu amigo, meu irmão. Você sempre será meu amigo”.

Volte logo!

## **Parlatório devaneado**

**Enzo Morssolin Cavalli**

### Capítulo 1: O devaneio

...Porque assim se fez o mundo tão turvo, tão toldado de maneira que nem sua consciência jamais pudera concebê-lo. Pois, assim iniciaram-se as estrelas daquele dia...

Já tendo comido do pior prato de insetos a ter sido derrubado pelas mais intensas forças da natureza, há pouco resquício de reação, e abruptamente Ele se vê vítima do que parecem ser as coisas para as quais não tem resposta, como se o dono do destino tivesse finalmente o abandonado. Por fim, em quase devaneio, porém consciente da temível conjuntura, repara que sua confabulação se dá com algo obscuro e irritante, que ao mesmo tempo suga de suas veias, o sangue, e lhe proporciona um horrível conforto, o qual o atrai à mesma realidade de onde começou. Sendo assim, esse “Trasgo” não parece ser tão horrendo quanto Ele imaginara.

- Diga-me então, através desses “tudos e poucos” se há narrativas de sua vida em que o ultrarromântico é pobre perante a esperança condoreira, - pergunta “Trasgo”.

- Não sei..., e quem és tu para questionar os sóis e as luas de minha alma? E sim, eu sei que eles dançam em minhas memórias, mas agora para cada mil sorrisos em palco, haverá lágrimas mil vezes mais pesadas fora dele, - declara Ele.

- Digo-lhe então que és egoísta. Digo, pois da forma que fazes todas as consequências dessas ações e reações recaírem unicamente sobre

ti, o mundo o vê perdido, dissimulado, atormentado, como se já tivesse dado o que tinhas que dar, - replica “Trasgo”.

- Não faça pouco de minhas decisões ou acovardamentos ou até mesmo egoísmos, já que agora são apenas causas de uma realidade que o “inepto” não consegue compreender. E todo esse recaimento, acredite, é apenas um espantalho das minhas vontades, estas que já consumidas pelo brilho ardente em concomitância com minhas esperanças evanescem perante essa realidade.

### Capítulo 2: A história

E no que relatasse ser a fúria de centenas de homens em guerra, Ele vai de encontro àquilo que já viveu. Igualmente, o “trasgo”, como sempre, o acompanhando e o vivendo.

- Se é assim que quer que façamos seu conjunto de cantos, deixe-me ajudá-lo... Sei que se lembra daquele sol que deixou passar, não sendo tão cheio de esperanças, mas pelo menos o situava dentro da orquestra da vida. Digamos..., distraia-o de outras “luas” que vinham incessantemente, e eram muitas, mas você nem percebia, tanto que... , - refletiu Trasgo.

- Já sei! Mas o que quer remoendo histórias que para mim são apenas causas e mais causas? Sóis ou luas, hoje isso nem mesmo importa. Tudo que tange, ferra, destrói, corrói, ama, odeia, proclama, reclama... Meu Deus! São apenas causas e mais causas. Já me decidi, me recuso a ouvi-lo. Posso ter mente devaneada ou qualquer coisa, mas sei o que quero fazer, e você é somente mais uma pedra em meu caminho e nada mais. E, além disso, como você disse, tudo isso se resume a mim, não cometo pecado a alheios, e cometê-los a mim mesmo pouco importa - refletiu Ele.

Sobre a mais alta tensão eles se veem angustiados nesse jogo de provocações e negações, onde o mais fraco e o mais forte que está nos dois, faz negociação com a própria sensação de viver. E o que faz sentido em toda essa discussão já foi deturpado em suas concepções. Isso é claro, se houver um sentido. De qualquer maneira, tudo começa a se parecer como um olho de furacão a partir de um momento, mas como se nunca iriam sair de lá.

### Capítulo 3: Sensação

Já decidida a trilha final, ele se comporta indiferente perante o “trasgo”. E em uma concepção completamente gélida, pensando que o mundo se faz de tonto, Ele, portanto, deve fazê-lo a si mesmo de sua maneira.

- Já não tenho mais necessidade de falar contigo, só continuo pelo dever e pela vontade. Pois, esse seu doloroso abraço, não sei o porquê, me conformou, e agora me sinto como você quando iniciamos nossas dúvidas e devaneios. Se lembra? - disse Trasgo.

- Não sei o que dizer... Quando o desconforto se pôs em mim... A partir de lá já vinha devaneando e proclamando o que sinto, não é como se eu me importasse com isso nas nossas atuais situações, já que são tudo causas não vale a pena nem lembrá-las - disse Ele.

Desta maneira, o “Trasgo” não tem mais nenhuma influência sobre Ele, na verdade, nada o comove, já está firme e não pensa em recuar. Todos os sóis e luas já não fazem mais diferenças. E tudo se compunha em um eufemismo eterno, até que desgastante, onde mesmo a verdade é metaforizada. E nessa chuva de sentimentos, expostos os últimos suspiros de rivalidade são liberados e o Ele segue seu caminho, mas como sempre, o “Trasgo” o acompanha e o vive.

- Tem algo mais que eu possa exprimir de minha bagagem ou nada lhe serve agora? - perguntou Trasgo.

- Tudo que me serviu já ficou para trás, memórias cansadas já não preciso mais, e aquilo que me segurava...? O que era mesmo? Enfim, não sei se no meio do caminho eu perdi o controle da direção ou mesmo não pude tomar tudo para mim e procurar alternativas...Já sei! Acredito que nada me faltou, mas sei que agora escolherei o caminho correto. Então tudo que tenho a lhe dizer é adeus. Isso foi sim uma aventura muito interessante. Se eu parar para pensar, fico cada vez mais curioso de como seria esse final em “mãos de outros que pensam”. Pois é... - refletiu Ele.

Vendo o fim, os dois se calam. O que há a frente dessa trilha também pouco importa. E assim, com suas decisões tomadas e arrependimentos já varridos pelas luas, Ele manteve a escuridão sobre o dia naquela noite.

## **A guerra contra o rei Dallarte**

**Gabriel Gazolla Sarmento**

Durante três dias, Aegiro e Skadi viajaram pelas aldeias próximas que conheciam, representando como Rei Viking e falando sobre a ameaça que Dallarte trazia ao povo. Das muitas aldeias que eles visitaram, todas se propuseram a ajudar com força de homens, na luta contra os ingleses. Ao final do terceiro dia, Aegiro voltava com quase trezentos vikings sedentos pela guerra e pelo sangue inglês. Dago havia ficado para comandar um ataque, caso Dallarte se virasse contra eles. O jovem estava sentado sobre um tronco de árvore caído, diante de uma vasta campina, quando ouviu um marchar ao longe. Os passos ecoavam sobre a planície e as vozes tremiam a terra, uma antiga cantiga da cultura nórdica anunciava a vitória dos deuses na guerra. Ele mordiscava uma erva, porém, ao ouvir a marcha cantada, elevou a cabeça e levantou-se, sorrindo ao ver o pai e seu exército.

- O filho da mãe conseguiu! - disse Hoeniro.

- Nada que a influência de Aegiro e a beleza de Skadi não consiga fazer para arranjar um exército, - disse Loronto.

- Não vejo a hora de matar aquele inglês desgraçado com as minhas próprias mãos, - disse Dago.

Amanheceu na terra de Lefjun, e como prometido, Aegiro e seus homens estavam juntos diante do enorme exército inglês. As caras pintadas e os rostos irados caracterizavam o exército viking, eles não tinham a menor intenção de deixar qualquer inglês vivo.

- Se vencermos pai, vou tomar minha esposa e meu filho e vou reinar sobre a Inglaterra, - disse Dago.

Skadi olhou para ele e sorriu. Aegiro ainda mantinha o olhar nos cavalos de Dallarte e disse:

- Vou destruir cada inglês bastardo daquele lugar, começando com a esposa vadia de Dallarte.

Dallarte e Aegiro se encaravam, nenhum fazia qualquer sinal de começar a atacar, como se esperassem quem daria a primeira jogada. Foi então que Dago estendeu o martelo para os céus e gritou:

- Por Odin!!!- e assim todos os vikings gritavam junto a ele. Aegiro gritou e correu em direção ao exército inglês, seguido por Skadi e Dago, puxando todos os bravos guerreiros.

E vendo toda aquela massa de homens pintados, Dallarte elevou a mão direita e comandou a primeira chuva de flechas, as quais pareciam impenetráveis nas paredes de escudos feitas pelos aglomerados de vikings. A segunda leva de flechas atingiu poucos vikings que não elevaram seus escudos a tempo. Dallarte percebia que eles se aproximavam demais. Por fim, ao unir os dois lados do exército, ouviu o tinir dos metais das espadas e dos martelos tocando-se. Apesar de mais protegidos e mais avançados em técnicas de combate, os ingleses não eram nem fortes nem habilidosos, tampouco possuíam o vigor de um guerreiro viking.

Aegiro avançou com mais dois exércitos que atacavam pelas laterais, cercando os homens de Dallarte. Assim, muitos dos seus cavaleiros caíram ao chão. Dallarte começou a ficar preocupado, logo eles atacariam o rei, e Aegiro não lhe daria uma morte gentil, portanto um de seus comandantes disse ao rei:

- Majestade, volte para o acampamento. Poderá morrer se ficar aqui!

O medo invadiu Dallarte, a vitória não era eminente, os dois exércitos estavam perdendo e, mais um pouco, ele também estaria caído no chão, assim como Aegiro. Porém, antes que ele se virasse e voltasse ao acampamento, uma flecha atravessou a cabeça de seu comandante e, assustado, ele procurou quem atirara contra um dos seus. Era Skadi, com o rosto pintado de cores azuis, os cabelos trançados de maneira desordenada e jogados para o lado, uma guerreira a quem ele conhecia. Ela sorriu e colocou outra flecha entre o arco. Chicoteando seu cavalo, Dallarte virou e fugiu. Ele ainda estava de costas, correndo de volta, quando ela puxou o ar e disse:

- Corra seu porco imundo - sussurrou ela e finalmente soltou a flecha. Ela rodou em seu eixo e fez uma curva de cima para baixo, atingindo o rei em seu ombro esquerdo. Conseguiu ouvir o grito de dor dele, enquanto continuava a cavalgar para longe. Skadi sorriu e desceu da pedra de onde ela estava para o campo.

- Skadi! – gritou Loronto do outro lado. Ele estava ajoelhado diante de um corpo, enquanto olhava para ela.

- O que foi?! - disse ela correndo para vê-lo. E quando reconheceu quem estava debaixo do sangue seco, caiu de joelhos em prantos.

- Dago! - chamou ela, chacoalhando-lhe os ombros. - Filho!!

- Precisamos levá-lo de volta. Ele está vivo, mas está ferido demais. Precisamos ser rápidos, disse Loronto enquanto olhava para o campo de batalha, repleto de corpos sem vida. Ao fundo estavam Hoeniro e Aegiro eliminando os últimos homens de Dallarte.

Skadi ajudou Loronto a carregar o filho ao redor dos ombros e caminhou de volta ao acampamento. Tinham ganhado a batalha, mas a guerra ainda não estava vencida.

Pela tarde, Skadi e Grendel cuidaram dos ferimentos de Dago. Aegiro entrou na cabana onde o filho estava e, olhando para ele, mordeu as bochechas. Ele estava exausto e com um grande ferimento que cortava o peito esquerdo de forma diagonal e profunda. Perdia muito sangue, e à medida que observava, notava que ele parecia mais pálido. Skadi entrou na cabana e Aegiro não pensou duas vezes antes de falar com a esposa.

- Como está o nosso filho?

- Está se recuperando. Foi um corte profundo, vai demorar um pouco para cicatrizar, Grendel está fazendo o que pode. - disse Skadi.

O ex-monge olhou para o amigo e sorriu. Aegiro concordou com a cabeça e virou-se novamente para a esposa.

- Posso falar com você? - disse ele.

Skadi saiu da cabana e ele a acompanhou.

- O que foi Aegiro?

- Loronto reuniu alguns homens e voltou ao acampamento de Dallarte, - disse Aegiro.

- O quê?! - exclamou ela. - Como você permitiu isso?

- Não permiti, eles foram sem minha autorização! - retrucou ele.

- E o que faremos?

- O que você quer que eu faça? Vamos ter que esperar o retorno deles! - disse ele.

- Dago vai ficar furioso.

- E eu não sei? – disse Aegiro.

Ao crepúsculo, Loronto e alguns de seus homens da aldeia de Tryline, pararam atrás de uma moita e Loronto colocou os olhos entre as folhas para observar o movimento no acampamento inglês. Havia poucos homens, estavam gemendo dentro de barracas, panos repletos de sangue eram constantemente levados em baldes e colocados em caldeirões de águas ferventes sobre a fogueira.

- Vai ser fácil, vai ser fácil, - disse Loronto.

- Então o que estamos esperando? - disse um dos vikings.

- Deixe ficar mais escuro, paciência guerreiro, - disse Loronto. E virando-se para eles disse:

- Ao anoitecer vamos entrar lá e matar todos que encontrarmos, pegaremos os tesouros do rei; mas deixem Dallarte comigo.

Dallarte estavam dormindo em sua cabana, sobre lençóis de seda com uma taça de vinho no criado mudo ao lado da cama. Seu ombro doía, mas não mais que sua cabeça; talvez não perderia o braço, como o médico dissera, mas perderia a força dele. Ele se virou para ficar de barriga para cima e sentiu algo gelado roçar em seu pescoço, ao abrir os olhos ele viu os grandes olhos azuis e insanos de um guerreiro viking. O homem gargalhou ao ver o desespero de Dallarte e disse:

- Surpresa... majestade.

Nesse momento, Dallarte percebeu que estavam sendo atacados, pois os gritos de morte de seus homens arrepiavam-lhe a alma e o corpo. Ele olhou de volta para o viking e praguejou:

- Vocês perderão, desgraçados!

- Não é o que eu vejo, pelo que eu saiba sou eu quem estou segurando a faca contra o pescoço do porco - riu Loronto.

- Acha que eu darei a vitória de bandeja para vocês? Não sabem nada de estratégia de guerra - sorriu ele.

- Eu acho que você não deu conta do nosso exército - afirmou o viking.

- Parte de meus homens foram enviados a Tryline. Ao ouvir isso, Loronto aliviou sua expressão, tornando-a apavorante.

- Acha mesmo que eu esperaria derrotá-los para depois matar aquela vadia da Xayah? Enquanto vocês nos massacraram, suas mulheres

e crianças eram mortos em sua aldeia. Quando voltarem terão o maior funeral de toda a sua história - riu Dallarte.

Loronto temeu por dentro e não se conteve em rasgar a garganta do rei enquanto pensava em Katarina. Como não pensara na proteção dela? Por fim, ele saiu desconsolado da cabana, segurando em uma mão a faca repleta de sangue e em outra, a cabeça do rei.

Aegiro e Hoeniro comiam peixe em frente à fogueira do acampamento quando ouviram passos entre as folhagens, logo após surgir um rosto conhecido.

- Loronto! – exclamou Aegiro levantando-se. - Onde...

E antes que o rei terminasse, o guerreiro lançou a cabeça de Dallarte aos pés de Aegiro e disse:

- Dallarte mandou um exército à Tryline enquanto nós lutávamos com ele essa manhã.

- O quê?! - disse Skadi, surgindo ao lado dele.

- A essa hora, nossas mulheres e filhos devem estar mortos - disse Loronto, com desânimo em sua voz.

Aegiro franziu as sobrancelhas e deu alguns passos para trás, sentindo as lágrimas surgirem em seus olhos e a visão ficar embaçada. Havia deixado quatro filhos em casa, desprotegidos e sozinhos. Uma tristeza invadiu o coração do rei e ele apoiou-se no tronco de uma árvore para pensar. Nada lhe vinha à cabeça, ele apenas rezava para que os deuses tivessem protegido suas crianças.

- Amanhã vocês vão voltar para seus lares - disse Skadi, que apesar de abalada com a notícia, tomou uma rápida decisão. - Aqueles que pertencem à Tryline voltem junto a Aegiro amanhã, ao amanhecer. Aegiro olhou para ela, e Skadi continuou:

- Eu ficarei com Grendel e Hoeniro para cuidar do seu filho, chegarei em Tryline daqui há dois dias.

Naquela noite não houve cantiga, piada ou bebedeiras diante da fogueira, o silêncio da morte os tomou, e seus pensamentos se voltavam à misericórdia de Odin para aqueles que ficaram em Tryline.

## A Religião do Poço

Gabriel Milani dos Santos

Um lugar desértico, onde nenhuma vegetação se atrevia crescer, onde o calor do sol deformava o horizonte, onde é mais fácil encontrar a morte do que uma pequena gota de água potável. É ali, no lugar mais inamável, que morava uma família, formada por Cícero, o pai, por Josefa, a mãe, e por seus quatro filhos, Amaro, Maria, Luciano e Marcos. Eles tinham uma pequena propriedade, uma casa feita de barro, um pequeno lago com água turva no qual bebiam as dez cabeças de gado, e a família, obviamente. Também tinham duas ou três cabras, das quais tiravam o pouco leite produzido por elas.

Certa vez, no ápice do meio dia, chegara um homem, vestido com roupas simples, um chapéu de palha, carregando uma pequena carroça com pás e picaretas dentro. Disse ele que estava com muita sede. Josefa lhe trouxe um copo com água; o homem olhou para o copo, respirou fundo e bebeu aquele lodo. Depois todos se apresentaram, o nome do viajante era Jeová.

Jeová - Vocês não têm um poço para poder coletar água?

Cícero - Não, não temos condição de pagar um poceiro.

Jeová - Eu posso resolver este problema, mas quero algo em troca.

Cícero - E o que você quer como pagamento? Jeová fitou por alguns instantes a filha de Cícero, Maria, esboçando um sorriso. Amaro fechou a cara.

Amaro - O que pensa que minha irmã é? Vá embora, não há nada para você aqui. O homem já estava se virando quando Cícero interveio.

Cícero - Você me garante água limpa, garante que nunca mais terei sede?

Jeová - Você só terá sede se não beber a água. O pai aceitou a troca, uma noite com sua filha e o homem faria o poço. Mesmo ninguém tendo gostado da ideia, era necessário, todos sabiam disso no seu interior. E assim foi feito, Jeová deitou com Maria. Para todos, aquela foi a noite mais longa e angustiante que tiveram, mas ninguém saberia dizer se a angústia era por Maria ou pela água que logo estaria entrando entre seus lábios. No dia seguinte, todos esperavam do lado de fora do cômodo,

onde Maria e Jeová encontravam-se. O primeiro a sair foi o viajante. Amaro estava com o punho fechado com cólera transbordando de seus olhos.

Cícero - Vai começar agora?

Jeová - Bom dia! Começarei agora mesmo.

Tanto o dono da casa quanto o poceiro saíram. Amaro nunca pensara coisas tão sórdidas enquanto via o sorridente Jeová. Ele se colocou de pé atrás do sujeito, em sua mão estava uma faca, ergueu-a, mas antes de apunhalar tentou engolir a saliva; não havia líquido nenhum em sua boca, a garganta seca fechou. Amaro abaixou a faca e se afastou; a sede o impediu de cometer tal ato. Todos os outros estavam na companhia de Maria, ela estava imóvel sentada no chão onde passou a noite, sua mãe a abraçou e todos ficaram consolando-a. O poceiro pegou suas ferramentas, andou um pouco olhando para o chão.

Jeová - Aqui! Seu poço será aqui.

Tão pronto começou a cavar, Cícero e o resto dos filhos homens foram lidar com o gado. Josefa colocou-se a tirar leite de uma cabra. O cavador batia com força contra o chão duro, em sua boca estava um cigarro de palha, puxava a fumaça e soltava-a pelas narinas. Se o som da picareta parava, era porque ele estava montando o fumo dentro da palha, passava a língua, acendia e voltava ao trabalho. O meio dia chegou. Todos se puseram para dentro da casa, menos o poceiro, que já não era mais visto dada a profundidade do buraco.

Cícero - Vamos chamá-lo para comer.

Quando Cícero ia levantar, Amaro segurou seu braço.

Amaro - Não!

Cícero - Se ele morrer embaixo desse sol não teremos água!

Dito isso, foi chamar o homem. Ao se aproximar do buraco, ficou abismado com o progresso e mais ainda com o sujeito que fizera aquilo, cavando ferrenhamente como se a exaustão não o conhecesse.

Cícero - Jeová venha comer!

O poceiro não lhe deu ouvidos, parecia estar hipnotizado com as batidas e com a fumaça.

Cícero - Ei! Quer algo para beber, comer?

O homem olhou para cima com uma mão sobre os olhos para se proteger do sol, esperou o esboço de Cícero aparecer e então exclamou.

Jeová - Não, se parar agora perco o foco. O dia foi passando e de tempo em tempo era oferecido água ao poceiro, ele sempre dava uma desculpa para não aceitar. A noite chegou. Cícero ordenou que Jeová parasse.

Cícero - Desse jeito você vai cavar sua cova, não um poço!

Jeová dava gargalhadas que eram ouvidas de dentro da casa.

Josefa - Quem é esse homem?

O pavor pelo homem e seus feitos contraía os nervos de todos.

Jeová - Irei continuar, só dormirei quando a água estiver vertendo.

Todos da casa escutavam as batidas sincronizadas. Aquilo serviu para dar-lhes sono, todos adormeceram. No dia seguinte, quando o sol entrou entre o telhado de palha e deitou no rosto de Amaro, ele levantou. Não ouvia mais barulho, foi até a porta e dela viu Jeová ao longe no horizonte, indo embora junto da noite. O rapaz olhou para o lado e viu o poço concluído, contornado por um muro de pedras grandes tiradas de dentro do buraco.

Amaro - Acordem! Acordem!

Todos pularam para fora, Cícero tinha receio de que Jeová estivesse morto de exaustão, mas o que viram tomou-lhes o fôlego.

Cícero - Ele terminou! O pai foi logo buscar um balde, amarrou numa corda e jogou-o no poço. O barulho foi abafado, esperaram um pouco e então puxaram, dentro dele estava a água mais límpida que já tinham visto. Cícero, quase chorando de alegria, botou a boca e tomou o quanto pôde.

Luciano - Eu também quero.

Cícero - Tem para todos, venham!

Durante o dia, se deliciaram, tomaram banho, usaram a água para fazer comida e principalmente para beber. Amaro assustou-se quando sua urina saiu transparente e não o amarelo forte de sempre. Por um breve momento, lembrou-se com gratidão de Jeová. A noite caiu, Cícero pegou uma velha gaita que já não sentia o bafo de seu dono há muito tempo, ordenou que Amaro matasse uma cabra.

Cícero - Temos que comemorar!

Assim foi feito. A cabra foi morta ao lado do poço, de forma que o sangue do animal escorresse em torno da estrutura. A noite foi curta para tanta felicidade. Passaram alguns dias até que a água acabou, o poço estava seco.

Cícero - Maldito Jeová, não tem mais água!

Durante dois dias tiveram que voltar à antiga vida. Ninguém se conformava, a água turva do lamaçal não matava mais a sede como antigamente, o poço os viciou, sua água havia sido um ótimo remédio contra o sol, contra a poeira, contra o cansaço, contra a dor de existir. Alguns choraram e fisgaram com a língua as pequenas lágrimas, mas logo perceberam que a água que brotava de seus olhos era tão salina quanto o mundo que os rodeava. Cícero pegou a gaita durante a noite, sentou perto do poço e tocou para tentar esquecer a frustração.

Na manhã seguinte, numa tentativa sem esperança, jogaram o balde.

Amaro - Veja pai, tem água novamente!

Cícero, após beber e lavar o rosto teve um devaneio.

Cícero - Antes não havia água, então, depois de tocar uma música, há água novamente...

Amaro - O que quer dizer?

Cícero - Rápido! O que fizemos aquela noite? A primeira que passamos com o poço?

Maria - O senhor tocou a gaita, Amaro matou uma cabra, o resto de nós dançou. O patriarca tremia e sussurrava baixo.

Cícero - Será que é isso? Ele explicou para os outros a sua ideia.

Amaro foi o mais cético, mas não falou nada. Os dias foram passando, todos obedeciam às ordens de Cícero: primeiro mataram todas as cabras, o sangue era jogado sobre as pedras do poço, todas as noites havia música. Cada dia que passava, o poço ficava mais cheio e a água mais cristalina, mas em contrapartida era necessário mais dela para satisfazer a sede. Passou-se um mês. Não havia mais gado, os dez crânios dos bovinos estavam ornamentando o poço, as pedras estavam completamente cobertas por uma camada de sangue seco, de tal forma que a cor original das pedras não podia ser vista.

Era um dia especial. Marcos, o filho mais novo iria ser sacrificado. Todos tinham o olhar vidrado, não se chamavam mais pelo nome. A criança foi deitada no chão, fora jogado água sobre seu corpo e, então, num único golpe a faca atravessou sua pele fina, o sangue respingou no rosto do pai que, agora, era o carrasco que rasgava seu corpo. O sangue foi coletado e então derramado sobre o poço. A água subiu rapidamente, transbordando. Logo, tudo em volta estava alagado. Os vivos se deitaram entre os ossos e o sangue, mexiam os braços e pernas submersos em água enquanto suas gargalhadas ecoavam. Assim, nasceu a religião do poço, com suas crenças, que levaram a loucura coletiva, e seus ritos, que levaram a degradação do mundo daquela gente; mas não vou culpá-los, quando há sede, trocar sangue por água parece justo.

## **A partir do nada**

**Gabriel Piton Perlin**

Era uma tarde gélida e nublada. Não se podia ver ou ouvir muito além da minha cela. A prisão dos mortos-vivos era um lugar frio e sem vida. Abandonada e em ruínas, os únicos guardas que protegiam a minha cela, agora estavam mortos.

Feita de pedras muito bem colocadas e com grandes barras de ferro já enferrujadas, a minha cela era bem antiga e em formato circular. As paredes eram grossas e cheias de musgos, o chão era feito com ladrilhos encaixados desordenadamente, machucando as pernas de quem ficava deitado por muito tempo. Tanto que, quando cheguei aqui, meus companheiros de cela já estavam mortos e suas pernas estavam dilaceradas pelos ratos.

Faz muito tempo que estou aqui. O verdadeiro motivo da minha prisão, ainda não consigo me lembrar. Nem das pessoas que conheci antes de tudo isso, só o que me lembro é de meu nome, Cliff, e nada mais. Estava me tornando um ser “Vazio” – um ser sem humanidade, que perdeu sua alma após a morte – definindo a minha alma aos poucos.

Então senti fortes tremores vindo do andar superior da prisão, fazendo com que mais blocos caíssem. Choveram pedregulhos e logo depois veio uma grande explosão na parte central da prisão.

Assustado com tudo aquilo e sem saber quem tinha causado os tremores, percebi que se eu ficasse mais tempo naquele lugar, logo estaria soterrado pelas pedras. Mas o que eu poderia fazer para sair da cela? Estava trancada e ainda tinha as barras resistentes como nunca. Não tinha saída. Logo eu iria sucumbir pelas mãos da prisão. Ouvi passos... estavam chegando cada vez mais perto. Um cavaleiro apareceu ao longo do corredor trajado com uma armadura prateada.

- Você! Você aí! - gritei.

- O quê? Pelos céus! Finalmente te encontrei Cliff, - exclamou o soldado.

- Como? Como você sabe meu nome?

- Ah! Cliff, você não se lembra? Sou eu. Seu melhor amigo, Magnus.

- Sinto muito amigo, mas eu realmente não me lembro. Não lembro de mais nada, além daquilo que vi durante a minha estadia na prisão.

Mais tremores...

- É uma pena realmente, mas não temos muito tempo para conversar agora. Temos que ir. - respondeu Magnus, pegando a chave de um guarda caído no chão e abrindo a minha cela.

- Vamos. Depressa!

Corremos pelos corredores em busca de uma saída. Estava escuro e já fazia muito tempo que eu não esticava as pernas. Comecei a ofegar devido ao cansaço e à umidade.

- Magnus, vamos parar um pouco, eu não consigo correr tanto.

- Estamos quase lá. Vamos, estamos perto.

Andamos mais alguns metros até encontrar uma abertura nos escombros de uma parede que dava direto para uma escadaria em espiral feita de pedras. Havia guardas no chão e alguns tinham espadas e escudos. Resolvi pegar um par, mais tarde poderia ser útil.

No fim da escada, encontrava-se um pátio aberto com muitas colunas de sustentação caídas graças aos tremores. Mais à frente, havia um portão enorme de madeira onde provavelmente era a saída.

- Estamos chegando, é por aqui que eu vim... mas esse portão estava aberto... quem o fechou?

Ao fundo do pátio, uma infantaria de oito guardas apareceu. Avistando-nos, vieram em nossa direção.

- Mas como? Todos os guardas daqui estão mortos, não era para eles estarem aqui! – disse Cliff.

- A não ser que eles estejam transformados em “Vazios”. Isso significa que os demônios atacaram esta prisão, - respondeu Magnus.

- Cliff, você não percebeu que vários tremores aconteceram desde que você estava aqui?

- Sim, por quê?

- Esses tremores só podem ter sido causados por um demônio... ouvi histórias de um vilarejo próximo daqui que foi dizimado por essa criatura.

- Então você quer dizer que...

- Quer dizer que eles apagam as mentes das pessoas e os transformaram em seres Vazios. Eles perdem as suas humanidades, Cliff.

- Ataquem! - gritou a tropa.

- Vamos sair daqui!

Mais tremores...

- Por aqui, Magnus! - gritei ao avistar uma porta entreaberta ao lado do grande portão.

Corremos para lá, usei toda a velocidade que minhas pernas, quase paralisadas de medo, permitiam. Ao passar pela porta, percebi que ela levava a um lance de escadarias que dava para o primeiro andar da prisão, onde dava para ver os guardas Vazios se aproximando pela mesma porta que havíamos entrado.

- Não pare! - exclamou Magnus parando em um corredor estreito.  
- Ache a chave do portão e fuja, vou segurá-los!

- Jamais vou deixar um amigo para trás. Vamos lutar juntos, talvez consigamos derrotá-los.

O primeiro dos guardas veio correndo em nossa direção. Foi fácil enganá-lo. Com uma rasteira em sua perna direita, logo o soldado estava no chão com uma espada cravada em seu peito.

Mais três se aproximaram agora com cuidado ao ver seu companheiro derrotado. Percebi que seria uma luta difícil, já que

estávamos em menor número. Então meu calcanhar tocou algo gélido. Ao me virar, notei que era uma bala de canhão.

- Me ajude com isso, Magnus!

Rolamos a bala pelo corredor até ela ganhar velocidade. Os guardas, abismados com a grande bola de ferro que vinha cada vez mais rápido em sua direção, tentaram fugir, mas ela foi mais rápida. Ouvimos um grande barulho quando a bala desceu as escadas e atingiu a parede da porta esmagando os guardas encurralados.

Mais tremores...

Descemos as escadas cambaleando. Os guardas estavam estirados ao chão de pedras e não apresentavam mais perigo. Magnus e eu encontramos a chave do grande portão em um dos bolsos do líder da infantaria.

Mais tremores...

- De onde estão vindo esses tremores? - perguntei.

- Provavelmente de lá. - Apontou Magnus em direção ao portão

- Vamos logo.

Destravamos a fechadura e empurramos as portas pesadas de madeira. Lá dentro estava a fonte de todos os tremores. Um demônio de quinze metros de altura carregava uma clava cheia de espinhos.

Quando entramos, notei que havia mais um pátio, com todos os ladrilhos bem organizados, apesar de todos os escombros ao redor da criatura que logo notou a nossa presença. Atrás daquele demônio, enxerguei uma abertura por entre os escombros: era a saída. Desesperado por ela estar tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe, gritei a Magnus:

- Não é possível. Durante todo esse tempo, só agora pude sentir a sua aura maligna. Magnus, ele é muito forte para nós, não podemos com ele. Nunca conseguiremos passar.

- Não tema meu amigo. Eu não vim despreparado para te resgatar, - disse Magnus ao sacar a sua espada. Logo percebi que estava embebida em veneno.

- Corra Cliff, a saída é logo ali. Estarei atrás de você.

Num ato desesperado, corri a toda velocidade para a saída, desviando da criatura que agora tinha a atenção em Magnus. Atravessei alguns escombros e corri para o alto de um morro.

Quando olhei para procurar Magnus atrás de mim, não o encontrei. Olhei aos arredores, mas ele não estava lá. Mirei para a prisão.

Mais tremores... dessa vez mais fortes e ininterruptos. Os gritos da fera ecoaram por todo o vale. As paredes da prisão desmoronaram levando o demônio e Magnus para a perdição.

Estava tudo destruído, não havia o que eu pudesse fazer, a não ser esperar por algum sinal de vida do meu amigo.

Após uma hora, percebi que Magnus não voltaria. Abismado com o acontecimento, fiquei desolado por Magnus ter se sacrificado por mim.

Sem nenhuma opção, peguei a estrada para sair daquele lugar amaldiçoado. Queria vingar a morte de Magnus. Porém, mal sabia quem ele era ou o que ele fez por mim no passado. Então, para que eu recuperasse as minhas memórias, teria que subir a montanha para encontrar a cidade de onde Magnus teria partido em minha busca.

Precisava saber onde tudo havia começado. A partir do nada.

## **Uma História de Romance**

### **Guilherme Felimberti Tamioso**

Para ela tudo começa quando nem mesmo sua consciência era capaz de entender o que seu coração sentiu. Era o único sentimento capaz de caber em seu pequeno peito, junto ao seu coração. E assim o tempo vai passando, Sofia sem saber ao certo o que havia consigo mesmo, vai deixando o tempo passar.

O pequeno Rafael, com sua alma inocente, não era capaz de imaginar o que se passava com Sofia, nem sequer conhecia ao certo quem ela era. Todos os dias, quando passava por ela em sua escola, sentia seu peito apertar-se, mas com sentimentos confusos, permanecia somente nos olhares. E assim os dois vão brincando, sorrindo. Sofia, muito nova, não sabia o que significava esse sentimento.

Algum tempo depois, Rafael percebe a presença de Sofia, que se aproxima, formando uma bela amizade, mas ele sem saber ou sem capacidade para perceber, não enxergava o motivo de Sofia levar essa amizade como se fosse parte de si mesma. Porém, ela não demonstrava nenhum traço de seus sentimentos, assim ele não conseguia entendê-los.

Muito tempo se passa, já chegando nos tempos da adolescência. Rafael tinha sonhos, mas de onde vinham esses sonhos? Vinham de seu irmão mais velho, Tiago. Ele, logo cedo, com cerca de 14 anos, saiu de casa em busca deles, desejava uma vida melhor para sua família. Pouco tempo depois, Rafael influenciado pelo irmão e com muito amor vendo a situação de sua família, resolve ir atrás de seu irmão, para buscar melhores tempos para seus pais. Mas Rafael, empolgado com esse novo caminho em sua vida, se afasta de Sofia.

Diante de imensas dificuldades, os irmãos lutam em busca de seus desejos. Rafael, distante de seus antigos amigos, faz novas amizades, e acaba se encantando por Carolina. Um homem, o qual o pai os enviou, engana os meninos. Mas eles, com enormes desejos de ajudarem seus pais, não contam a verdade...

Tiago, preocupado com o irmão, decide mandá-lo de volta para casa. Rafael, cansado de tanto lutar, aceita a decisão. Quando Rafael decide contar para Carolina que iria voltar para sua casa, acaba tendo uma surpresa. Carolina, sem saber o que acontecia com os irmãos, termina tudo com Rafael de maneira grosseira e idiota.

Ele, ao chegar em casa, percebe a má situação da família, com seu pai em depressão e dificuldades financeiras. As situações da vida impõem que ele se afaste de seus amigos para cuidar da situação da família, os amigos, sem saberem o que se passa com Rafael, acabam por ignorá-lo.

Rafael fecha sua cabeça para qualquer nova relação, tornando-se desconfiado, de tudo e de todos. Mesmo assim, Sofia estava ali, sem ninguém perceber. Rafael acaba por sentir algo por Sofia, mas não é capaz de reconhecer o que esse sentimento representa e nem de reconhecer o que ela fez e ainda será capaz de fazer para ajudá-lo. Sofia escondia tudo dele, não dizia a ele que todas as noites chorava por ele, que perto dele era sua melhor amiga, mas que no seu quarto sofria por não ser reconhecida por Rafael. Ela, sem mais lugar em seu peito para esconder tamanho amor, decide procurar ajuda, começa a frequentar uma cigana.

Tentando desabafar, ela expõe tudo o que sente por Rafael. A cigana escuta o que Sofia tem para dizer. Logo depois, a cigana pega na mão de Sofia com um ar desconfiado e triste, de quem quer dizer algo

muito ruim... No final da consulta, na porta escura, com escadarias sombrias e empoeiradas, a cigana estende a mão, Sofia deu-lhe 200 pratos.

Rafael, percebendo algo diferente consigo em relação aos seus sentimentos, sai pelas ruas em busca de paz e tempo para pensar sobre o que se passa em sua cabeça. De repente, ao passar por beco escuro, uma mulher encapuzada lhe puxa para dentro de sua casa, pega a palma de sua mão e lhe diz que ele terá uma grande surpresa. Rafael assustado, sai correndo para a rua novamente.

Mais tarde, um pouco mais calmo, ele decide saber mais sobre Sofia. Fica assustado por saber que causou tanto mal a ela sem saber que ela o amava. Rafael continua indeciso em relação aos seus sentimentos por Sofia. Uma parte de seu coração diz para buscar seu amor com Sofia, mas a outra parte tem medo de magoá-la.

Rafael fica sabendo que Sofia, mesmo demonstrando felicidade e estando sempre do seu lado, escondia que seu pai passava por uma doença. Ele, então, decide se aproximar dela, só que acaba encontrando dificuldades. Magoada com Rafael, ela já não sabe mais decidir o que sente por ele. Ele então decide ir até a casa de Sofia, para tentar um maior contato com ela e sua família, arrependido de não ter reconhecido o amor de Sofia, que mesmo com todas as dificuldades e ignorâncias de Rafael, nunca deixou de amá-lo e ajudá-lo.

Chegando na casa, Rafael encontra a porta. Espontaneamente seu coração sente um desespero que o leva para dentro. Ao chegar no quarto de Sofia, ele se depara com ela caída no chão...

“O fim é você quem faz...!”

## **Confinado aos fatos**

**Jéssica Stanga**

Meu nome é Richard Cooper e completo hoje o décimo primeiro ano encarcerado nesta prisão. Meus dias passam repletos de monotonia, reflito procurando a razão da minha derrota, uma vez que amei e não fui correspondido. Ao decidir revelar essa história, minha memória é remexida e lançada a um passado tão remoto quanto inesquecível.

Aconteceu há onze anos e eu não conhecia o amor. Tão jovem na época, era sofrido avaliar as consequências de uma paixão como a minha. Se Sarah hoje me pedisse perdão não sei se conseguiria perdoá-la. Digo não sei, por não encontrar outra maneira que justificasse a fraqueza do nosso relacionamento.

Estudávamos na mesma escola, mas em turmas separadas. Seguíamos pelos corredores totalmente desinteressados um do outro, até que um olhar, um rápido e inocente olhar, tocou o meu coração, que me fez despertar para a beleza mágica de Sarah. Acredito que ela mesma não havia se dado conta disso, pois era tão natural e espontânea quanto à luz do sol e a escuridão da noite. Até hoje não consigo fechar os olhos sem pensar em Sarah, pois me vem à mente aquele momento. Neste dia, Catherine, minha irmã, a acompanhava. As duas eram muito amigas, não escondiam segredos, o que, para mim, só trouxe vantagens e fez facilitar a nossa aproximação.

Havia atrás do prédio, um magnífico jardim, repleto de árvores, onde eu passava alguns minutos do meu dia ouvindo música. Nunca cruzava com Sarah após as aulas, porque ela saía antes de mim e descia quase correndo as escadarias com seu cabelo castanho e comprido balançando notavelmente ao ver o pai dentro do carro preto já de portas abertas esperando por ela. Eu tinha dezessete anos e Sarah quinze quando começamos a namorar. Não sei se por influência de Catherine ou levados pela curiosidade de uma paixão juvenil, o fato é que passei a notar a demora de Sarah em ir para casa e até dispensar as vindas do pai. Contudo, foram suas idas ao jardim que acabaram revelando sua verdadeira intenção.

Vivemos nos anos seguintes um romance, não mais inocente como foi no início, mas com base para um relacionamento feito para durar, embora não o suficiente para o amor, se é que isto seja possível.

O tempo só acrescentou em minha namorada aqueles encantos comuns às mais lindas mulheres. Aos vinte anos já trazia na mão direita à prova da minha decisão: de passar ao seu lado o resto dos meus dias. Ela, que sempre sentiu a necessidade de ser independente, passou a exercer uma profissão e a encantar clientes e empresários com o seu incrível talento como organizadora de eventos. Principalmente George,

que foi o meu insuportável rival. Não consigo aceitar a trama formada contra mim, visto que, carinho e atenção não faltavam para Sarah, muito menos um amor sincero e exclusivo. Eu a amava com toda a força de minha alma, mas o que ela mais queria eu não podia lhe dar naquele momento, um filho. E é justamente o que foi buscar ao cair nos braços de outro homem.

Ao retornar de uma viagem que nos afastou alguns dias, não encontrei Sarah em casa e minhas suspeitas deixaram em mim um temperamento rebelde e um tanto agressivo. Havíamos discutido na véspera da minha partida e minha boca não conseguiu se calar, pois estava tomado pelo ciúme. Não tive nenhuma notícia para acalmar meu coração, nem mesmo os pais se abriram quanto ao paradeiro dela, o passar do tempo me enlouquecia. Semanas se passavam sem sequer uma pista. Torturado, procurei os pais dela mais uma vez.

- Por que não me dizem onde ela está? Será que minha reputação e *status* são muito abaixo dos de George ou existe outra razão para não me contarem a verdade?

- Não sabemos de nada, disse a mãe, ela deixou todos chocados com essa atitude inesperada. Mal nos falamos pelo celular. Acredite, ajudaríamos se pudéssemos.

Saí dali decidido a encontrar Sarah, mas a frustração esteve mais presente do que a esperança. Somente anos mais tarde pude reencontrá-la, infelizmente em uma situação desagradável, a morte de sua mãe. Tive que suportar, sem sequer uma palavra, sua presença. Reparei que em sua mão esquerda havia uma aliança e em seu lado um homem, George. Pronto a dar a partida de meu carro, acabei descobrindo o que arruinou mais ainda meu dia já triste - conheci o filho de minha amada, ou melhor, vi-o de longe, correndo e pulando no colo de Sarah. Acompanhei toda a cena com o coração na mão, com um sentimento de admiração e revolta. George se aproximou, beijando também a criança, enquanto abria para eles a porta do carro. Fui tomado novamente pelo ciúme e sem perceber eu já estava de pé em frente ao casal, que me encarava assustado e sem ação.

- O que pensa que está fazendo? - falei indignado. - Como pode ser tão falsa e mau caráter?

- Sarah, - indagou George - quem é este cara, como ele se atreve a falar assim com você? Dizendo isto, veio em minha direção, mas fiz um gesto com a mão, para que desistisse da ideia.

- Fique fora disso - falei, depois me dirigi a Sarah. - Como pode sumir daquela maneira e ainda ter um caso com esse aí? Olha George, se eu fosse você dormiria com um olho aberto, vai saber se não é o próximo a ser trocado.

Neste momento, senti no queixo a dor de um golpe. Juntei isto à ira que já me dominava e parti para cima dele. Em meio a socos e empurrões ouvimos gritos de desespero e em questão de segundos havia um semicírculo de curiosos em nossa volta. Não pudemos nem dar mais do que dois socos cada um e logo fomos separados por guardas uniformizados. Diante do depoimento de Sarah que, obviamente, foi contra mim, fui algemado e preso, sendo libertado no meio da noite após horas de espera e um processo humilhante. A partir daquele episódio, me esforcei muito para mudar o meu sentimento, admito que não foi fácil.

Alguns anos depois, me casei com Helena Stein, uma bela loura, cujos belos olhos irradiavam amor, eu estava decidido a alcançar a felicidade de qualquer maneira. Minha esposa, na condição de amiga, era meu apoio nas horas difíceis, juro que a amaria de verdade se meu passado mal vivido não me impedisse. Porém, quem conseguiria resistir à falta do amor verdadeiro? Não demorou muito e a falta de amor verdadeiro entre nós resultou em uma separação, felizmente houve um acordo e deixamos, um ao outro, o caminho aberto a novas tentativas. Foi um período amargo de solidão e revolta. Eu já estava com 31 anos, sentia a serenidade da juventude se apagando aos poucos em mim, meus cabelos pretos e ombros curvados faziam com que eu parecesse um velho abatido. Como estaria aquela mulher? Será que teria me esquecido de vez? Era feliz? Questionando-me sobre isso, busquei uma saída um pouco insana, talvez, para meu tormento. Fui levado pela ideia fixa de cometer uma loucura, queria dar a ela um castigo em dose dupla.

Planejei, durante alguns dias, um sequestro seguido de morte. Cheguei num domingo à noite e me hospedei em um hotel. Conseguir pegar no sono foi algo difícil, quase impossível, dadas as condições psicológicas em que eu me encontrava. No dia seguinte, abordei o

menino na saída da escola e, em menos de uma hora, já o tinha como refém, em local seguro e nada suspeito. Logo liguei para Sarah sem me identificar, exigindo que ela me encontrasse sozinha e com o dinheiro para o resgate. Como eu esperava, Sarah chegou só e na hora combinada.

O local era abandonado e distante do centro, não circulavam carros, nem pessoas. A casa estava em más condições, nela havia uma escada que conduzia ao segundo andar, onde eu a esperava. O garoto dormia em um dos sofás empoeirados. Quando a porta se abriu e Sarah avistou o garoto, não se conteve e correu para abraçá-lo, fazendo com que ele acordasse assustado. Logo saí da parte mais escura da sala e caminhei em sua direção.

- Pode ficar tranquila, não é o garoto que me interessa, - falei - e percebi o medo em sua face, seus olhos arregalados encaravam a arma apontada em sua direção. Ao me ver e perceber meu propósito ela não conteve também o ódio.

- Como pode ser tão cruel, o que pretende com isso?

Comecei a sentir que me tremia a mão.

- Vejo que você não tem coragem, - continuou - então, se é assim, por que não nos deixa ir e desaparece de uma vez?

Não sei porque, mas a presença de Sarah ali, depois de tantos anos, me amoleceu. Eu passei em minha memória os poucos anos que vivemos juntos e ao mesmo tempo comecei a compreender a impossibilidade de ter isso novamente. A morte de Sarah não iria solucionar o problema, apenas arruinaria de vez minha vida. Alguns segundos pensando e fui tomado pela ideia do suicídio, eu já havia perdido tudo que amava, levei a arma engatilhada até o ouvido. Sarah levou a mão a boca soltando um enorme grito, logo depois abraçou seu filho, escondendo seu rosto, para que não visse o que poderia acontecer.

- Não conseguirá provar nada a ninguém se fizer essa loucura. Estará apenas sendo covarde. Não faça isso, Richard.

Neste momento, senti o ruído de passos na escadaria.

- Você me enganou. Eu disse para não trazer a polícia.

Antes que eles anunciassem a entrada, corri até Sarah e arranquei o garoto de seus braços, em questão de segundos havia vários policiais

diante de mim. Eu mantinha o menino preso em meus braços com a arma encostada em sua cabeça.

- Não tenho mais o que esperar da vida, depois de tudo que me fez passar. É o fim da linha para nós dois. Vou matar seu filho, assim saberá também o que é a dor de uma perda. Puxei a trava do gatilho e antes que pudesse disparar Sarah gritou.

- Pelo amor de Deus, não faça isto! Ele é seu filho também...

Paralisado, olhei para o menino e pude perceber alguns traços fisionômicos que teria herdado de mim. Larguei a arma no chão assustado e, enquanto tentava associar tudo, sem conseguir conter os diversos sentimentos que tomavam conta de mim senti que cai no chão e que minhas mãos haviam sido algemadas. Na hora, eu não liguei, por estar surpreso com a revelação.

Como havia dito, hoje faz onze anos que estou preso, sem poder ver aquele garoto, sem ter explicações de Sarah para tudo o que ela omitiu e, principalmente, sem ter uma nova chance de encontrar felicidade.

## **Um recomeço**

### **João Vitor Piaia**

-Temos que ser rápidos, o mais rápido possível!

-E como faremos para entrarmos na casa, tem alguma ideia?

-Ainda não, mas não deve ser difícil.

Assim discutiam dois jovens, como fariam para roubar todo o dinheiro que eles viam sendo depositados na igreja em todas as missas nos últimos três meses. Segundo suas contas, como o povo da pequena cidade eram muito dotados de fé, a quantia arrecadada pela igreja seria muito boa.

Passaram a monitorar todo movimento que acontecia ao redor do padre, a hora que saía, onde estava, onde era guardado o dinheiro. Dificilmente eram vistos juntos. Sempre estavam na missa, porém um em cada canto da igreja.

Os dois jovens se chamavam Cosmo e Damião, o porquê dos nomes vem de seus pais serem muito religiosos. Mas os pais não conseguiram fazer com que seus filhos gostassem de frequentar a igreja.

Cosmo e Damião não tinham ódio de Deus, porém estavam precisando de dinheiro e achavam que assaltar a igreja seria a coisa mais fácil a fazer para consegui-lo. Então, em uma conversa, Cosmo indaga:

- Como iremos entrar na igreja sem que ninguém nos veja? Se há apenas uma entrada, que é pela porta principal?

- O melhor a fazer seria sequestrar o padre, teríamos como entrar e ainda pegar todo o dinheiro, sem ter o risco de denúncia por parte do próprio.

A casa do padre ficava nas dependências da igreja. Quando terminava a missa, já saía da sacristia e entrava em casa. Poucas pessoas tinham acesso a ela, até porque ele sempre fazia questão de atender os fiéis dentro da igreja.

- Uma ótima data será após a festa da padroeira, o que acha?

- Pode ser.

A festa da padroeira acontecia todos os anos. Geralmente ocorria durante toda a semana e encerrava-se em um domingo com uma grande festa à noite. Porém, todas as noites aconteciam diversos eventos. Aconteciam rifas, bingos, leilões e com tudo isso arrecadavam muito dinheiro.

- Encontre-me na segunda-feira, um dia após a festa, próximo a igreja, - disse Cosmo.

- Qual o plano?

- O plano é o seguinte: nós...

Era segunda-feira, por volta das 20 horas. Estava chovendo, as pessoas da cidade já haviam se recolhido. A cidade de Palmitinho era parada e quando chovia os moradores se recolhiam cedo. A casa do padre ficava na região central da cidade, mas não contava com nenhuma segurança reforçada. Os fiéis sabiam e respeitavam a residência do padre, só entrava lá quem ele permitisse.

Cosmo e Damião se dirigiam à igreja. Era algo anormal pessoas caminhando pela cidade em dia de chuva, mas olhavam pela janela e pensavam que os dois jovens estavam indo rezar. Enquanto iam à igreja, Damião disse:

-E se não der certo?

-Dará certo, basta nós fazermos tudo certo, conforme combinamos. Ninguém desconfiará, está chovendo, não há pessoas na rua. Se conseguirmos fazer com que o padre fique quieto, não haverá problemas - responde Cosmo.

Ao chegarem na igreja, havia apenas duas idosas sentadas rezando, e o padre estava a caminho para conversar com elas. O padre era um homem muito bondoso e humilde, tratava toda população com muito carinho sempre.

Enquanto o padre conversava com as fiéis, Cosmo e Damião entraram e sentaram-se no último banco, abaixaram a cabeça e ficaram como se estivessem rezando. Após as fiéis se despedirem do padre e saírem da igreja, o padre foi até os dois homens e os cumprimentou.

- Boa noite meus queridos, o que lhes traz à igreja?

- Padre, queríamos ter uma conversa com o senhor.

O padre estava querendo fechar a igreja pois já estava tarde, mas como era muito bondoso, não deixaria de atender os dois homens. Então, ele fechou a porta da igreja para ninguém entrar e em seguida foi conversar com os dois homens.

- O que lhes aflige meus irmãos?

- Padre, isso é um assalto, vamos lá para dentro e passe-nos todo dinheiro que tem na igreja.

O padre muito surpreso e assustado, não teve outra reação a não ser levar os dois homens até a sacristia onde ficava todo o dinheiro. Os homens colocaram o padre em uma cadeira e amarraram suas mãos e seus pés para não ocorrer nenhum deslize no plano.

Enquanto os homens pegavam o dinheiro e botavam na sacola, o padre percebeu que os homens estavam muito nervosos e trêmulos, então ele perguntou:

- Foram vocês que planejaram, ou há alguém por trás disso?

- Fica quieto ou terá problemas.

O padre volta a perguntar:

- Foram vocês que planejaram, ou há alguém por trás disso?

Os homens começam a ficar nervosos, porém não usariam da força contra um padre indefeso, então Cosmo acaba respondendo à pergunta:

- Sim padre, fomos nós, precisávamos de dinheiro urgente e, por esse motivo, decidimos assaltar a igreja.

O padre com toda sua experiência, começou a conversar com os dois, fazendo diversas perguntas. Ao perceber que eles estavam nervosos, ele achou que havia algo errado com eles.

- Meus filhos, para que precisavam do dinheiro?

Os irmãos ficaram mais nervosos ainda, pois estavam com medo e por sua família ser muito religiosa, sentiam-se com dor na consciência.

A mãe dos dois irmãos estava toda semana na igreja rezando, eles tinham mais uma irmã pequena, e seu pai havia sofrido um acidente na lavoura e falecido. A mãe tinha câncer e não tinha condições de trabalhar para sustentar a família, ela dependia dos irmãos. Nas últimas semanas, ela havia descoberto que precisaria fazer uma cirurgia para retirada de um tumor. Ao saber disso, os irmãos ficaram preocupados, pois só tinham dinheiro para a comida da família. Ao ficarem desesperados, pensaram no plano do roubo.

- Padre, não faça mais perguntas.

O padre retomou a pergunta:

- Meus filhos, para que precisam do dinheiro?

Os irmãos, em um momento de nervosismo, e ao se lembrarem da mãe, religiosa que era, decidem contar para o padre.

- Padre, estamos perdidos, nossa mãe sofre de um câncer e terá que fazer uma cirurgia muito cara. Não temos dinheiro, temos apenas o suficiente para comida, essa é nossa única chance.

O padre fica surpreso e, como um bom sacerdote, tenta ajudar os irmãos enquanto eles pegam todo o dinheiro.

- Meus filhos, abaixo de Deus todos somos irmãos, o roubo não lhes trará benefício, deve haver alguma outra maneira de conseguirem o dinheiro. Para quem não faz mal aos outros, Deus sempre estará disposto a ajudar. Cosmo e Damião se olharam por um instante, porém não deram bola para o padre e continuaram o roubo.

- Por favor, escutem-me, para tudo na vida há um jeito de resolver, não tomem essa atitude que irá mudar totalmente suas vidas.

Então os irmãos se olharam novamente e decidiram pedir para o padre.

-Padre, o que devemos fazer, então?

-Larguem o dinheiro, venham aqui e me escutem. Deus está acima de todos, e para tudo na vida há um propósito, conheço a mãe de vocês e sei o quanto ela acredita nisso. Deus escreve certo por linhas tortas, se vocês acreditarem nisso, tudo se ajeitará. Os irmãos então falam:

-Como vamos conseguir o dinheiro então senhor padre, precisamos dele urgente para salvar a vida de nossa mãe.

Então o padre tem uma ideia.

- E se eu, em nome da igreja, lhes desse a quantia desejada para a cirurgia da sua mãe?

Os irmãos, surpresos, não tinham reação, adoraram a ideia do padre, porém pedem:

- O senhor pode fazer isso, padre?

- Meus filhos, se sua mãe precisa, não irei negar, a vida é o maior dom de Deus, quem somos nós para negar de salvar uma?

- E como ficaria nossa situação, não podemos ser presos, nossa família depende de nós para sobreviver, nós que levamos comida e cuidamos de tudo.

- Não os denunciarei, vocês tomaram uma decisão errada, e todos têm o direito de uma segunda chance. Se vocês me prometerem que irão mudar, serão absolvidos por Deus.

Os irmãos, emocionados, prometem que irão mudar, e que o único motivo para todo o plano foi a saúde de sua mãe. O padre aceita as desculpas e dá o dinheiro necessário a eles para a cirurgia de sua mãe.

No final, os irmãos pagam a cirurgia, que ocorreu com êxito, e sua mãe curou-se. Após o acontecido, Cosmo e Damião tornam-se homens de muita fé, começam a frequentar igreja e agradecer todo dia a Deus pela segunda chance que tiveram.

## **O gato e a rosa branca**

**Júlia Cristina de Oliveira Candito**

Foi na rua da casa de sua dona que o gato Romeu, todo preto, com algumas manchas brancas, avistou uma rosa, uma linda rosa branca, e por ela já se apaixonou. Ele ia todos os dias até a calçada e ficava fitando-a

de longe, com vergonha de chegar mais perto. Até que um dia criou coragem e se aproximou... Péssima ideia, gato!

Romeu voltou correndo para sua dona choramingando com muita dor, pois ele havia sido ferido com os acúleos da flor, teria ela feito de propósito?

Passaram-se muitos dias até que o gatinho foi até a rua outra vez, e pediu para a rosa, de longe:

- Por que me machucou?

- Desculpe-me, não foi minha culpa, eu tenho um tipo de espinho que não consigo tirar...

- Mas eu gosto tanto de você...

- Foi mal, mas todos que se aproximam de mim se ferem!

- E o que eu posso fazer para te ajudar?

- Apenas fique longe, assim como todos...

Romeu voltou triste para casa, pensou no que a rosa havia dito por semanas, e se recusou a ficar longe dela, afinal, a rosa não tinha nenhum amigo e ele estava perdidamente apaixonado por ela. Então, voltou à calçada e disse:

- Eu não posso ficar longe, eu gosto de você, vamos dar um jeito!

A rosa ficou quieta pensando como ele poderia mudar aquilo, mas não o rebateu.

Todas as tentativas do gato foram falhas, ele levava uma bola para jogar, ela furava, ele queria pular corda, ela rasgava, ele ia brincar de amarelinha, ela não se mexia, e todas as vezes que Romeu tentava demonstrar seu amor, ou seja, esfregando-se nela, como fazem os gatos, ele voltava machucado para sua casa. O gato já havia perdido todas as suas esperanças, então foi dar adeus à rosa:

- Perdoe-me por não conseguir livrar você de seus espinhos, estou muito ferido!

- Eu imaginei que isso iria acontecer.

- Não poderei mais te visitar...

- Tudo bem, Romeu, adeus.

- Adeus minha rosa branca...

A rosa, apesar de ter perdido seu melhor amigo, seguiu a vida normalmente, afinal, ela já estava acostumada a viver sozinha no meio

de tantas outras flores. Mas os dias se passaram, e sem o gato para tomar seu tempo, ela não tinha o que fazer. Então começou a sentir falta de seu companheiro... Um dia ela o viu passeando com sua dona no outro lado da calçada e percebeu o quanto gostava dele, ela estava apaixonada, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

Em uma noite fria e chuvosa, o gato deitado em sua caminha quente dentro de casa, imaginou como a rosa estaria naquele momento, se ela estava bem ou não, se o seu caule estava firme e em pé como sempre, então decidiu ir visitá-la.

Romeu encontrou a rosa toda ferida e murcha, ela estava muito doente, por isso decidiu que iria ajudá-la e continuou a ir até ela... ele levava água, brincava e fazia ela rir, mesmo sempre voltando cheio de acúleos no meio de seus curtos pelos pretos. A rosa, agora acompanhada do gato, ergue-se novamente, e ficou mais bela do que era.

A dona de Romeu percebeu que sempre que ele saía, voltava ferido, por isso, em um certo dia, decidiu segui-lo. Ela foi até a rua atrás dele e percebeu o que estava acontecendo, então ela resolveu dar um jeito no problema.

No outro dia, Romeu foi até a rosa e levou um susto quando viu ela feliz brincando com as outras flores. Logo que ela o enxergou de longe, chamou-o para vê-la.

- O que aconteceu? Cadê os seus espinhos?

- Uma mulher de cabelo grisalho, casaco rosinha que andava devagarinho veio e os tirou com todo cuidado!

- Espera... Era minha dona?

- Sim! Ela mesma.

A rosa ficou sem proteção, mas quando precisará disso se ela tem o gato para dispersar seus inimigos e cuidá-la?

## **Um amor quase eterno**

**Keslly Krauspenhar Cuchinski**

Seria improvável dizer que o amor é uma caixa de surpresas: pois bem, foi o que aconteceu com Ben Montgomery em um acaso ocorrido em 1967... Pintor profissional, 34 anos e há 5 havia perdido seus pais em

um acidente de carro. Morava sozinho em um pequeno cubículo de 34m<sup>2</sup> no sul da França. Homem inóspito, sonhador, não era perfeito. Além de tudo, tinha convicção em algo utópico para sua geração: acreditava no amor verdadeiro.

Paris era a cidade que lhe dava maior inspiração, com tantas pinturas e monumentos históricos, lugar onde lembrava um dos seus últimos relacionamentos: ele não era um cara com sorte no amor. Ao passar pelo Museu do Louvre, lembrara de sua última namorada. Mulher essa que há 3 anos, aprendera a conviver com todos os seus defeitos e desorganizações rotineiras. Seus últimos dias como casal foram marcados por várias brigas e uma descoberta obnóxica, que ele não era o único homem da vida de sua namorada. Após a descoberta, não surgia mais inspirações para suas famosas pinturas. O que antes foi tudo feito para sua amada, hoje já não valia mais seu olhar. Antigamente vendia seus quadros para famílias ricas, e esse era seu sustento. Costumava pintar belas mulheres, todas inspiradas no seu antigo amor, porém com feições diferentes. Acreditava que a pintura também deveria conter personalidade, e era isso que visava em todas as suas obras de arte.

Após tantos passeios pela cidade, buscando inspirações para suas obras, Ben Montgomery passou a conhecer vários lugares, aos quais nunca prestava atenção devido a correria do dia a dia. Em uma dessas caminhadas, uma porta amarela na avenida principal atraiu o seu olhar, era uma porta com detalhes franceses coloniais e traços espanhóis, dificilmente encontrados na famosa Paris. Na frente da porta, uma pequena placa indicando que ali se localizava uma escola de música para deficientes físicos. Por curiosidade, resolveu entrar para conhecer o local até então desconhecido.

Ao entrar, deparou-se com várias pessoas oriundas de diversos países. Notou que era um lugar clássico, com várias obras de arte e esculturas antigas, lembrando-o de quando morava com seus pais. A decoração tradicional da antiga casa de seus pais conservadores, trazia várias lembranças. Foi assim que se sentiu em casa na primeira visita ao novo lugar. Notou que havia várias mulheres atraentes no local, mas uma em especial chamou sua atenção. Era uma mulher aparentemente nova, com longos cabelos castanhos cacheados e olhar penetrante. Seguiu em

sua direção e logo foi recepcionado com um sorriso acolhedor. A mulher, que se chamava Alicia Dilaurentis, era dona e recepcionista da casa de música. No momento em que ela apresentava os cursos disponíveis em sua escola, Ben não conseguia parar de reparar no seu profundo olhar. E foi esse momento que ficaria marcado em sua vida como “amor à primeira vista”.

Depois do primeiro encontro na escola de música, Ben não conseguia parar de pensar na garota sentada atrás da mesinha de escritório que chamou tanto a sua atenção. Acordava feliz todos os dias, pensando que alguma hora do seu dia seria reservada para ver e conversar com aquela mulher que tanto lhe fazia bem. Alicia era paraplégica, havia sido vítima de um acidente de trânsito, quando uma moto a atingiu na calçada de sua própria casa. Após o incidente, ficou meses deprimida, deixou de lado tudo o que mais gostava de fazer, inclusive seu trabalho que tanto amava. Teria que enfrentar uma nova vida pela frente, procurar novos *hobbies* e atividades para satisfazê-la. Foi aí que encontrou o prazer pela música, e com apoio de seus pais, abriu uma pequena escola. Ali, todos os dias, encontrava uma nova esperança para esquecer-se do acidente que tanto a decepcionou. E foi essa história que Alicia e Ben debatiam todos os dias, em todos os encontros que planejavam.

A cada dia que passava, Ben encontrava em Alicia todas as qualidades que procurava em uma mulher. Se apaixonava ainda mais por cada sorriso sentido, e compartilhavam a história de suas vidas. Após procurar tanto a inspiração no seu dia a dia, achava a inspiração todos os dias na mesma mulher, e, por ocupar todo o seu tempo admirando a beleza real de sua amada, não ocupava mais seu tempo fazendo pinturas trancado em casa. Tantos foram os momentos passados juntos, que não conseguiam mais viver um longe do outro. Mais tarde, a amizade foi se transformando em algo além e Ben não achou uma situação mais oportuna para começar uma vida juntos. Ocorreu o pedido de namoro e, mais tarde, de noivado.

Alicia adorava admirar as pinturas que Ben fazia em seus horários vagos, enquanto ele aprendeu a tocar diversos tipos de instrumentos. Teve como professora a mulher mais linda que já tinha visto há anos, a mulher de sua vida. Após longos anos de alegrias na vida do casal, surgiu

uma complicação na saúde de Alicia, que novamente a fez perder as esperanças. Alicia descobriu um grave problema de saúde, em que um nódulo havia se formado em uma área de seu cérebro, e isso impedia seus neurônios de receber e transmitir alguns impulsos nervosos. Aos poucos foi perdendo a audição e movimentos, antes rotineiros. Já não podia tocar violino, que era seu instrumento predileto. Para compensar, Ben tocava todas as manhãs ao acordar, enquanto Alicia tomava café da manhã.

Ele não media esforços para ver seu sorriso, que foi apaixonante desde o primeiro momento em que a viu. Ben tentava fazer seu melhor para a felicidade de sua amada. Não conseguiria ser feliz sem antes ela estar. Fizeram passeios, visitaram lugares que sempre sonhavam visitar. O sonho dos dois era conhecer o mundo inteiro, colecionar ímãs de geladeira de todas as cidades visitadas, para assim preencher toda a porta da geladeira. O lugar mais inusitado visitado pelo casal nesse tempo foi a Suécia, nos dias mais frios do ano. Ben adorava ver o olhar tímido de Alicia admirando tudo a sua volta, enquanto empurrava seu carrinho na neve funda, e pensando que seriam as últimas imagens guardadas na memória de alguém que sempre admirou tanto a vida, que depois de tantos problemas que a vida impôs em seu caminho, via um lado bom para todas as dificuldades.

Infelizmente, nesse momento não teria uma saída. Ele apenas vivia cada momento como se fosse o único, e fazia o tempo parar enquanto estavam juntos, mesmo que o tempo parecesse correr. Depois de passados alguns dias da viagem para a Suécia, chegou o momento menos esperado para Ben. Alicia não resistiu após ser levada para a ala vermelha do Hospital parisiense. Foram os momentos mais tristes de sua vida ter que se despedir da pessoa que mais amava, da pessoa que merecia viver para sempre com o enorme coração bondoso que possuía. Os dias que se passaram não foram nada fáceis. Após tantos desencontros amorosos, encontrar alguém que ele pudesse amar profundamente de verdade, compartilhar tantos momentos e mais tarde, por acasos da vida, perder o amor de sua vida. Isso tirava suas forças para querer seguir em frente, nunca mais encontraria alguém que lhe fizesse tão feliz, como passou os últimos anos.

A cadeira de Alicia, que ficara em seu apartamento, só o fazia lembrar do primeiro dia em que se conheceram, e da linda história que formaram juntos a partir daquele dia. Para não perder o costume e nem as lembranças, toda manhã depois de tomado o café da manhã, reservava algumas horas de música, violino, lembrando do perfume e do sorriso que decorava seus olhos, que faziam as coisas parecerem um pouco melhores. Um dia qualquer, ainda na semana em que Ben perdera o amor de sua vida, procurava manter Alicia nas pequenas coisas. Por isso, resolveu vasculhar nas suas tralhas os quadros que ele fizera em sua presença. Para sua surpresa, encontrou algo que o surpreendeu. Um quadro que Ben pintara antes mesmo de conhecer seu amor. No quadro havia uma mulher de longos cabelos castanhos e olhar penetrante, condizendo com a real imagem de Alicia.

Antes mesmo de assustar-se ou emocionar-se, pensou em quanto os planos de Deus são perfeitos, e que aquela mulher estava escrita na sua história, desde o início, no seu destino. Ben Montgomery acabou por publicar sua história de romance com Alicia Dilaurentis. Dessa forma, mais pessoas poderiam ver o incrível destino que o acaso lhes proporcionou. Além disso, a partir do quadro encontrado de sua amada, inspirou-se a produzir mais obras de arte, tendo-a sempre como inspiração. Assumiu a presidência da escola de música de Alicia, não deixando morrer uma das coisas que ela mais gostava de fazer. Foram nos pequenos detalhes que manteve viva a presença de seu grande amor, tendo como inspiração seu sorriso, de que nunca se esquecerá.

## **A Fuga**

**Laura Caroline Cavalheiro**

Sonhei de novo com aquele lugar. As memórias me assombram até hoje, o que deixei para trás também. Lembro-me como se fosse ontem, com todos os detalhes daquele lugar hostil, do momento em que acordei naquele chão gelado, quatro paredes de concreto e apenas uma porta de aço com o número trinta em uma tela, logo acima da mesma.

Continuava sem entender o que estava acontecendo, mas lembrava de alguns *flashbacks* de noite passada, um bar, várias pessoas,

uma garrafada na cabeça, e cá estou. Levantei do chão, confuso, perguntando para mim mesmo sobre como fui parar naquele lugar.

- Estaria eu em algum tipo de prisão? - indaguei.

Logo após, a porta se abriu e dois homens entraram, com uma espécie de roupa de proteção branca.

- Número trinta, você vem conosco, - disseram.

Pensei por um momento, como irei com dois estranhos vestidos de um jeito completamente bizarro sem saber nem onde estou?

A porta estava aberta, tive em torno de dez segundos de coragem insana, não poderia ir com eles. Empurrei-os e fui correndo na tentativa de achar uma saída daquele local, conforme ia procurando a saída, acabei notando mais números em portas, logo percebi que não estava sozinho. Mas antes que pudesse raciocinar direito, senti uma dor insuportável do nada, e logo depois, simplesmente apaguei. Como um blecaute, porém somente na minha cabeça.

Acordei de novo. Porém, não estava mais naquele quarto, mas sim preso em uma cadeira. Na frente dessa cadeira, tinha outra, na qual estava sentada uma moça. Não parecia ter mais que trinta anos, tinha cabelos loiros na altura do ombro, olhos pretos como a noite e um sorriso aterrorizante nos lábios.

- O que estou fazendo aqui? Quem é você? - perguntei depressa, na tentativa de ser respondido rapidamente.

- Meu nome é Katherine, sou a chefe desse projeto. Estávamos esperando por você faz muito tempo, número trinta. Deixe-me explicar o motivo de você estar aqui e porque é tão importante para o sucesso dessa experiência.

Confesso que fiquei assustado quando ela disse experiência. Será que tinha sido raptado para servir como um animal em algum laboratório?

Não, a experiência era muito mais do que isso. Logo após, a mulher me explicou que estavam tentando fazer uma conexão entre o mundo humano e o supernatural. Tentavam através de alterações no DNA, transformar seres humanos em lobisomens.

- Isso é coisa de gente louca, - falei, completamente incrédulo sobre o que tinha acabado de ouvir.

- Pode até ser, mas você é propício aos testes devido sua condição genética, a não ser que prefira morrer antes de iniciarmos, disse ela em tom frio.

Engoli a seco, sem saber o que fazer e sem condições de reagir por causa das correntes que me prendiam na cadeira. Me sentia como um coelhinho, indefeso e sem ter como sobreviver.

Eu não tive escolha, precisei me submeter a alguns testes, cada dia em que acordava, já era uma vitória. Logo percebi que tudo foi ficando mais pesado, meu corpo não estava mais suportando a quantidade de testes realizados, minha alma praticamente não existia. Virei um ser sem sentimentos, sem vontade de continuar, até que eu a conheci.

Era uma menina de cabelos castanhos, longos e com ondas que me lembravam do mar. Seus olhos eram verdes, neles eu via a natureza mais bonita, que a tanto tempo não via, desde que entrei nesse lugar. A sua voz era como melodia e seus lábios perfeitamente desenhados. Ela deveria ter uns vinte anos. Conheci-a no refeitório daquele lugar. Seu nome? Ela estava a tanto tempo naquele lugar que só reconhecia seu nome como três. Não se recordava de nada antes de ser pega e de ser colocada naquele lugar.

Tornamo-nos amigos, foi uma conexão instantânea no momento em que conversei com ela. Ela fez com que eu tivesse vontade de viver, vontade de sair daquele laboratório, pois mesmo com o progresso nos testes, eles nunca nos deixariam sair dali.

Planejamos, por cerca de um ano e quatro meses, nossa fuga, para que não pudesse dar errado, mas mal sabia eu que daria mesmo assim, por causa de um descuido de um alarme ativado. O plano, depois de fugir, era que iríamos para qualquer lugar longe de tudo e todos. Conforme o passar do tempo em que planejávamos, fui me apaixonando por cada detalhe dela, que era realmente incrível. Eu queria continuar com ela para sempre, até chegar o grande dia. O dia que iríamos botar nosso plano em prática.

Estava tudo indo corretamente, passamos por dois terços dos locais para encontrar a saída, porém, o alarme foi disparado enquanto estávamos dentro do duto de ar, o qual era o único lugar que dava saída para o outro lado. Até que senti um leve puxão em minha perna direita.

Era ela, ela tinha sido pega por um dos guardas. Não consigo esquecer sua cara de desespero enquanto ia sendo puxada de volta. Logo após a sua feição de desespero, veio a conformidade por eu não conseguir segurá-la, ela sabia que não teria como. E eu também. Até me lembro exatamente de suas últimas frases antes de eu a perder:

- Volte para me buscar, vou te esperar - disse ela, dando-me sua pulseira, e completando:

- Guarde bem e devolva-me quando nos vermos de novo.

Fiquei relutante, tentei segurá-la, não aceitava perdê-la, não assim. Mas não consegui. Fui fraco demais para poder trazê-la de volta. Recuperei meu raciocínio e consegui sair daquele lugar depois de muito sufoco. Adquiri poderes com as experiências realizadas, mesmo sem completar todas as etapas. E, querendo ou não, foi aquilo que me salvou de não ter sido pego também.

Hoje, moro em uma cabana no meio da floresta de Yellowstone, as equipes de busca do laboratório – cujo nome não sei até hoje – continuam me procurando. Por isso, estou sempre me mudando, sem condições de parar e viver a vida de forma sossegada, que tanto desejava desde pequeno. Faz dois anos do ocorrido, dois anos que saí daquele lugar e recuperei minha liberdade, antes perdida, e durante esses dois anos, os setecentos e trinta dias contados até hoje, eu penso em como vou tirá-la de lá. Esse pensamento me assombra durante todo esse tempo, mas eu sei que ela vai estar me esperando e que voltará comigo para casa.

## **Um beijo de amor verdadeiro**

**Laura Garlet**

Em uma época bem distante, viviam em um humilde casebre, dois jovens que perderam seus pais quando ainda eram bebês. Foram criados por uma tia muito caridosa, que os recebeu com todo amor do mundo. Romeu era um menino forte, enfrentara muitas dificuldades na sua infância. Moreno, alto e sempre procurando novas aventuras. Sara era uma jovem muito sábia, vivia escrevendo histórias e contos de fada. Loira, dos olhos azuis como o mar, era muito cobiçada pelos jovens do seu vilarejo.

Depois que seu pai foi assassinado, Sara não teve escolha e teve de viver com sua madrasta cruel que só a usava para atender suas necessidades fúteis. Passaram-se alguns anos, a menina tramava uma fuga daquela vida infeliz que levava. Foi então que em um dia ensolarado, os passarinhos cantarolavam em sua janela e um barulho curioso chamava sua atenção vindo de fora. Era um garoto que estava tentando subir em uma árvore.

- Olá, como você se chama?

- Bom dia menina, me chamo Romeu, como posso chamá-la?

- Meu nome é Sara. O que faz aí?

- Passo todos os dias nesta hora por aqui e sempre parei para observar você acordando e cantarolando com os passarinhos.

- Como nunca notei você por aqui?

- Sempre me escondia atrás das árvores, mas hoje resolvi aparecer e saber mais sobre você, e por que você nunca sai de casa?

- Bem, minha madrasta não é muito bondosa comigo, ela diz que quer me proteger dos perigos do mundo, mas acho que ela quer mesmo é me prender aqui.

- Você gosta de morar aqui com ela, Sara?

- Não. Ela me proíbe de conhecer pessoas e o mundo que existe lá fora e ainda exige que eu faça todas as suas vontades.

- E quanto ao seu pai?

- Ele faleceu quando eu ainda era bebê. Minha madrasta sempre me escondeu o real motivo do falecimento dele. Às vezes, até acho que ela seria capaz de ter feito isso...

- Ah, sinto muito...

- E você, mora com seus pais?

- Não, perdi meus pais em um acidente. Vivo com minha tia. Ela me ajuda muito.

- Sinto muito pela sua perda também...

- O que você acha de vir morar com a minha tia? Ela é um amor, vai lhe receber de braços abertos.

- Sério? Sou uma estranha para vocês, e também não sei como poderia escapar dessa casa sem que ela percebesse...

- Não é mais uma estranha para mim. Já confio o suficiente para saber que você não nos faria nenhum mal, além do mais, posso ajudar você a sair daí...

- Como?

- Amarrando vários lençóis, pode sair pela sua janela. Pule, vou estar aqui esperando por você.

Cresceram juntos, tinham um laço muito forte, pensavam que nada nunca poderia separá-los. E foi assim que tudo começou. Sara foi morar junto de Romeu e sua tia. Anos depois, aos 17 anos, eles saíram da casa de sua tia e foram conhecer um pouco do que o mundo tinha a oferecer. Foi então que eles começaram a viajar pelo mundo. Passaram por vários lugares lindos e fizeram grandes amizades. Emma foi uma garota que eles conheceram em um vilarejo por onde ficaram hospedados um tempo; ela era uma menina especial, mas ainda não sabia disso...

Um dia, enquanto os três dormiam, Emma sonhava que estava em uma floresta encantada, que finalmente tinha conhecido seus pais e que tinha magia. A floresta estava em perigo por causa de uma rainha má que causava coisas terríveis aos moradores. Mary era a mãe de Emma e teve de abrir mão da filha para a rainha não lançar um feitiço que tirasse toda a pureza de seu coração. Foi então que, através de um portal mágico, Emma parou numa cidadezinha chamada Moscou e foi criada por três amáveis cuidadoras.

Ao despertar, Emma ficou triste, mas sentia que tinha um pouco de realidade naquele sonho estranho, já que nunca teve a oportunidade de achar sua família. Mas agora, com a ajuda de Romeu e Sara, poderia tentar procurar seus pais. Eles ficaram muito felizes em ajudar Emma nessa busca, pegaram suas coisas, colocaram a mochila nas costas e começaram a busca.

Eles sabiam que não iam conseguir informações no cartório, pois elas eram confidenciais, então partiram direto para um mago que poderia dizer onde ficava a tal floresta encantada do sonho de Emma. O mago era um homem poderoso que ficava na periferia de Moscou. Todos ouviam falar dele, mas ninguém nunca teve coragem de ir até o local onde morava. Aflitos em ir até lá, foram surpreendidos pelo mago ser um homem normal, baixinho e muito querido. Contou para as crianças que

já havia viajado por vários reinos e que eles deviam acreditar que a magia pode realmente existir, pois só assim encontrariam o que procuravam.

O mago informou que a rainha má havia lançado um feitiço que mandou todos da floresta para uma cidade chamada Storybrooke, e que só chegariam até lá através de um portal que viajasse no tempo e os levassem para a cidade. Eles não sabiam como abrir esse portal, então pediram ajuda para o mago que, sem pensar duas vezes, entregou-lhes um par de calçados. As crianças não entenderam como aquilo poderia levá-los até Storybrooke e então o mago os auxiliou.

- Esse par de sapatos pode levar vocês a qualquer lugar que desejam, basta apenas colocá-los nos pés, pensar no local e bater três vezes. Não esqueçam de segurarem bem as mãos.

- Muito obrigada Mago, você nos ajudou muito. Voltaremos aqui para retribuir esse favor.

- Ah crianças, não se preocupem, fico feliz em ajudá-los a encontrar sua família...

Os três partiram. Num piscar de olhos estavam em uma cidade totalmente diferente do que estavam acostumados a ver, era meio vazia, não tinha muitas pessoas e estava silenciosa. A rainha má era conhecida por Beatriz, na cidade; ao pararem em um restaurante pequeno chamado Granny's, pediram informação para uma senhora que estava no caixa.

- Olá senhora, estamos à procura da minha família aqui em Storybrooke. Parece que a tal rainha má lançou um feitiço na floresta onde moravam e, para me proteger, minha mãe me mandou através de um portal para outra cidade.

A senhora brilhou os olhos ao terminar de ouvir Emma. Todos do restaurante levantaram e aplaudiram. Romeu, Emma e Sara ficaram sem entender.

- Não se assuste Emma, ficamos felizes porque diz a lenda que você é a nossa última esperança para derrotar a rainha e, assim, termos nossas vidas de volta. Sei como posso ajudar você a encontrar seus pais. Eles vão ficar muito contentes em te ver novamente.

- Como eu poderia derrotar a rainha?

- Te explico no caminho. Venham!

Elas foram ao encontro dos pais de Emma, enquanto isso Sara e Romeu foram conhecer um pouco da cidade. Romeu contou que gostava muito da companhia de Sara, ao passo que foi se aproximando e dizendo o quão importante ela era para ele; era notável a paixão que um sentia pelo outro, mas nenhum deles tivera a coragem de expressar seus sentimentos ainda.

Parados em frente a um lago, Romeu segurou a mão de Sara e aproximou seus lábios aos dela. Ela deu um suspiro e então beijou Romeu pela primeira vez, mas o momento romântico dos dois foi interrompido. Sara caiu desmaiada no chão.

- Sara, o que aconteceu? Acorde! Por favor...

Romeu desesperado pegou o telefone e ligou para Emma, que foi correndo ao encontro deles. Levaram-na para o hospital imediatamente e o médico a diagnosticou. A notícia do que havia ocorrido com Sara não era das melhores e não haveria cura para o que ela tinha.

- Doutor, o que houve com ela?

- Sara foi diagnosticada com câncer no cérebro, precisamos fazer mais alguns exames para ter certeza de que ainda não deu metástases. O câncer dela é raro e difícil de ser curado, ela precisaria de tratamentos fortes e bem prejudiciais à saúde do corpo.

Todos choravam por Sara; foi então que Emma pensou em procurar alguém que tivesse magia para poder curá-la. Quando Sara acordou, não sabia onde estava e o que tinha acontecido. Seus amigos pediram ao médico para que eles pudessem dar a notícia a ela. A menina ficou arrasada e perguntou ao médico, cheia de lágrimas nos olhos, quanto tempo ainda tinha de vida.

- Sara, seu tempo de vida é curto, talvez horas. Fizemos mais alguns exames enquanto estava desacordada, seu câncer espalhou-se e não há muito o que possamos fazer por você.

Ela chorou, pediu aos seus amigos que ficassem perto dela nesses últimos dias de vida e não a deixassem sozinha. Emma disse que tinha de fazer uma coisa, mas não comentou o que era e saiu da sala rapidamente. Ela foi atrás de Beatriz, pois sabia que ela possuía poderes mágicos e talvez pudesse ajudar Sara. Ela temia o que a rainha pudesse fazer ao vê-la, mas a saúde de sua amiga era mais importante naquele momento.

Ao chegar na casa de Beatriz, bateu na porta e ela atendeu.

- Quem é você? E o que faz na minha casa?

- Sou Emma, filha da mulher à qual você obrigou a abandonar a filha para poder salvar das suas maldades.

- Você é a salvadora! Não achei que estivesse viva, parece que deixei um pequeno problema para trás...

- Sei que você pode não gostar de mim, nem de ninguém dessa cidade; mas também sei que aí dentro do seu coração já houve paz e amor. Tenho uma amiga que está morrendo de câncer, e você é a única pessoa que pode nos ajudar. Magia é a última esperança para curá-la.

- Por que eu a ajudaria? Só tenho magia negra, garanto que não poderia fazer muito por sua amiga, e mais, a culpada de eu ter me transformado em uma pessoa má é da sua mãe, que abriu a boca quando não deveria e assim perdi a única pessoa que se importava comigo!

- Entendi, então você já amou alguém...

- Não é da sua conta, tenho mais o que fazer. Vá procurar alguém disposto a ajudá-la.

Emma não sabia o que fazer, então finalmente foi pedir ajuda para os seus pais, eles deverão saber de algo que pudesse ajudar. Ela pediu informação para um anão que estava passando e ele deu o endereço da casa de Mary. Chegando lá, os pais de Emma se emocionaram ao vê-la. Ela chorou por finalmente conhecê-los, mas disse que não tinha muito tempo e explicou tudo a eles, no caminho do hospital.

Mary revelou que era possível Emma ter magia, e contou que, por ser uma cidade encantada, tudo funcionava com um beijo de amor verdadeiro. Passadas horas que Emma procurava uma solução, quando finalmente achou, já era tarde demais. Romeu ligou para ela avisando que estavam levando Sara aonde ela tinha pedido, segundos antes de fechar seus olhos.

Horas antes...

- Romeu, quero que você me leve em um lugar lindo, perto do lago onde nos beijamos, cheio de flores, é lá que quero ficar até...

Emma correu e tentou acalmar Romeu pelo telefone, talvez ainda houvesse esperança.

- Romeu, Sara ainda pode viver, dê um beijo nela!

- Mas como um beijo pode curá-la?

- Não vai curá-la, mas vai despertá-la. O amor é mais poderoso que a doença que a está matando. Assim terei tempo para tentar usar minha magia e ajudá-la.

Foi então que Romeu beijou Sara com todo seu amor. Lágrimas escorriam do seu rosto e, de repente, o sol brilhou e os passarinhos voltaram a cantar. Sara despertou. Emma colocou suas mãos em cima do corpo de Sara e sorriu, sua magia curou-a e ela pôde retribuir o beijo de amor verdadeiro em Romeu.

Anos depois...

Era o dia do tão esperado casamento entre Sara e Romeu. A rainha má agora era boazinha, pois tinha acertado suas contas com Mary. Em troca disso, ganhou sua felicidade de volta e um homem em sua vida. Emma também encontrou o seu amor, vivia com sua família e todos estavam felizes. Romeu e Sara se casaram e tiveram uma lua de mel maravilhosa na floresta encantada. Vinha novidades por aí...

- Romeu! Nós vamos ter um bebê!

E assim o laço que os dois criaram desde crianças foi concretizado, e como todo fim de conto de fadas, eles viveram felizes para sempre!

## **O Amor e a Saudade**

**Lauren Cervo Pasini**

Certo dia, cheguei da escola e me deitei no sofá, exausta. Levantei, preparei um sanduíche e sentei na cadeira de balanço que era de minha avó e ficava na varanda. Há muito tempo ninguém sentava naquela cadeira. Comecei a balançar. Estava balançando quando meu avô chegou em casa.

- Eliza, é você? disse ele com voz de choro e alegria.

- Não, vovô. Sou eu, Camila, respondi.

Ele ficou calado, entrou em casa e sentou-se na poltrona, o que fazia todos os dias depois da morte de vovó. Então, me dirigi até ele e dei-lhe um abraço.

- Vovô, onde vocês se conheceram?

- É uma longa história. Venha comigo.

Vovô levou-me para fazer uma caminhada e começou a contar.

- Aqui, nos meus tempos de brotinho, era o cinema da cidade e foi onde conheci sua avó. Meus amigos e eu estávamos fumando um tabaco na frente deste estabelecimento, enquanto o filme não dava início, quando Eliza e suas amigas chegaram. Ela era a moçoila mais linda e doce de todas, seus cabelos pareciam ouro, os olhos pareciam as esmeraldas mais brilhantes da joalheria. Usava um vestido cor de rosa com bolinhas pretas e uma luva que cobria suas delicadas mãos. Seu sorriso era tão inexplicável que parecia uma miragem. Jamais havia visto tamanha perfeição, foi amor à primeira vista. Mas não pense que eu também não fui um broto bem-apeado, pois eu era sim! E mais, todas as amigas de sua avó estavam loucas para sentar comigo durante o filme.

- Que filme passou, vovô? perguntei ajudando-o a sentar no banco da pracinha.

- Era um filme de terror chamado “O bebê de Rosemary”. Cinco minutos antes de começar, chamei Eliza e a convidei para sentar-se comigo. Ela aceitou, então guardei minha carteira de cigarros no bolso da camisa, ofereci meu braço a ela e entramos. Na metade do filme, ela deitou sua cabeça em meu ombro e permaneceu até o final. Quando este chegou, a chamei para um sorvete e uma caminhada no parque, porém, ao chegarmos à porta, seu pai a estava esperando. Era um homem forte e alto, seu bigode era enorme, era xucro, não mostrava os dentes a quem não o agradasse. Além disso, era o delegado da cidade e era respeitado por todos. Engoli seco. Dei um passo atrás e disse que o sorvete ficaria para o próximo dia. Eliza foi em direção ao carro e seu Ernesto continuou me fitando com seus olhos raivosos. Fui embora, mas não consegui parar de pensar em Eliza. No dia seguinte, fui até sua casa procurá-la para o prometido sorvete. Quando a vi, estremei novamente, aqueles olhos eram os mais marcantes que eu já havia visto. Seu pai apareceu atrás, sempre com a cara amarrada. Então, pedi sua permissão, a qual foi concedida com facilidade. Mesmo assim, Ernesto não mostrou os dentes. A partir desse dia, os encontros tornaram-se mais frequentes. Começamos a namorar.

- Quanto tempo vocês namoraram? Era a mais bela história que eu já havia ouvido, eu estava paralisada.

- Como eu era pobre, os pais de sua avó não queriam aceitar nosso namoro, pois imaginaram que eu nunca iria trabalhar, mas logo passei no concurso e iniciei meus trabalhos como policial, então eles aceitaram. Namoramos por cinco anos, casamo-nos em uma tarde de sexta-feira ensolarada. Nunca havia visto uma noiva tão linda na vida. Aos vinte e três anos sua avó engravidou de sua mãe e aos vinte e oito, de seu tio.

- E vivemos juntos por 35 anos. Olhei para meu avô e uma lágrima escorregou vagorosamente queimando seu rosto envelhecido e marcado pelo sofrimento dos anos anteriores. Lembrou-se do passado e ficou calado.

Seguimos nosso passeio e chegamos em casa. Era tarde, meu avô foi direto para a cama. Tentei dormir, mas meu pensamento não permitia. Era a saudade que eu estava sentindo de minha avó. Subi as escadas depressa e cheguei no quarto onde estavam suas roupas. Abri a porta devagar com a esperança de que ela estivesse lá. Nada. Apenas o seu cheiro estava presente no quarto parcialmente vazio. Lágrimas escorriam em meu rosto. De repente, a cena do sofrimento de Eliza se repetia em minha cabeça.

A lembrança da época na qual eu tinha oito anos me veio em mente. Minha mãe chorava pendurada ao telefone e meu pai a alisava e dizia que tudo ficaria bem. Logo mamãe entrou no meu quarto e disse sobre o que se tratava: vovó estava muito doente e iria ficar careca. Depois de dois anos de tratamento, tudo ocorria bem. Eu viajava com meus avós para a cidade grande quando ela precisava fazer quimioterapia e exames. Um ano depois, em um exame de rotina, recordo que vovó disse para vovô que o médico encontrou uma manchinha em seu fígado, mas disse que não era nada.

Vovó estava praticamente curada e todos estavam felizes. Então, meus avós resolveram planejar a construção de uma nova casa ao lado da antiga. A nova moradia seria grande e moderna, e vovó dizia que teria uma sala especial para que eu pudesse chamar todos os meus amigos e fazer festas. Contudo, problemas com a construção começaram a ocorrer, e junto vieram o estresse, dores nos braços e em todos os ossos.

Voltamos às pressas para a cidade grande, que era longe. Exames foram feitos e nada mais havia de se fazer: a metástase estava instalada

no fígado, pulmões e ossos. Seis meses. Esse era o prazo de vida que o incompetente doutor que, de início disse que não era nada, deu de prazo para vovó. Como um produto que tem data de validade. Toda a felicidade passou a ser angústia e tristeza.

Seis meses de puro sofrimento estenderam-se por um ano. Foram o último Natal, o último Réveillon, a última Páscoa, e todas as outras datas comemorativas que só tinham graça porque Eliza preparava todas as comemorações com amor e vontade de reunir toda a família. Depois de muito sofrer, ela partiu no décimo quinto dia de dezembro de Dois Mil e Treze, com cinquenta e três anos.

Eu estava abraçada em uma de suas blusas, que me envolviam com seu cheiro, quando me levantei e resolvi ir para a cama, pois já era tarde e eu teria que ir para a escola no outro dia. Saí do quarto e tranquei a porta. Estava descendo as escadas quando ouvi um sussurro que vinha de dentro do quarto das roupas. Voltei calmamente e destranquei a porta. Quando abri, me deparei com vovó no outro canto do quarto, de braços abertos à minha espera. Ela estava feliz, radiante e não estava mais sofrendo. Corri para abraçá-la, e quando a alcancei, meu celular disparava o despertador, que me avisava que seria a hora de acordar para ir à escola. Eu devia ter caído no sono assim que me deitei em cima das roupas que estavam no chão.

Fiquei triste por ter sido um sonho, mas agora sei que ela está bem e feliz.

Essa história faz parte da minha vida e permanece comigo até hoje!

## **O romper ganancioso de um Romeu e uma Julieta**

**Leon Ferrari**

Não aguentava mais olhar o assoalho carcomido daquele navio. Já havia contado cada buraco que encontrava, mas sempre me perdia na metade. Maldito balançar deste navio! Conquanto, fazer o que, uma vez que não consigo nem mesmo avistar a paisagem, por medo, confesso, de ver minha face refletida naquela água translúcida. Face de quem havia pecado, de um vigarista qualquer que, quando não consegue mais manter

suas mentiras, arruma as malas e foge. Mas não, com certeza não, meu caro senhor. Uma fuga qualquer, sou esperto tanto quanto um gato que espreita o rato que se deleita e espera o momento propício para abocanhá-lo.

Contudo, não acredito que seja o momento certo para que saibas para que rumo segue minha viagem (se assim posso chamá-la). Basta que saibas quem sou. Mas nem mesmo eu realmente me conheço. Então que baste a ti somente meu nome. Cecilius. Nome maldito, ou talvez maldito seja quem o detenha, quem saberá dizer? Tolices à parte, acredito que nunca chegue ao fim de minha viagem, isso porque, talvez, ela seja uma fuga. Nada sei, ao certo, como podes perceber. A única certeza que tenho é do motivo da minha fuga repentina de minha amada terra, Holanda.

Esra, assim chama-se meu motivo, um belo motivo por sinal. Longos cabelos alaranjados que brilham intensamente no poente, uma boca esguia, mas que diz verdades como nenhuma outra, um olhar intenso, que prende a alma de quem o fita, mesmo que de esguelha. Ah, bela Esra! Perdoa-me, menti tanto, não tinha fazendas, nem cavalos, muito menos joias. Mal tenho onde dormir, doce amada. Mas, deixemos o romantismo de lado, aproximei-me daquele olhar apenas por dinheiro, quem diria que uma moça indefesa conseguiria arruinar meus planos. Ela me prendia em seus braços, beijava-me calorosamente, como eu, frágil mortal, conseguiria ser frio em contato com o Sol? Sim, tu eras meu Sol, mas agora nada mais é, porque nem só de amor se vive. Fugi de ti, me escondi nesse eterno breu, pois não teria coragem de dizer-te que nada tenho. Mas de que adianta ficar desculpando-me, livrei-te de uma maldição, do golpe de um vigário.

Ao alvorecer daquele fatídico dia que me olhei no espelho e me vi apaixonado, corri ao porto, sabia que haveria lá um navio que levaria meu povo, agora independente, a uma terra da qual tanto queriam dominar, extrair riquezas, terra que pertencia a seu pior inimigo: Espanha. Malditos espanhóis, deixaram-nos sem açúcar! Mas a vingança viria e, certamente, eu faria parte dela. Entrei no navio, sorrateiro como uma víbora, ou nem tanto. Ninguém notou minha presença desde então e, caso tenha notado, de que adiantaria expulsar-me depois de tantos dias (sem dúvida perdi a noção do tempo). Ria-me, faziam o que comigo,

jogar-me-iam às águas? Que mal teria nisso, nada me abala, nada tenho a perder.

Tantos sóis subiram, tantas luas surgiram, até que, enfim, pudéssemos avistar a terra a qual tanto almejávamos a chegada. “Ergam-se, lutem por sua pátria”, era só o que se ouvia no convés do navio, além de urros e grunhidos, como se fossem atingir seu objetivo a grito. Acho que estou nervoso, sem dúvida, minhas mãos tremem e suam, quem diria, eu, tão dono de mim, temendo uma batalha contra meia dúzia de colonos. Mas, aproximando-nos cada vez mais de lá, via que meia dúzia não condizia com a realidade, talvez centenas fosse mais adequado, quem sabe milhares. O medo contorcia minha face, corroía minha alma, arrancava-me vitalidade a cada suspiro.

O navio atracou. Ouço passos, gritaria, som de lâminas roçando, mas nada faço, incapaz de me mover. Até que, como num bater de asas, ponho-me a correr, como nunca tinha corrido, minhas pernas se confundem com o chão, não sou capaz de enxergar um palmo a minha frente, só corro. Acho que consegui sair do navio, não tenho certeza, o pânico me fazia sucumbir. Mas não posso desistir. Corro mais, mais, mais. Sinto um calor estranho, algo jorra de mim, percebo que fui apunhalado. Tudo escurece, não sei mais o que se passa.

Calmaria, isso mesmo, não morri, por um triz. Sei que acordei, sei que vencemos, parte dessa colônia é nossa, sim estou na terra do pau-brasil (agora sabes meu paradeiro). Reacomponho-me, levanto da cama a qual me encontro deitado, vejo que ainda estou no navio, como que em uma enfermaria improvisada, agradeço ao primeiro que encontro, vou-me embora, quero explorar esta minha nova realidade.

Meu primeiro sentimento foi o de estar sendo queimado. Mas que terra ensolarada. Ensolarada e bela, talvez os canaviais extensos a estraguem um pouco, contudo, um homem precisa botar pão à mesa. Encontro um rosto conhecido, era Joep. Não creio a sorte que tive, meu amigo de longa data me convida a participar de um estudo das mudas de cana cá cultivadas. De vigarista a estudioso, quem diria. Aceito, porém, lembro nada entender de botânica, não sou naturalista, mesmo gostando de admirar as belezas da terra. Conquanto, nada irá impedir-me de aprender.

Joep leva-me para um vilarejo improvisado, reservado somente aos que irão dedicar-se aos estudos. Entrega-me um livro pesado. “Leia-o e aprenda”, como se fosse fácil, mas tentá-lo-ia. Agora, estou sozinho nos aposentos aos quais fui destinado, resolvo ir conferir se o punhal havia muito me ferido. Havia ali um pequeno espelho, apossei-me de tal, abri o curativo, meu medo se foi, era somente um raspão.

Tamanha minha felicidade, resolvi espairer um pouco. O litoral pernambucano não estava totalmente dominado, mas o que temer, iria deleitar-me e a esfera matutina aproveitar. O vilarejo era composto por algumas construções imponentes, outras nem tanto, o chão batido, de terra vermelha, era extenso. Nunca cansaria de andar-me por aquela localidade, tamanha sua extensão. Mais canaviais à vista, mas algo me chama a atenção em um deles.

Era uma mulher, negra escrava acredito, mas de uma peculiaridade sem igual. Os lábios cheios, o semblante forte, os olhos profundos. Tinha cicatrizes, como que garras tivessem tentado roubar-lhe a beleza. Não haviam conseguido, aquelas marcas a deixavam mais atraente, mais guerreira, diria. Melhor do que guerreira, mais rebelde. Rebeldia sempre me atraiu. Cogitei aproximar-me dela, mas não, que pensariam de mim os homens que pela rua passavam. Que raiva tinha da escravatura! Mas evito dizê-lo em público, a retaliação é provável e severa, porém, uma coisa era certa, iria, algum dia, voltar àquele lugar onde a negra debruçava-se ao labor e chamá-la. Ela não entenderia nenhuma palavra a qual eu proferisse, mas poderia dizer que teria me dado atenção por alguns instantes.

Passei o resto dia pensando nela, naqueles olhos inconfundíveis. Até que Joep interrompeu meus devaneios. “Já leu?”. Comecei a rir. Confesso ter lido uma ou duas páginas, mas não havia nem ao menos prestado atenção. Recebi um olhar de desaprovação (já estava acostumado com este tipo de situação). Peguei o livro e abri. Fingi ler. Meu amigo afastou-se, mas olhava de esguelha. Senti-me como no primário (nunca fazia nada certo, porém sabia inventar histórias, minha criatividade me permitiu ficar por alguns anos na vida acadêmica e aprender o básico). Quando estava completamente sozinho, larguei aquelas páginas e voltei meu olhar ao teto, enxergava-a, sim, em tudo via

ela. Maldito o dia que peguei aquele navio! Fugi de uma mentira para encontrar uma paixão impossível.

Anoiteceu, aquele céu estrelado me fez feliz. Não sabia nenhuma constelação, sabia, somente, que o brilho delas me deixava fascinado. Quão distante elas estariam? Poderia tocá-las? Nada sabia, como sempre. Mas a escuridão aveludada do céu lembrava a pele da negra, a qual me roubava toda a concentração. O vento quente do anoitecer pernambucano me pegou de surpresa, esperava uma trégua daquele calor infernal. Resolvi dormir na grama mesmo, não aguentaria, certamente, a temperatura de meu “quarto” nada confortável.

Acordo com os raios do poente cobrindo todo meu corpo, como que um manto reluzente. Procurei por Joep (que ainda estava decepcionado comigo). Encontrei. Ele dirigiu-me um olhar de desdém, ofereceu-me um pedaço de pão, aceitei (meu estômago gritava por alimento). Engolia cada pedaço junto com todo orgulho que tinha (nada adiantaria ficar de birra com o conhecido, ele ao menos havia me dado um lugar para me esticar!). Resolvi focar no livro durante a manhã inteira. Consegui ler metade. Os pesquisadores pediram reforço para ir a campo extrair mudas. Voluntariei-me. Entramos naqueles extensos canaviais (infinitos, acredito, nunca tinha visto algo como aquilo). Extrai, modéstia à parte, a melhor muda de todas. Joep me parabenizou. Disse-me que se mantivesse meu ritmo de estudos, receberia logo um melhor posto na pesquisa.

Resolvi ler mais alguns capítulos. Até que ouvi gritos vindos da praça. Gritos de dor, sofrimento, desânimo, de quem estava tentando, mas sem sucesso, não desistir da vida. Tive um mau pressentimento. Corri, até não sentir minhas pernas. Minha intuição estava certa. Era ela. Encontrava-se ensanguentada, maltratada, em frente àquele tronco. Uma onda de raiva atingiu-me, assim como a violência havia atingido a negra que me havia fascinado.

Não era capaz, nem mesmo, de derramar as lágrimas que sentia por necessidade despejar (desde o incidente com Esra). Continuei a observar a macabra cena. A negra caída, colorida de um carmim de dor, e os transeuntes, como que nada vissem, seguiam com um zum-zum de vozes e sons. Nesse momento, percebi algo que desde sempre me

assombrosa, a barbárie humana. O que aquela escrava representava? A ganância. Símbolo da busca de lucro que submete seres humanos, como outros quaisquer, a enfrentar as piores situações do mundo. Será que a vida daquela mulher valia menos do que uma quantia de metais?

Foi aí, após horas e horas voltado a mim, que minha vida acabou. Isso mesmo, não se assuste. Todo o brilho que um dia vi na humanidade se esvaiu, apagou tão rápido quanto a chama de uma vela soprada pelos finos lábios de uma bela moça. Nada mais justificava viver no meio daquela sociedade corrompida. Viver, para mim, significava compactuar com as atrocidades cometidas.

Mas não pense que minha revolta não tenha entrado em movimento. Arrastei minha amada, porém desconhecida ao mesmo tempo, para dentro do canavial mais próximo. Deitei-a sobre a terra batida e busquei de tudo que precisava. Fogo. Gritos. Pânico. Resolvi queimar o lucro tão buscado junto comigo e minha donzela. As chamas lambiam a cana e se apossavam de meu corpo. Não sentia dor. Em nenhum momento sofri. Todo o meu sofrimento focava-se na barbárie com a negra. Quando a morte se aproximava, sorri-me, como quem espera um bom amigo com uma taça de vinho na sala de jantar de casa. Até que, por fim, o vento levou o que restava de nós para o infinito.

## **A Efemeridade da Vida**

**Lia Maria Dal'Agnol**

“Se quiseres suportar a vida, fica pronto para aceitar a morte”. Tal frase falada por Sigmund Freud já explica por si só muitas dúvidas que acercam a todos. Agora, o que cada um faz para vivê-la, sim, realmente é um enigma. Como cada um tem um modo, um olhar e uma ideia diferente, nada mais normal de que cada um reagir de forma diferente diante de seu mundo. Por isso, acho relevante e justo contar uma história sobre uma menina de minha escola, algo que aconteceu há muito tempo e que não teve a devida relevância que precisava.

Era verão de 1984, acabava de fazer meus dezoito anos e estudava no ginásio de minha cidade. Como qualquer outro jovem, não tinha muitas obrigações e meu estresse mais recorrente era de usar muito

brilhante no cabelo, com o tempo aquilo tudo ia descolando, fazendo com que o rosto e corpo parecessem um pisca-pisca de natal. Apesar do quão difícil era para a maioria, escola era um lugar legal de se estar, aparentemente para todos. O mal da década era o modo como éramos tratados; novos, éramos como se fôssemos meras crianças loucas e imprudentes. Talvez por descuido, vivêssemos cada dia com seu merecido valor, lembro-me de como era boa aquela época das amizades e também das festas arranjadas em qualquer garagem simples.

Pois bem, enquanto para mim e mais alguns tudo parecia ser um mar de rosas, outros procuravam desesperadamente por ajuda, em silêncio. Sei que isso sempre existiu e existirá. O problema é quando começam a guardar tudo para si e acabam sufocando-se com palavras não ditas ou mesmo ouvidas. Há quem diga que uma faca fere seriamente, mas já repararam no poder de uma mera palavra? Aqui começa o problema que vou contar, de uma menina tão nova quanto eu, tão esperta, e com sonhos, como qualquer outra.

Lúcia era seu nome. Lembro-me bem de seu cabelo claríssimo, era lindo, com olhos verdes simpáticos, sempre respondia muito bem a todos, mostrava sempre um sorriso em seus lábios. Embora atualmente não tivesse muito contato com ela, morávamos na mesma rua há muito tempo, tempo suficiente para não se lembrar de ter morado em outro lugar. Tínhamos algumas aulas juntos e quando isso acontecia, ela sempre ficava próxima a algumas amigas. Mesmo que eu andasse distraído ou com a cabeça cheia demais, sempre a via andando de um lado para outro. Não que a cuidasse o tempo todo, mas sem querer, a via.

Não tenho lembranças de vê-la em muitas festas, ou cinemas. Lembro-me dela sempre sentada à varanda de sua casa de madeira, um pouco velha e desleixada. Quando criança, ficava por horas a balançar-se em um balanço branco de minha casa que, por sermos crianças, acabávamos dividindo. Tivemos uma infância legal. Eu, na fase adulta, acabei descobrindo outras pessoas com gostos parecidos aos meus, gente com quem acabei criando afinidade no período da escola. Claro que Lúcia, mesmo que na maioria das vezes estivesse sempre só, talvez por opção ou não, também criou seu grupo, onde gostava de estar.

No último ano de ginásio, todos estavam empolgados com a nova vida que iríamos ter, uns iriam estudar fora do Brasil, pois naquela época o país não dispunha de ensino superior de qualidade, uns iriam trabalhar, outros pensavam em viajar sem fim pelo mundo a fora. Dava para ver o rumo que tomaríamos. Éramos todos assim, menos uma pessoa. Uma pessoa que quando criança e até o início da mocidade foi tão alegre e sonhadora, agora estava diferente. Realmente diferente, já não ria muito, e aqueles olhos tão receptivos que sempre foram, andavam cada vez mais cabisbaixos.

Recordo que sua amiga mais próxima havia ido embora com a família para fora do país, deixando a pequena Lúcia afastada e sozinha. Embora linda, Lúcia não se relacionava com os meninos, falava somente comigo, talvez pela boa educação que havia tido, dando-me um bom dia ou boa noite, quando nos víamos por alguma janela ou no quintal. Eu passava muito tempo com meus amigos. Assim que o horário da aula terminava, reuníamos-nos na casa de alguém para jogar *PacMan*, ou algo do tipo, ou até mesmo para ficar por horas jogando taca. Sempre arrumávamos uma desculpa para beber algo ou fumar alguma coisa. Minha vida era divertida.

Apesar disso, sentia certa saudade de conversar com Lúcia. Sempre a tive como uma boa amiga, porém, embora estivesse tão perto, sentia-me cada vez mais distante. Ela não era como as outras. Isso é uma das partes ruins da vida, mesmo querendo que amizades sejam eternas, elas não são. É difícil criar uma amizade verdadeira com alguém. Porém, é muito fácil fazer com que dois grandes amigos virem simples conhecidos. Sei que tive uma boa parte da culpa nisso. Mas a vida é assim, não podemos controlar coisas, muito menos pessoas.

Certa tarde, estava em casa sozinho, quando de boqueira fui até ao antigo balanço branco de minha infância, que agora já não era mais tão branco. Sentei e fiquei por horas lendo um livro de escola. Embora não gostasse muito de história, acabei viajando com todos aqueles fatos e datas. Lia sobre a Primeira Guerra Mundial, quando escutei um barulho longe e abafado. Olhei ao meu redor e acabei não percebendo nada além de meu cachorro Bob e a grama verde e recém-cortada. Voltei os olhos ao livro e aquele barulho pareceu aumentar bruscamente, levantei e fui

até a cerca que dividia minha casa da de Lúcia, esticando-me por sobre a cerca, encontrei-a aos prantos, sentada no chão da área dos fundos. Segurava os joelhos com os braços, embolados nas próprias lágrimas, parecia assustada, soluçava forte.

Parei imóvel por instantes. Queria ajudá-la, não sabia o que fazer. Foi questão de segundos até Lúcia ouvir meus pés na grama, o que fez com que ela entrasse correndo para casa e desaparecesse da minha frente. Lembro-me de ter ficado pensando nisso durante dias. Não era nada demais, mas ela estava tão diferente, já não ia mais a muitas aulas e não conversava com praticamente ninguém. Ela precisava de ajuda, mas não a pedia. Em momentos vagos, entre uma aula e outra, ficava fechada dentro de alguma sala ou, quando conseguia, no banheiro.

O pior é que ninguém reparava nessas coisas, nem mesmo as outras meninas, algo que deveria ser notável, já que meninas têm esse lado de conhecer e reparar problemas. Ninguém comentava sobre ela, parecia que Lúcia já não existia mais. Por seu pai passar a maior parte do tempo viajando a trabalho e sua mãe fazendo hora extra na lanchonete da cidade que trabalhava, Lúcia passava muito tempo sozinha em casa, a não ser pela fiel companhia de seu gato; um gato magro, cinza, com pelos graciosos que pareciam verdadeiras plumas. No momento, aquele ser era realmente o único que ficava próximo a ela.

Não posso falar com precisão, mas lembro de vários momentos em que encontrava Lúcia chorando ou completamente desanimada. Aquele sorriso lindo, já não existia mais. Seus olhos tristes já não olhavam mais para as pessoas, pareciam que miravam, mas não as enxergavam. Eu fazia comentários com meu amigo Paulo sobre ela, contava o que havia visto de suas crises, contava de seu isolamento, mas ninguém se importava. Cheguei a pedir ajuda para minha mãe, para tentar entendê-la, mas minha mãe sempre atarefada, respondia-me com clareza que era coisa de nossa idade, frescura da época ou até mesmo um sofrimento bobo por algum menino. No momento senti certa raiva, concordei com a minha mãe e fiquei com raiva de mim mesmo, por estar preocupado com alguém que nem era mais minha amiga.

O nosso último ano da escola estava passando muito rápido, tão rápido como o sol esconde-se quando vem uma tempestade. Já outros

dias eram incansáveis, sem fim. Eu queria mesmo sair dali, terminar logo e começar uma vida nova. Tudo tomava direção para esse rumo, todos iam seguindo, todos, claro, menos Lúcia, que já estava tão desgastada fisicamente, com grandes olheiras fundas e seu famoso olhar cansado e triste. Uma vez ela chegou a sair de uma aula, alegando que estava passando mal. Acabei saindo mais cedo e a encontrei novamente chorando, sentada ao pé de uma quaresmeira que havia no parque, próximo a nossas casas.

Foi ali que resolvi finalmente falar com ela, pedir explicações ou, por fim, desculpas. Sentei ao seu lado, sem falar nada. Lúcia, num gesto rápido, enxugou os olhos na manga de sua blusa azul e sentou-se com postura, sem falar nada também. Eu queria pedir o porquê, queria saber o que podia fazer para ajudá-la, foi quando finalmente pedi o que estava acontecendo. Lúcia, com sua voz meio falhada e com os olhos inchados, disse-me uma única palavra, nunca esqueci. Tão pequena. Olhou para mim e falou um abafado “nada”. Sim, leitor, ela só disse isso, enquanto voltava aos poucos a chorar. Fiquei sem atitudes, abracei-a e me concentrei em tentar entender essa palavra, mal sabia ela que há milhões de significados para essa pequenina palavra. Nada, ainda é uma palavra esperando tradução.

Não lembro bem como terminou aquele momento, só sei que não ajudei. Cada vez mais as coisas pioravam para ela. Eu não entendia mais suas atitudes, já não se arrumava mais, tão magra estava. Sabia que se sentia sozinha, sua mãe chegava sempre tarde e Lúcia já estava deitada, não tinha com quem desabafar.

Sem prolongas, assim passaram-se vários meses, eu mesmo já não comentava mais sobre ela com ninguém, tentava não me importar mais. Mesmo assim, aquilo me machucava. Colocava-me em seu lugar e gritava por socorro, só que Lúcia não deixava que ninguém a ajudasse. Não era por birra, era por medo. Mal sabiam todos que aquilo só crescia a cada dia. É racional pensar que tudo tem seu tamanho e capacidade máxima, pessoas também são assim. Há quem aguente muito e há quem não aguente quase nada, Lúcia era alguém com insistência, mesmo não suportando mais, lá estava ela, enfiando em si, sua própria angústia.

Não levou muito tempo até sua saúde ficar comprometida, o que fez com que sua mãe a levasse a vários médicos, o que acabou piorando a situação. Quando você está mal, você acaba por se acostumar com aquilo, porém quando você realmente enxerga que está no fundo do poço, você tende a sair, a dar a volta. E, na maioria das vezes, sem sucesso, entramos em total aflição.

Com ela não foi diferente. Seu limite estava no máximo. Sua vida já não valia nada, “nada”, a mesma palavra que ela havia me falado há um tempo. Eu queria acreditar nela e em Deus, acreditava que Deus curasse todos os males. Mas não desta vez.

Foi no dia oito de setembro, numa sexta-feira à tarde, quando o sol estava no horizonte, aclamando pela noite e olhando para a lua. Como alguém que não quer nada demais, Lúcia determinada e corajosa (sim, poucos têm essa coragem como a dela), achou uma saída, para o turbilhão de sua cabeça. Não tenho certeza se foi o melhor caminho e creio que também não foi o mais fácil, porém ela o fez. Eu não estava com ela no momento de sua partida. Porém, imagino que em meio a tanto sofrimento, chorando talvez, Lúcia pegou uma corda velha que estava jogada pela despensa, fez três nós cegos e orou (pela boa índole e cristandade que possuía), orou pedindo perdão a Deus por ter falhado aqui nesse mundo, orou pedindo algo melhor. Orou para aliviar-se. Colocou um banco ao pé do ventilador de teto do seu quarto, amarrou a corda e ia pensando nas pessoas que estiveram com ela, as boas que um dia a fizeram feliz e as más, que lhe causaram tanto mal. Não levava rancor consigo, sentia pena pelas pessoas que eram assim com ela.

Num súbito momento, em um ato de adrenalina pura e tremores, colocou a corda e a esperança no pescoço e de cima do banquinho, quis voar. Voar para o paraíso, e lá se foi. Não sei se realmente é verdade o que falam sobre os segundos antes da morte. Acho ilusório demais dizer que só temos lembranças boas. A vida não é algo perfeito sempre. Mudei muito o que pensava sobre tudo, depois disso.

A mãe de Lúcia chegou em casa depois de umas quatro, talvez cinco horas. Quando se deparou com aquela cena, entrou em pânico. Seus gritos puderam ser ouvidos de longe, o que me fez sair correndo de minha casa e ir até lá, o mais rápido que pude. Hoje, tenho cinquenta e um anos

e posso falar que ainda revivo aquela cena na minha cabeça. A morte é algo natural, porém, quando é de alguém próximo a você, torna-se algo horrível. Não gritei, não chorei, eu simplesmente paralisei em meio aos gritos da mãe de Lúcia, fiquei imóvel, era como se não sentisse mais meus pés no chão.

Em questão de segundos, vieram umas três pessoas ver o que estava acontecendo, logo em seguida veio minha mãe e, como se fossem com as asas de um anjo, abraçou-me e tirou-me dali. Lembro-me de entrar em minha casa e ficar lá por horas intermináveis. Foi a noite mais longa e escura de minha mísera existência.

Vou te poupar caro leitor, dos detalhes do funeral e dos comentários sem fundamentos da escola. Só precisava contar isso para alguém, antes que eu também me afogasse nas palavras não ditas. Nunca senti tanto uma perda como a de Lúcia. Dizem que a dor faz você crescer, pois comigo foi ao contrário, na hora senti-me como uma criança perdida e louca num mundo tão grande e sem limites. Pois bem, com um fundo de verdade, com essa dor aprendi. Eu acolhi a morte como uma velha amiga e sinto como se estivéssemos de mãos dadas até hoje.

## **Em busca da grande árvore**

**Lorenzo Chielle**

Em um mundo diferente, com seres diferentes, dois viajantes estavam em sua jornada em busca de aventuras, riquezas e conhecimentos. Esses dois viajantes eram bem conhecidos por suas aventuras e seus grandes feitos. Um deles era Kayuá, era um homem grande, mais ou menos com 2 metros de altura, cabelos compridos e castanhos, era musculoso e muito forte, era pouco inteligente, e era temido devido a sua grande arma: um martelo enorme. Seu companheiro de aventuras era Monky, não era forte ou alto como seu amigo, mas era ágil e muito inteligente, especialista em resolver enigmas. Suas armas eram duas pistolas perigosas e potentes e um bastão.

Kayuá e Monky estavam em busca da árvore do mundo, uma árvore poderosa que conecta todos os principais mundos, o nome dessa árvore era Yggdrasil. Um galho da árvore podia conceder qualquer desejo

para qualquer pessoa que desejasse. A árvore era protegida por elfos, os seres mais sábios de todos os mundos. Para se conseguir um galho dessa árvore, era necessário passar pelos desafios dados pelos elfos, e não eram simples desafios, cada desafio era baseado na personalidade de cada pessoa que desejava um dos galhos.

Distantes, ainda, de chegarem ao seu destino, Kayuá e Monky estavam em uma terrível tempestade de gelo. O território em que se encontravam era selvagem, um lugar onde viviam monstros, gigantes, *orcs*, ciclopes, *trolls*, entre outros. Mas, por sorte dos viajantes, eles encontram uma pequena fazenda. Nessa fazenda vivia um família humilde e simples, pai, mãe, filho e filha. O pai era Egil, a mãe era Mynir, a filha era Nedie e o filho era Morfeus. Os dois viajantes pediram abrigo à família, em troca poderiam ajudar nos serviços da fazenda quando a tempestade passasse. Os dois jantaram com a família, explicaram sobre a sua jornada e contaram sobre suas aventuras passadas. Morfeus ficou fascinado sobre as histórias dos dois hóspedes.

Morfeus era um jovem especial, nasceu de cabelos brancos. Seu dom, que sempre o destacou, é sua velocidade. Sempre foi rápido, corre mais rápido do que qualquer homem ou criatura de todo o reino. Sabendo disso, pediu ao seu pai se podia juntar-se aos dois viajantes em suas aventuras. Mas, como qualquer pai preocupado, Egil não deixou, dizendo que era algo muito perigoso para um jovem.

Os viajantes ficaram durante uma semana na fazenda da família ajudando Egil e Morfeus nas tarefas. Kayuá, como era muito forte, carregava árvores enormes para usarem como lenha nas noites frias. Monky e Morfeus caçavam o jantar. Com a agilidade e a inteligência de Monky, e a velocidade de Morfeus, nenhuma criatura era capaz de escapar dos dois. Na hora de partirem, Kayuá e Monky agradeceram a família e deram um presente a eles, uma gansa que colocava ovos de ouro. Falaram que compraram de um velho louco, que contou a história sobre um pé de feijão e um gigante, mas eles não deram muita importância para o velho maluco. Egil agradeceu aos dois viajantes e disse que sempre seriam bem-vindos em sua casa.

Os dois se despediram e continuaram sua jornada. Saíram no início da manhã da fazenda de Egil, cavalgaram durante o dia inteiro,

fizeram pausas para os cavalos descansarem e para comerem. Ao anoitecer, perceberam que estavam sendo seguidos. Passaram-se mais algumas horas e os dois fizeram uma fogueira, arrumaram suas barracas para descansarem, agiram normalmente, fingindo não saberem que havia algo os seguindo. O que os seguia parou no alto de uma árvore e ficou lá. Kayuá esperou um tempo, posicionou-se ao lado da árvore, deu porrada tão forte que até os animais que estavam dormindo, acordaram. O que os estava seguindo, caiu da árvore. Monkey se preparou para atacar, mas na hora em que viu quem era, desistiu. Era Morfeus que os seguia, esse tempo todo.

Morfeus explicou para Kayuá e Monkey que queria acompanhar os dois em suas aventuras e que havia fugido de casa. Os dois, logo reprovaram a ideia do jovem de juntar-se a eles. Explicaram que era muito perigoso, pois a jornada dos dois era muito longa e enfrentariam criaturas extremamente perigosas. Além disso, Egil, o pai de Morfeus, havia proibido ele de juntar-se aos dois aventureiros. Monkey disse a ele que poderia passar a noite acampando com eles, mas que logo no início da manhã deveria retornar para casa. A noite era muito perigosa para Kayuá e Monkey mandarem Morfeus retornar para sua casa.

No meio da noite, os cavalos começaram a relinchar e pular. Os três acabaram acordando com o barulho todo e tentaram acalmar os cavalos, mas nada adiantou. Então, perceberam que havia algo de errado. No meio da escuridão, olhos brilhantes, enormes e bem altos, olhavam para os três. Saindo da escuridão da noite, um troll e seu lobo gigante de caça. Em alguns lugares haviam recompensas para quem conseguisse capturar Kayuá e Monkey. Muitos lordes queriam os itens mágicos que os dois possuíam ou mesmo escravizar os dois para realizar feitos para esses lordes.

O troll era um caçador de recompensas que havia perseguido Kayuá e Monkey para capturar os dois. Muitos caçadores de recompensas usam os lobos gigantes devido ao seu ótimo olfato, conseguem sentir o cheiro de suas presas a quilômetros de distância. Kayuá pegou seu martelo e se preparou para atacar o troll. Monkey pegou suas pistolas e mirou para o lobo gigante. O troll caçador foi para cima de Kayuá. Morfeus ficou tão assustado que não conseguia mexer-se. Monkey

disparava rajadas de tiros no lobo, mas o animal era rápido e desviou de todos os tiros. Então, Monky pegou seu bastão e foi para cima do enorme lobo. No outro lado, Kayuá enfrentava o troll. O caçador de recompensas era maior que Kayuá, mas era mais lerdo, o que deu uma grande vantagem a Kayuá. O troll tinha uma espada e acabou cometendo um erro, foi desferir um golpe em Kayuá e prendeu sua espada em uma árvore. Kayuá aproveitou-se da situação e, com toda sua força, bateu com o martelo na cabeça do troll. A cabeça do troll explodiu em mil pedaços, voando sangue para todos os lados.

No outro lado, Monky passava dificuldades para enfrentar o lobo gigante, mas conseguiu enfiar o bastão na boca do animal, seu bastão era mágico, com isso disparou uma rajada de fogo e o animal explodiu de dentro para fora, também causando uma grande explosão de sangue. Depois de limparem-se, os dois perceberam que Morfeus não estava mais com eles. O problema é que suas coisas ainda estavam lá. Então, escutaram gritos ao longe e foram correndo ver o que era.

Chegando ao local, encontraram Morfeus e outros dois trolls caçadores dilacerados. Morfeus estava com duas espadas curtas na mão, as quais havia trazido com ele. Os dois outros trolls capturam Morfeus enquanto Kayuá e Monky lutavam com o troll e seu lobo. Pensaram que Morfeus fosse um dos aventureiros, mas acabaram errando, e Morfeus, com sua velocidade, dilacerou os dois trolls em segundos.

Kayuá e Monky perceberam que Morfeus poderia ser útil na jornada deles, então fizeram um acordo com o jovem: ele os acompanharia até o final da busca do galho da Yggdrasil, depois de conseguirem o galho, o jovem iria voltar para sua fazenda e sua família. Eles ensinaram muitas coisas a Morfeus. Kayuá ensinava técnicas de batalha e treinos de força, já Monky ensinava técnicas de magia e outras línguas, também o ensinou a atirar.

Dois meses se passaram e eles estavam próximos de seu objetivo. Morfeus já havia aprendido bastante e ganhou a confiança de Kayuá e Monky. Suas habilidades com as espadas curtas melhoraram muito, graças a grande quantidade de monstros que enfrentou nesses dois últimos meses. Os três estavam chegando perto da grande árvore Yggdrasil, ou seja, estavam também se aproximando do território dos elfos, os seres

mais sábios e fortes de todos os mundos. Os elfos, para protegerem seu reino e a árvore, colocaram um grande dragão de cinco cabeças, conhecido como Tiamat, para protegê-los. Se uma pessoa quisesse entrar naquele reino, era necessário resolver um enigma, se o enigma fosse decifrado seria possível entrar no território dos elfos. No caso de o enigma não ser resolvido, Tiamat atacaria com as suas cinco cabeças.

Chegando na entrada do território dos elfos, o enorme dragão Tiamat abordou os três aventureiros e explicou-lhes como era a regra para entrarem no local dos elfos. Kayuá e Morfeus deixaram para Monky resolver o enigma do dragão, já que isso era sua especialidade. Então o dragão falou o enigma:

- O que está duas vezes em um minuto, três vezes em um momento e só uma vez em cem anos?

Esse foi o enigma que o dragão deu a Monky para resolver. Monky ficou quieto por uns dez minutos. Ele não podia consultar nenhum livro, essa era uma das regras. Kayuá e Morfeus estavam nervosos, pensando que Monky não fosse conseguir resolver o enigma de Tiamat. Depois de mais 5 minutos quieto Monky falou:

- A letra M. Ela aparece duas vezes em ‘um minuto’, três vezes em ‘um momento’ e uma vez em ‘cem anos’.

Tiamat respondeu:

- Está correto. Vocês podem entrar no território dos elfos.

Os três entraram no território dos elfos. A arquitetura dos elfos era muito bonita, torres gigantes, uma fauna e flora que se misturava com as casas e as torres, criaturas aladas voavam pelo céu azul e, com nuvens grandes, o Sol radiava naquele dia. No final da cidade dos elfos, encontrava-se a árvore dos mundos Yggdrasil, seu tamanho era inimaginável, passava das nuvens e continuava. Morfeus, Kayuá e Monky se apresentaram ao rei elfo, Diomedes. Eles pedem ao rei para participar dos desafios, a fim de conseguirem os galhos e realizarem seus desejos. O rei disse a eles que os desafios não seriam fáceis, cada desafio seria baseado nos aspectos de cada um deles.

Kayuá foi o primeiro a ser desafiado. Como bebia muito, foi desafiado a virar um copo de cerveja. Era um copo em forma de um chifre de carneiro gigante. Kayuá começou a beber e bebeu sem parar, quando

parou, o copo estava ainda cheio, então voltou a beber e bebeu até não aguentar mais. Olhou o copo novamente e só havia baixado duas listras, então desistiu de seu desafio.

O próximo a ser desafiado foi Morfeus. O rei apresentou a ele Usain, dizendo que ele era o ser mais rápido de todos os mundos. Morfeus riu e disse que nenhuma criatura era mais rápida do que ele. Então os dois correram e Morfeus perdeu. Correram inúmeras vezes. Em todas, Morfeus chegou perto de alcançar Usain, mas perdeu. Com isso desistiu de seu desafio. O último a ser desafiado foi Monky que, apesar de não ser muito grande, era conhecido por conseguir ingerir grandes quantidades de comida em um curto tempo. Então o rei elfo chamou Hugi e disse que ele conseguira comer mais rápido que Monky. Os dois foram ao salão. Para cada um foi servido um porco inteiro, e começaram a comer. Quando os dois acabaram, o rei anunciou que Hugi havia ganhado, pois além de ter comido os ossos do porco, ele também comeu a travessa em que o porco foi servido.

Os três aventureiros sentiram-se inúteis por não terem conseguido cumprir os seus desafios. O rei Diomedes deixou que ficassem uma noite ali e de manhã cedo gostaria de conversar com eles. Amanheceu e os três se encontraram com o rei na sala do trono. O rei deu os parabéns para eles e para cada um entregou um galho da Yggdrasil. Morfeus, Kayuá e Monky ficaram sem entender o que estava acontecendo. O rei então explicou a eles o que havia ocorrido. Monky havia perdido a competição de quem comia mais por que ele havia competido com a encarnação do fogo Hugi e o fogo devora tudo com as suas chamas. Ninguém comia tão rápido que nem Monky. Morfeus perdeu para Hugi por que ele era o pensamento e nada é tão rápido quanto o pensamento, ou seja, não existe nenhuma criatura mais rápida que Morfeus. Kayuá perdeu por que no copo o rei havia colocado o mar e era impossível beber o mar, mas Kayuá quase conseguiu, abaixando o nível do mar.

O rei, então, despediu-se dos três aventureiros e os levou de volta a entrada da cidade. Quando os três aventureiros saíram da cidade, ela sumiu, e um campo com montanhas ficou em seu lugar. Os três amigos deram risada e guardaram seus galhos para usarem quando realmente fosse necessário. Com isso, sua aventura acabou para começarem outra

mais emocionante e desafiadora que a última. Mas antes disso, era necessário que Morfeus voltasse para casa, pois devia boas explicações para seus pais.

## **Uma carta, um final.**

### **Mailê Zinhani De Cezaro**

Morávamos eu e outras quatro amigas em Las Vegas, em um *loft* grande, luxuoso e muito bem arquitetado para meninas que adoram moda e são influência para outras garotas. Nunca tivemos problemas de convivência, pois nosso grupo estava unido desde a infância: sempre frequentamos a mesma escola e nossos pais eram sócios em uma das maiores lojas de NYC, na 5ª avenida. Sim, nós éramos a classe dominante da cidade!

Antes de continuar, devo apresentá-los à minha história: chamava-me Alice Morgan, tinha 21 anos e, por minha opção e busca da minha independência, decidi morar com minhas amigas: Helen Turner, Ciara Roberts, Louise Davies e Penelope Moore. Apesar de sermos cinco amigas inseparáveis e nossos pais serem muito próximos, sempre existiram divergências entre nossas famílias.

Há alguns anos vínhamos frequentando o cassino mais conhecido de Las Vegas, apesar da proibição de nossas famílias. Conforme jogávamos, esquecíamos que o tempo passava e o mundo lá fora. Tudo acontecia muito rápido lá.

Era dia 10 de agosto e fazia calor. A noite chegava, conforme as luzes da cidade iam acendendo e dando cor às ruas. Resolvemos, todas, reunir-nos no cassino quando fosse meia-noite. Chegamos lá e tudo ocorreu normalmente: bebemos nossos drinks, jogamos, rimos, esquecemos dos problemas e da vida fora do jogo. Cerca de duas horas depois, eu e Louise resolvemos ir ao banheiro. Ao sair, vimos uma luz brilhando através de uma porta que estava a alguns metros de distância do banheiro. Fomos até lá a fim de satisfazer nossa curiosidade.

Abrimos a porta e percebemos que o que brilhava eram símbolos de um tabuleiro. Um deles era o relógio, que representava o tempo. Outro era o anel, representando a riqueza. Um leão representava a coragem e uma coruja representava a verdade. Havia ainda, uma caveira, que

significava a morte. O total de 5 símbolos para 5 meninas jogarem. Havíamos descoberto um jogo secreto.

Chamamos as outras meninas para lhes mostrar o jogo. Com muito cuidado, pegamos o tabuleiro e o levamos escondido para casa. Ao chegarmos, posicionamos o tabuleiro no centro do tapete da sala. As luzes se apagaram e ficou apenas o brilho dos símbolos. Acendemos algumas velas para que houvesse mais iluminação.

O jogo mandava, uma a uma, retirar uma carta. Cada carta teria um símbolo e cada símbolo suas próprias instruções. Helen tirou a primeira carta e leu:

- “Não foi você quem a escolheu, mas ela que escolheu você. Depois de entrar no jogo, apenas ‘A Morte’ vai te fazer sair. Sua carta diz muito sobre sua personalidade. Você é corajosa, destemida e enfrenta seus problemas com bravura. Por isso ‘O Leão’ te escolheu. Sua tarefa consiste em ter contato com alguém que fez parte de sua vida no passado e já morreu. Para isso, fique sozinha em frente ao tabuleiro”.

Nesse momento, com medo, eu, Penelope, Ciara e Louise subimos para os quartos sem contestar. Helen ficou sozinha na sala e continuou lendo sua carta, a qual ordenava:

- “Pergunte: com quem eu estou tendo contato?”

Ao terminar de repetir a pergunta para o tabuleiro, escutamos um barulho estrondoso pela casa. Alguns minutos depois, Helen subiu para nos chamar e disse ter concluído sua tarefa. Ela parecia bem, então descemos e partimos para a próxima carta. Quem tirou foi Louise. Ela leu:

- “Mais uma vez, a carta escolhe o jogador. O seu tempo é curto. Adiante todos ‘Os Relógios’ da casa para 3 horas da manhã.”

Faltavam 30 minutos. Louise pediu nossa ajuda para que conseguíssemos adiantar todos. Deixamos o relógio principal por último. Quando isso aconteceu e bateram 3 horas da manhã, começamos a sentir cheiro de fumaça. Fomos conferir a cozinha. Não havia nada. Voltamos para a sala, todas juntas, e nos deparamos com o tabuleiro levitando, como se nos chamasse para perto dele. Havia algo escrito em sua base. Louise leu em voz alta:

- “Espíritos nunca dormem, mas continuam acordando”.

Olhamo-nos, com medo, e ouvimos um barulho que parecia ainda mais alto que o anterior. O cheiro de fumaça se desfez. Olhamos para nossos relógios, marcavam 3h e 1 minuto. Com certeza, foi o minuto mais longo de nossas vidas. A próxima a retirar a carta foi Ciara. Ela leu:

- “Você conhece sua riqueza, e a carta conhece você. Por isso, quem te escolheu foi ‘O Anel’. Em troca da vida de sua família, deixe aqui todas as suas joias e preciosidades”.

Já era tarde para deixar o jogo. Ajudamos Ciara, que estava chorando por medo de envolver a família, a pegar suas joias e depositá-las no tabuleiro. Não sabíamos o que ia acontecer.

Depois de estar tudo, bem ali, em nossa frente, ouvimos o barulho de novo. Dessa vez ele vinha da área de serviço. Olhamos naquela direção e sentimos em nossos olhos uma forte ardência e em nosso corpo um arrepio, como se uma brisa gelada passasse por ali, naquele momento. Quando voltamos a olhar para o tabuleiro, as joias de Ciara não estavam mais ali. Começamos a nos perguntar quem estava pela casa e o que queria de nós. As perguntas foram respondidas ao ser retirada a próxima carta. Foi a vez de Penelope ler.

- “Por mais dura que seja, a verdade tem de ter dita. ‘A Coruja’ te escolheu. Quem está falando com você agora é alguém que viveu neste apartamento há muitos e muitos anos, antes de seus pais o comprarem para vocês. Assim como as cartas escolheram uma a uma, o jogo escolheu a todas. Coisas horríveis devem acontecer a vocês nesse momento”.

Bastou terminar a frase e Penelope gritou de dor. Sentiu seu corpo sendo cortado, e sangue escorria de seus pulsos, nariz e boca.

Ciara começou a se contorcer, Helen começou a virar os olhos e Louise não tinha controle de seu corpo, gritava e falava como se algo estivesse dentro dela. Não soube o que fazer, então tirei minha carta. Li:

- “Esse é o momento que você descobre que não está ilesa. Suas amigas já não possuem controle de si. O jogo e a carta te escolheram por uma razão: você sente dor e medo em vê-las sofrer. Quer acabar com tudo isso? Você sabe qual é sua carta. No seu quarto, dentro do seu roupeiro está a arma que porá um fim nessa dor”.

Hesitei. Não poderia fazer isso. Saí correndo e fui ao banheiro lavar meu rosto, desejando que tudo aquilo fosse parte de minha

imaginação. Quando voltei para a sala, os gritos haviam cessado. Minhas amigas estavam caídas, sangrando, e a arma estava ao lado do tabuleiro. Comecei a chorar e percebi que eu estava sozinha ali agora. Em cada barulho e grito que ouvi durante as tarefas, uma vida era apagada. Peguei a arma e escutei um último estouro. Este foi o fim da minha.

## **A minha história e a do Joca**

**Maite Oliveira Castro**

Talvez seja um pouco difícil descrever o meu bairro. Meio escuro, pouco barulhento. O que mais me intriga são as folhas das árvores que flutuam pela rua. Tirando essas flores marrom, que quase sempre vejo em minha calçada, ao olhar para cima vejo um lindo pé de ipê, rosa com amarelo. O que me faz levantar toda primavera feliz, sabendo que quando sair de casa vou sempre sentir alegria em meu coração, só de olhar para aquela linda árvore colorida. A minha história não é nada mais, nada menos que sobre uma adolescente inconsequente, que vive para explorar o mundo com sua timidez e seu amor incondicional pelos animais.

Moro no bairro mais bizarro que alguém possa conhecer. Meu vizinho que mora ao lado direito da minha casa é o senhor Antônio. Tenho muito que agradecer a esse senhor, pois ele que me ajudou a convencer meus pais a ficar com meu cachorrinho, o Joca, logo mais, falarei dele. Seu Antônio é uma pessoa altruísta, ajuda todos os que estão ao seu redor (diferente daqueles velhos ranzinzas que existem por aí) e, principalmente, cuida muito bem de seu jardim. Neste encontram-se rosas vermelhas, violetas, gérberas, crisântemos, pequenas margaridas, entre outras espécies, uma mais linda que a outra. Sempre em meu aniversário, quando saio de casa, seu Antônio está me esperando com a mais bela flor de seu jardim, e claro, minha preferida, a rosa vermelha. É difícil encontrarmos pessoas que mesmo não tendo parentesco, acolhem e sentem afeto por você.

Ainda não tive tempo de falar um pouco mais sobre Joca, meu cachorrinho, que tenho há quase 15 anos. Mas quero deixar para contar a história dele quando achar que estou preparada. Estou no meu quinto dia de aula e, por ser tímida, não fiz nenhuma amizade ainda. Tudo é

diferente da fazenda, lá eu tinha meus cavalos com quem eu passava as horas, minhas ovelhas, papagaios, gatos, cachorros, galinhas, todo tipo de animal que se tem em um lugar aconchegante e rústico, a fazenda de meus pais. Tivemos que nos mudar para a cidade, pois meus pais assumiram outros cargos, impossibilitando a morada no interior. É claro que eu não queria mudar-me, mas por consequência do destino, tive que permanecer calada e somente obedecer. Não que eu seja triste aqui, mas que sinto saudades, sinto.

Meus pais são trabalhadores, a maior parte do tempo passam trabalhando, mas quando chegam em casa, sempre dão atenção para mim. Sim, sou filha única e meu sonho é ter um irmão. Mas como meus pais trabalham muito, não pensam muito nisso. Estou no começo do ensino médio, tudo muito diferente. Quando nos mudamos da fazenda para a cidade, o que já faz 5 anos, tudo mudou completamente. O cheiro da terra molhada quando chovia, já não sinto mais. Meus cavalos e ovelhas, tive que vendê-los. Mas meu fiel companheiro, Joca, eu não pude abandonar. Não que vender meus cavalos e ovelhas seja um abandono, tive que fazer isso por uma necessidade. Um dia os trarei de volta até mim. Pode não ser eles, mas terei novamente meus animais.

Meus pais não queriam ficar com Joca, pois nossa casa não é tão grande assim, porém, seu Antônio me ajudou nisso. Acho que estou esquecendo de falar um pouco sobre meu outro vizinho, seu Manuel. Ele é um homem muito querido, às vezes irritante, quando Joca faz seus buracos em sua grama. Seu Manuel quebrou sua perna esquerda recentemente, pois seu gato ficou preso no telhado, e ele acabou caindo da escada quando foi salvá-lo. Em frente a minha casa mora a Joana. Uma menina chata e irritante, patricinha é ela. Não que eu não goste de gente assim, mas prefiro evitar. Ela é minha colega e, por ser rica, não conversa com quem não tem as mesmas condições financeiras. Eu não me importo, afinal, tenho Joca me esperando em casa todo dia. Enfim, essa é a minha vida. Sou estudante, ainda não sei qual faculdade quero cursar, mas penso em algo relacionado com animais. Meus pais trabalham, moro em um bairro muito esquisito, mas eu não mudaria daqui, pois ainda falta explorar muito mais aonde vivo, também sobre mim mesma, e qual a minha missão aqui na Terra.

Vou contar a história do meu cachorro Joca, nisso, deixando uma reflexão para meus leitores. Joca foi adotado pela minha família quando tinha seus 90 dias de idade. Cresceu correndo na fazenda, sempre fazendo bagunça e brincando com seus amiguinhos. Joca não é um vira-lata, mas sim, uma mistura de amor. Não existe cão vira-lata, existe uma mistura de amor, carinho, afeto, que está pronta para viver, como qualquer outro cachorro. Quando ia para a escolinha, todo mundo me perguntava porque eu não comprava um cachorro de ‘raça’. Eu, como já entendia esse pensamento diferente, sempre pensava para responder, mas nunca respondia. Mamãe e papai me ensinaram a ser educada, e eu, como sabia que tinha meu melhor amigo em casa, nem me preocupava em responder. Joca, recentemente, sofreu um acidente.

Um belo dia, numa tarde ensolarada, eu e Joca saímos para dar uma caminhada em meu bairro. Como Joca sempre andava solto pela fazenda, não coloquei coleira para sairmos. Estávamos indo em direção ao parque da cidade, até que Joca viu outro cachorro do outro lado da rua e correu, nesse momento passava um carro que o atropelou. Eu fiquei em choque, não sabia o que fazer. Corri até o Joca, ele com respiração ofegante. Meu coração quebrando-se lentamente aos pedaços ao saber que eu não podia fazer nada naquele momento, com os olhos em lágrimas, quase aceitando sua morte. Tinha me mudado recentemente para aquela cidade, não tinha o contato de nenhum médico veterinário. Mas a pessoa que o atropelou, solidarizou-se e levou-o ao veterinário. Infelizmente, Joca teve sua pata inferior direita amputada. A partir daquele momento, inicia-se uma nova fase em nossas vidas, Joca teve que usar próteses para poder andar.

No momento em que fiquei sabendo que Joca só andaria com cadeiras de rodas, não pude imaginar o quanto ele precisaria de apoio. O meu apoio. Então, seguimos com a sua recuperação. Hoje, Joca já está melhor, já consegue correr, às vezes arranca algumas flores do seu Antônio, faz alguns buracos na grama de seu Manuel, mas sabe de uma coisa? Joca vive feliz! Apesar da sua diferença em ter que andar de cadeira de rodas, Joca não foi abandonado, foi amado. A diferença que vemos no mundo atualmente, é que, quando quebramos algo, ou algo não é perfeitamente igual ao que a mídia impõe sobre a sociedade, somos

diferentes, somos “feios”. No contexto geral, surgem preconceito e outras atrocidades.

Se parássemos para pensar a quantidade de animais que são abandonados por não serem de “raça”, por terem alguma doença ou algum membro amputado e serem “diferentes” dos outros, chegaríamos a conclusão que todos precisamos vencer essa barreira que impede o ser humano de crescer em todos os sentidos e, principalmente, fazer o respeito e o amor tornarem-se as primeiras virtudes a serem tomadas, vividas. Joca passou suas dificuldades, superou-as, e hoje vive imensamente bem. Esse acidente só me mostrou que posso amar os animais e as pessoas independentemente de como elas são. Os cachorros não olham se você tem carro, dinheiro, bens materiais. Eles valorizam o amor, carinho, afeto que demonstramos por e para eles. Eu e Joca vivemos felizes, e você?

## **Harvey: o lendário darkin**

**Marco Vinícius Binotto**

Em um mundo emaranhado de circunstâncias, Harvey era apenas mais um garoto que a cada ano de vida descobria coisas novas e temia eventos que poderiam tornar-se realidade até o ano de 1760, quando completaria 18 anos e, com isso, alistar-se no exército de Orygan, um dos mais fortes de toda Europa.

Harvey tinha um metro e oitenta, olhos azuis, cabelos pretos e uma cicatriz em sua perna, causada pelo assassino de seus pais. Cheio de carisma e alegria dentro de si, ele morava na cidade de Coliseum, uma cidade onde meninos eram puxados para campos de treinamentos desde novos. Harvey, contudo, tinha uma certa habilidade que chocava a todos, pois já conseguia treinar e dominar uma espada longa, quando mal tinha sua altura e, com isso, tinha a confiança de todo o exército, antes mesmo de tornar-se um darkin.

Harvey morava em uma casa que foi construída pelos seus pais, já falecidos. Trabalhava como forjador de armas com seu tio e ganhava o suficiente para comer e manter-se por um mês. Como em todo o reino, havia um rei chamado Darius, que mandava na população.

Há uma semana de Harvey completar seus aguardados 18 anos, ele andava por uma rua que era seu trajeto para casa e, num momento de distração, foi pego por dois homens que saqueavam, por terem sido exilados do exército. Eles chegaram por trás. Um deles deu uma rasteira, fazendo com que Harvey caísse e assim vinha caindo por cima com um machado quase sem fio. Foi aí que o garoto lembrou que havia uma lâmina na bolsa de trabalho que trazia consigo. Tirou-a rapidamente, forçando-a contra um deles, o qual se atirava por cima dele. Harvey o feriu friamente; o outro, vendo seu amigo jogado ao chão, agarrou-o sangrando e saiu correndo floresta a dentro. Harvey hesitou e, com o coração na mão, voltou para casa apavorado.

A notícia desse episódio havia se espalhado. Quando chegou aos ouvidos do rei, resolveu procurá-lo em sua casa para confortá-lo. Quando chegou lá, falou a Harvey:

- Meu garoto o que aconteceu contigo? Está bem? Machucou-se? Precisa de algo?

Harvey, todo preocupado e meio sonolento:

- É, foi meio que um acidente, mas já me recuperei Sr. Darius, e como está sua filha? – Disse, tirando sarro do rei por ter uma filha que achava o Harvey lindo.

- Mas como você ousa? - Riu. Mostrando, assim, a ficha de inscrição para testes no exército.

Harvey pegou a ficha e voltou para dentro de sua casa. Ao ler, viu que era um convite vindo direto do rei, sem testes. Ele já estava dentro.

O Dia de Sirsinias, quando era comemorado a guerra, estava prestes a chegar, e os soldados, treinando dia após dia, sem descanso, preparavam-se para uma nova guerra que poderia acontecer. Nesse ano, os darkins iriam atacar uma aldeia que estava roubando seus minérios e sequestrando suas crianças. A parte mais legal é que eles não tinham ideia do tamanho da aldeia, e era chamada assim apenas por não ter um poder político montado em suas terras.

Harvey fizera muitos amigos, com os quais teriam que agir como irmãos para o sucesso em batalha e, com sua espada, jurou proteger todos igualmente.

O exército era composto na linha de frente com os darkins e, pela de trás, com os lanceiros, também pelos arqueiros que ficavam dando assistência por cima dos morros.

- Ouvi dizer que Harvey não teme o forte brado dos nativos, - disse Jonas, quando se aprontava para o confronto.

Uma trombeta tocou no meio do reino chamando todos para o tribunal, no qual o rei Darius seria o juiz:

- Convoquei todos aqui para a punição desses dois desertores, Oscar e Morgan, que estão causando mal para a sociedade.

Harvey se propôs a começar o julgamento:

- Esses dois desertores são exilados do exército de Orygan e por causa disso estão fazendo o mal para a povo do reino.

A população incessantemente grita:

- Condenem os dois! Não deixe essa raça sem punição. Queremos justiça!

O rei Darius ordenou para o único que acreditava nos dois, que os defendesse. Assim, o defensor iniciou sua fala:

- Vocês sabem que Oscar e Morgan foram mal julgados ao serem exilados. Ofereçam uma chance a eles ou os libertem para que fujam para as masmorras do Norte.

Harvey ao perceber que o defensor carregava uma lâmina serrilhada, descobriu que ele era o assassino de seu pai, porque era costume daquele clã matar o pai e deixar a cicatriz no filho.

O defensor despistou todos ao ser reconhecido. Assim, os malfeitores de Orygan, Oscar e Morgan, acabaram sendo punidos nas masmorras, onde ficariam por um bom tempo.

Em uma noite mal dormida e com pesadelos, Harvey sonha com um destino incerto, e decide ver o que era aquilo. Ao ir atrás de uma cartomante que diria o seu futuro, ela o explica:

- Sua cicatriz lhe traz um destino. Em sua primeira guerra, vencerás, e assim que deitar-te em tua cama, morrerás.

Assustado com a notícia, decidiu procurar uma curandeira que o havia dado pouso. Uma vez que se perdera na floresta, chegando lá, não havia mais nada. Um clarão, onde costumava ser repleto de árvores, havia

sido aberto no lugar da casa. Caminhando até lá, observou uma espécie de papiro com escritas indecifráveis.

Voltou à cidade, triste, pois não achou o que procurava, e trouxe com ele o papiro que havia achado. Foi contar ao rei Darius sobre o acontecido. Ao ver as letras, o rei identificou que era parecido com o alfabeto grego e poderia ajudá-lo.

Após dois dias com uma folha das letras gregas e um mapa, conseguiram decifrar e achar as coordenadas. Imediatamente Harvey foi para lá no intuito de saber o que havia acontecido. Quando chegou, avistou uma espécie de castelo com muita luz, algo fascinante, como se fosse o brilho das estrelas. Por um minuto de distração, veio um soco e ele desmaiou.

Acordou em uma cama, sem as algemas, e com a curandeira que ele havia conhecido pedindo desculpas. Ela explicou que a rainha da luz tinha oferecido um emprego inaceitável, por isso foi parar ali. Satisfeito por entender tudo, Harvey começou a contar sobre sua cicatriz e sobre o seu sonho. Quanto mais ela ouvia, mais ela aparentava uma cara de compreensão e via que tudo fazia sentido. Mas o que poderia fazer sentido? - pensava ele.

Então, ela mostrou um frasco sem nenhuma escrita, e sem nenhum material dentro. Ele entrou em pânico, pois era a única cura provável para sua doença, já que fora o caçador de criaturas do Vazio obscuro, vulgo pai de Harvey que tinha dado o frasco para ela. Harvey desacreditado com os relatos sobre a cura da doença, decidiu explorar o continente e dar umas férias para si mesmo.

Após algum tempo fora, voltou e ficou sabendo de uma sabotagem. O seu rei acabou morrendo pelas mãos dos inimigos, e como ele sabia sobre o futuro de Harvey, decidiu deixar em sua herança a hierarquia para rei do império de Coliseum, para poder governar sem se envolver em confrontos diretos, não ativando sua maldição que o acompanhará para vida inteira.

Dessa forma, Harvey tornou-se à prova de frustrações ao desbancar um exército inteiro com suas táticas de guerra imbatíveis. Sua história é contada às crianças, até hoje, no reino de Coliseum, mostrando, assim, que a força de vontade pode não te dar tudo, mas te recompensará.

## **Impetuosidade**

**Mcoendy Alex Albarello Folle**

Josh era um garoto que sempre fazia novas amizades, a qualquer hora e em qualquer lugar. Aos seus 14 anos, conheceu Antônio e Karl em uma viagem escolar. Daquela viagem em diante os três passaram a ser os melhores amigos. Todos os dias eram os melhores de suas vidas quando estavam juntos. Um ajudava o outro, independentemente da situação, sempre trabalhavam em equipe.

O ano se passou e os garotos começaram a frequentar o ensino médio, o qual fora muito esperado, para poder ter um armário na escola e entrar para o time de futebol. Os três conseguiram vaga no time principal e logo na semana seguinte foram disputar uma partida distante uns 400 quilômetros de onde moravam. No começo do jogo, Karl sofreu uma falta pesada, a qual o impossibilitou de terminar a partida. Antônio e Josh, como fiéis escudeiros, passaram a perseguir o atleta que havia machucado Karl.

No intervalo do jogo, os dois sumiram e apareceram apenas para a hora de voltar para o campo. Todos ficaram apreensivos e sem saber o que havia acontecido. Antes do juiz dar início a segunda parte da partida, deram falta de um jogador, o mesmo que havia machucado Karl no início do jogo. Então, saíram procurá-lo e eis que o encontraram caído no banheiro do estádio com os dois joelhos quebrados, os punhos amarrados e a camisa na boca, o que o impossibilitava de gritar e/ou chamar ajuda. No momento em que a notícia se espalhou, Antônio e Josh foram expulsos do jogo e banidos do time da escola. Daquela dia em diante os três passaram a se reunir todos os dias para elaborar planos contra quem os fizesse algum mal. Os garotos já eram temidos na escola, ninguém se atrevia a mexer com eles, e desta maneira passou-se o primeiro ano do ensino médio dos três.

No ano seguinte, os meninos resolveram fazer uma festa na casa de Antônio. Este foi o fato que mais marcou naquele ano, uma festa nas férias que durou uma semana. Foram convidadas em torno de cem pessoas. Para a festa, era necessário que todos levassem seus objetos que usariam na semana, para montar uma espécie de acampamento por toda

a casa, com música alta, bebidas e drogas, o que causou muita desordem, tanto momentânea, quanto pós festa, levando dez dos participantes a óbito por overdose. Muitas pessoas começaram a se distanciar dos três amigos pelo fato deles não serem uma boa companhia, pois sempre causaram muito dano por onde passaram, levando várias pessoas para o caminho do mau.

Os amigos logo iriam se formar e, como não era novidade, alguma coisa eles iriam aprontar, pois onde passavam sempre deixavam suas marcas e em um dia tão especial não poderiam fazer diferente. Josh teve uma ideia: eles iriam fazer uma surpresinha para a hora dos confetes de comemoração para que, quando estourasse, todos ficassem maravilhados com o que estavam vendo. No começo da cerimônia tudo parecia normal e alguns até já estavam desconfiando de tudo estar dando tão certo. Quando os alunos começaram a sair do palco, todas as laterais do salão começaram a explodir com fogos de artifícios, instalados do lado de dentro do salão. Essa foi, então, a surpresinha que foi deixada no salão de formatura.

Quando todos os seus antigos colegas estavam entrando para uma faculdade, os amigos queriam ganhar dinheiro fácil e continuar juntos. Foi aí que descobriram como era feito o tráfico de drogas. Os garotos, com 17 anos, passaram a ser comerciantes de variados produtos. Como eles moravam perto da divisa com o Paraguai, tudo ficava menos difícil para buscarem as mercadorias do outro lado da fronteira. No começo, eles iam de táxi, pois ainda não tinham carteira de motorista e, de tal forma, conseguiam passar mais fácil pela aduana sem serem percebidos. Para cada viagem que faziam, a cada dois dias, tiravam um lucro total de R\$5.000 reais.

O ano se passou e eles foram faturando cada vez mais, compraram casa, carros e utilitários necessários para suas novas “profissões”. No primeiro ano que eles começaram, nada aconteceu com eles, ninguém desconfiava, não havia vestígio da polícia ter qualquer informação sobre o que eles faziam. Foi aí que surgiu o problema, eles estavam muito tranquilos sobre tudo o que acontecia e sobre toda a situação. Depois do primeiro ano no crime, os garotos, com 18 anos, passaram a transportar

não só drogas, mas também equipamentos da indústria armamentista. Com eles, qualquer um poderia encontrar todos os tipos de armas.

Após o tráfico de armas, começaram a planejar um assalto a um banco, onde entrariam no cofre pegariam todo o dinheiro. Iriam esconder-se em uma casa que haviam comprado na cidade vizinha. Estavam tão confiantes, que não contavam que aquilo seria perigoso e todos estariam colocando sua vida em risco. Chegando ao banco, com um carro preto blindado, Josh e Karl desceram do carro e Antônio ficou esperando para dirigir, durante a fuga. Eles entraram no banco, fizeram todos de reféns e pegaram todo o dinheiro do cofre, tudo como tinham planejado. Na saída, tiveram muito azar, a polícia já estava chegando com vários carros. No momento da fuga, Josh conseguiu entrar no carro para fugir, já Karl foi capturado. O dinheiro estava dividido, mas a maior parte estava com Josh. Os dois, então, fugiram para o local combinado, pois sabiam que Karl não iria contar nada sobre a sua localização. Como Karl estava preso, e Josh e Antônio não tinham o que fazer, resolveram separar-se e cada um viver a sua vida. Karl pegou 5 anos de cadeia. Todo o tempo dentro da prisão o fez aprender muitas coisas, boas e ruins. Antônio abriu um bar e Josh tornou-se um empresário.

Aos seus 19 anos, Josh teve uma filha, cujo nome era Alice. Josh, sua esposa e sua filha viviam em uma das casas que ele havia comprado quando ainda estava no crime. O tempo foi passando, a menina crescendo e todos tendo uma vida normal. Ao completar os cinco anos de pena, Karl sai da prisão e torna-se um mecânico. Sempre frequentava o bar de Antônio junto a Josh. Depois de todo esse tempo, eles ainda continuavam muito amigos, mas não mais dentro da vida do crime. Relembrando histórias do passado Josh e Antônio resolveram contar para Karl o que haviam feito no dia que fugiram da polícia no assalto ao banco. Com uma arma caseira, que apenas as gangues mais perigosas fabricavam, eles mataram um membro da gangue e depois explodiram seu corpo junto ao carro em que ele estava. Logo após, mataram um policial que passava por lá, fugiram sem deixar nenhum vestígio e, até o momento, apenas os dois sabiam o que havia ocorrido. Josh teria guardado três armas em casa, dentro de uma caixa de ferramentas em cima do armário. Continuando a rotina, a esposa de Josh descobriu um câncer maligno, que a levou à

morte. Josh, deste dia em diante, passou a dedicar-se para sua filha. Levava e a buscava todos os dias na escola.

Doze anos depois, quando a garota já estava com 16 anos de idade, Josh, convidado para um jantar de negócios, juntamente com sua nova esposa, saem de casa, deixando Alice e mais dois amigos sozinhos em casa. Os amigos da garota começam a fazer perguntas e Alice acaba a contar que seu pai era um *gangster* no passado. Ela então, vai até o quarto e mostra as armas que seu pai tinha escondidas. Como todo adolescente tem curiosidade em saber como isso funciona, um deles tem a ideia de brincar com as armas de fogo. Marlon e Pedro, seus amigos, pegam os equipamentos e vão correndo para o pátio da casa. A noite estava chuvosa.

Minutos depois, a polícia notifica Josh que haviam sequestrado sua filha. O homem corre para sua casa e encontra Marlon e Pedro um tanto machucados. Os garotos contaram a história de como foi e então a polícia passou a ir atrás dos sequestradores. Josh vai atrás de seus amigos Antônio e Karl para eles o ajudarem a encontrar a garota. Os homens vão atrás de todas as informações que poderiam ter, mas não conseguem uma pista sequer. Foi então que o corpo de Alice aparece jogado em um mato, perto da saída da cidade. O laudo da perícia foi que Alice morreu com um tiro na cabeça. A bala tinha fabricação caseira. Josh logo associa a morte de sua filha com o homem que eles mataram na saída do banco, então eles começam a caçar a gangue que teria feito isso.

Em uma perseguição, matam vários homens que eles acreditavam ser inimigos, até que o chefe dessa máfia descobre os três e manda todos seus comparsas para capturá-los. Durante o dia, enquanto eles estavam trabalhando em seus serviços normais, Antônio estava no bar e viu vários homens chegando fortemente armados, não teve o que fazer, apenas teve tempo de ligar para Josh pedindo ajuda. Josh foi atrás de Karl para ajudar Antônio, mas não obteve resposta, Karl não atendia o celular. Quando Josh chega na oficina, encontra Karl com uma garota de programa. Ele a manda embora e os dois amigos começaram a discutir, porque não foram capazes de salvar Antônio. No momento da raiva, Karl acerta um soco em Josh, que revida com uma facada, o que acaba por matar Karl. Depois

do acontecido, Josh se arrepende, mas já era tarde e não tinha o que fazer, apenas continuar na busca por Antônio.

O chefe da máfia, já com Antônio em mãos, começa a torturá-lo até que ele conte tudo. O mafioso, a partir daí, descobre quem havia matado seu irmão anos atrás, e mata de uma vez Antônio.

Tentando conseguir achar mais informações para descobrir o paradeiro de seu amigo, Josh vai atrás de Pedro, que leva Marlon para se encontrar com Josh. Em meio a uma quadra de basquete, Marlon fica no centro sentado no chão, chorando. Eis que Josh havia desvendado todo o mistério, quem matara sua filha foi Marlon, com a arma caseira que Josh tinha guardada no quarto. Eles estavam brincando e Marlon dispara, acidentalmente, contra a cabeça de Alice. Com medo do que poderia acontecer com eles, esconderam o corpo da garota e criaram uma cena de assalto na casa em que estavam, para tudo parecer mais real.

Josh, depois de saber toda a verdade, já sabe que Antônio está morto e volta para casa. No momento em que percebe a movimentação, olha para a porta de seu quarto e vê vários homens entrando e atirando nele. Eles o matam pelo fato de ele e Antônio terem matado o irmão do chefe da gangue no passado.

## **As Vidas de uma Alma Fiel**

**Nathália Buzatto**

Uma frase muito conhecida e muito clichê, mas que resume uma das relações mais dependentes do ser humano é: “o cachorro é o melhor amigo do homem”. É de conhecimento até das pessoas mais frias que a presença de um animal de estimação transforma a vida. O ser humano, além de se tornar uma pessoa mais feliz e completa, torna-se mais humano com a presença desses pequenos seres. Para um cachorro pouco importa o monopólio, o dinheiro, a beleza, o poder, os bens materiais. A única coisa que ele busca no seu dono é o amor e a atenção, mesmo que seja por pouco tempo, na correria do dia a dia. Um cachorro é o único ser nesse vasto universo com o coração puro, que possui o verdadeiro dom de perdoar e que jamais, nem nas mais terríveis circunstâncias, abandonará o seu dono.

Aqui eu abro o meu interior para contar a história de vida de um cachorro, que na sua passagem por este plano universal, deu o prazer de sua presença para a mesma menina, várias vezes. O amor entre ele e essa garotinha era tão grande que apesar da separação física, proveniente de sua morte, sua alma perdurou por muito tempo ao lado dela. Essa história é a prova concreta de que o cachorro é, sim, o melhor amigo do homem.

A história gira em torno da vida de Isabella Barcellos, uma garotinha que tinha um amor inexplicável pelos animais e o seu maior desejo era ganhar um animal de estimação. Em seu aniversário de seis anos, o único pedido dela foi que seus pais a presentearassem com um cachorro. Então, no dia que Isabella completou os tão esperados seis anos, foi surpreendida com uma pequena cadelinha preta, de pelos enroladinhos, a qual nomeou de Cacau. Com o passar dos anos, as duas tornaram-se as melhores amigas e companheiras, e Cacau tomou a proteção de Isabella como seu maior objetivo.

Cacau cresceu com pouco contato com outras pessoas e a vida fora de casa, pois Isabella era muito nova e não tinha como sair para passear com ela. Então, aquela bolinha de pelos pretos foi crescendo e tomou Isabella como o único ser confiável e digno do seu coração e respeito. As duas eram inseparáveis. Tenho pena daqueles que um dia tentaram brigar com a garotinha ou encostar-lhe um dedo sequer perto de Cacau: era uma briga danada.

Quando Isabella tinha os seus 13 anos, infelizmente o único defeito da criação dos animais de estimação acabou aparecendo. Cacau, com os seus 8 anos de vida, acabou vindo a óbito por uma doença letal que atingiu seu sangue. Até então, foi um dos momentos mais tristes e traumatizantes da vida de Isabella. Naquele momento, jurou amor eterno para esse serzinho que veio iluminar a sua vida, logo nos seus seis anos de vida.

Alguns meses depois, já com 14 anos, seu coração estava tão apertado de saudade de uma companhia e da alegria que Cacau trazia para sua vida, Isabella pediu, com o coração lotado de súplica, uma cadelinha de presente para seus pais. Desde a morte de Cacau, a casa de Isabella ficou vazia, sem vida, sem aquela alegria e animação que a sua presença trazia para sua família.

Certo dia, chegando de viagem, Isabella foi noticiada que havia um presente de seu irmão mais velho, Miguel, em seu quarto. Imaginando ser algumas roupas que havia pedido, foi correndo para dar uma olhada. Quando abriu a porta de seu quarto tomou um susto. A cortina estava se mexendo sozinha. Demoraram poucos segundos para que uma bolinha de pelos brancos com manchas marrons, enfeitada de topes e pedrinhas coloridas viesse correndo em sua direção. Ah, Isabella soltou um suspiro aliviada, incrédula, admirada, feliz, muito feliz porque havia tido a oportunidade de amar um ser tão iluminado novamente. A felicidade era tamanha que caiu aos prantos no chão, com a nova integrante em seus braços, agradecendo muito pelo melhor presente de sua vida.

O choro foi contínuo e demorou alguns minutos para cessar. Ela não acreditava como um ser tão pequeno conseguia trazer tanta euforia para sua vida. O vazio que Cacau tinha deixado era enorme e, finalmente, tinha sido preenchido. De cara, nomeou-a Estrela. Muito agradecida, abraçou todos de sua família, e ali jurou dar amor, carinho, atenção e os melhores tratamentos para a nova integrante.

Os dias foram se passando e o amor crescia de forma incontrollável. O laço que as duas foram criando, com o passar do tempo, era de ser admirado. Jamais alguém tinha visto uma relação de amor tão grande e tão forte entre um ser humano e um animal. O tratamento que Estrela recebia era digno de uma madame, bem parecido com o da Rainha Elizabeth. Resumindo, ela era a relíquia de Isabella e da sua família. Estrela, fazendo jus ao seu nome, trouxe muita luz e alegria para a vida de Isabella e sua família, fazendo com que a casa da família Barcellos tivesse alegria outra vez.

Conforme convivia com a Estrela, percebia que seus comportamentos eram muito similares ao da antiga cadela Cacau. Estrela utilizava os mesmos lugares que Cacau utilizava para fazer as necessidades fisiológicas, dormia no mesmo lugar, seja na sala ou no quarto com Isabella. Além disso, Estrela era antissocial como Cacau era. Ninguém acreditava, mas Isabella sempre disse que na alma de Estrela tinha muito da alma de Cacau.

O tempo foi passando e a maioria chegou para Isabella, junto com responsabilidades e o ingresso para a universidade. Como o curso

desejado não existia na sua cidade, ela teve de se mudar para uma cidade próxima. Obviamente, não conseguiu deixar Estrela. Por mais que voltasse todos os finais de semana para visitar, a solidão que ela sentia, só ao imaginar o seu dia sem sua fiel companheira, era imensurável. Porém, Estrela não se adaptou ao novo ambiente, sentindo saudades de sua casa, da família, ficou entristecida e Isabella teve de abrir mão e trazê-la para casa.

Isabella exigiu cuidados, carinho diário de seus pais para a sua companheira e prometeu que viria toda a semana visitá-la. Muitos achavam seu afeto exagerado, mas só Isabella sabia o quão verdadeiro era aquele sentimento e o quanto Estrela entendia tudo o que acontecia.

O tempo foi passando e, novamente, a curta vida dos animais tocou na porta. Por mais bem cuidada que tenha sido, Estrela acabou deixando Isabella. Aos prantos, a mulher, já com seus mais de 20 anos, jurou amor eterno a Estrela, e o fato traumatizou-a tanto que prometeu a si mesma que nunca mais teria um animal de estimação. Na cabeça dela, nada, nem qualquer outro animal, substituiria Estrela, mas mal sabia ela que a alma desse serzinho estava na vida dela desde os seus seis anos de idade.

Algum tempo depois, a solidão bateu na porta novamente, e nada, nem ninguém, preenchia aquele buraco. Isabella, já bem resolvida com sua vida, foi, então, em busca de uma nova companheira. Ganhou de presente de seu noivo, um sujeito de muito bom caráter e que a amava muito, uma bolinha de pelos, de cor caramelo, que lembrava muito um ursinho de pelúcia. Ah, Isabella voltou a se sentir completa novamente. Olhou para aquele serzinho e logo tocou seu coração. Ela sabia que conhecia aquele brilho nos olhinhos escuros e esbugalhados. Eram os olhos da sua antiga companheira, e nada nem ninguém podia negar. Logo deu o nome que fazia jus a sua beleza, Channel. Sua nova companheira foi crescendo, e incrivelmente com as mesmas características que Cacau e Estrela. E o laço que Isabella criou com sua nova companheira era imensurável, tanto quanto os outros.

Como os céticos poderiam explicar isso? Como? Isabella sentia que aquilo era muito mais que um sentimento, sabia que não era coisa de sua cabeça. Então iniciou um projeto de vida, o qual dedicou o resto de

sua vida em pesquisas, em busca por comprovações para a vida de uma alma de um animal de estimação. E nesse seu projeto de vida, o qual foi uma construção longa, mas satisfatória, ela comprovou que no momento que um animal de estimação ama e é amado, ele não abandona o seu companheiro jamais. Nem a morte, um evento tão complexo, consegue cortar os laços criados nesse sentimento mútuo de amor.

Foi então, no projeto de vida de Isabella Barcellos que a teoria da alma dos cachorros foi confirmada. Foi ali, que a grande e velha frase “O cachorro é o melhor amigo do homem” lapidou-se eternamente na humanidade.

Isabella Barcellos morreu aos 100 anos, dormindo ao lado de sua fiel companheira Lilica, uma cadela de pelos longos, brancos e com manchas cor de caramelo, com aquele mesmo brilho nos olhos que Isabella conhecia desde os seus seis anos de idade.

## **Hemorragia**

**Nathália Riboli da Silva**

POWWWWWWW

Foi a última coisa que ouvi, antes de olhar para o lado e ver aquela pessoa que eu tanto amo chegar até mim. Ela me estendeu a mão, ajudou-me a levantar, como de costume preparou meu café e esperou durante alguns minutos até que estivesse devidamente vestido. Sentei na cadeira a sua frente e então, começamos a comer. Estava posto à mesa um pão quentinho e caseiro que Cecília havia feito ainda naquela manhã. Geleias, queijo, presunto, café e leite. Olhando para ela, durante a refeição, percebi o quanto era feliz por tê-la junto a mim. Olhos brilhantes e cheios de amor, um sorriso lindo que cativava a todos que com ela conviviam. Ela era baixinha, mas com um abraço acolhedor e um coração tão nobre e gentil que, por um momento, fiquei fora do ar, mas meus pensamentos logo me fizeram voltar à terra. Enquanto ela punha a mesa, eu lavava a louça. Dividíamos tudo, inclusive as tarefas.

A casa, ah, nossa casa, ela era linda e simples, não tinha muitos enfeites, mas era nossa, e tínhamos construído com muita dedicação. Cada cantinho tinha algo especial que nos lembrava alguém. Cecília e eu

somos muito diferentes. Optamos por misturar os gostos até na decoração, dividir e aceitar, afinal é essa a finalidade do amor, não é mudar, não é ceder, é compartilhar, pensar no outro e em si próprio e a formação da palavra "nós"; não como um único ser, como um só indivíduo, mas como um todo, com a cumplicidade, a sinceridade e a realização de ambas as partes.

Era uma casinha de madeira, com poucos móveis, uma varanda aconchegante, uma vista incrível para o pôr-do-sol, três quartos, a sala pequena com um quadro de uma vasta campina na parede atrás do sofá, alguns livros dispostos na mesinha de centro. Ler era nosso passatempo preferido, passávamos horas e horas sentados na varanda lendo os mais variados livros. Não tínhamos preferência. Era tudo tão calmo, tão sereno, vivíamos a felicidade na sua forma mais singela. Tudo era motivo para nosso riso, unicamente pelo fato de estarmos juntos e completando um ao outro.

Nosso maior prazer era, seja no inverno ou no verão, cultivar as pequenas orquídeas amarelas que cresciam lentamente ao lado de fora das vidraças. O mundo era um lugar temível, mas quando nos braços de Cecília, tudo parecia mais calmo, as horas pareciam mais leves, mesmo com aquele tumulto da guerra que existia dentro e fora de mim. Um homem quando está em paz não procura a guerra, diziam os filósofos, e eu pensava, enquanto colhia trevos de quatro folhas no gramado, agora já alto, que os homens daquela região nunca estariam em paz.

O matagal crescia alto, não porque não tínhamos vaidades em relação a nossa casa, mas sim por causa da restrição ao sair depois do toque de recolher, que nos encurtava o tempo e a sobriedade na calada da noite. Era tudo muito complicado, porque depois do toque de recolher, as crianças e adolescentes reuniam-se para fazer suas rebeliões, suas atividades revolucionárias que muitas vezes acabavam em mortes e sangue. Passávamos na rua e víamos desabrigados de vários tipos: crianças, adultos, idosos e alguns jovens radicalistas que iam às ruas à noite. Não sei por que nosso filho, Pedro Henrique, estava entre eles, mas acho que preferia a loucura doutrinária do que a paz de nossa casa.

Ele tinha os olhos castanhos de sua mãe e meus cabelos pretos que destoavam do resto da cidade. O tom albino de sua pele contrastava

com o céu noturno. Ao contrário de Cecília, Pedro era alto, corpo robusto. Nossas conversas eram diárias, acompanhadas do cafezinho claro e da constante discussão sobre a precipitação das nuvens, que trariam a chuva no dia seguinte.

-Acho que chove, - disse o meu filho, num suspiro de sopro de vento.

-E o que é que tem, meu filho? Por que o suspiro, se todos os dias são iguais? - perguntei.

-É que dia de sol é dia de ir ao vilarejo comprar enfeites ou sair com Cicinha até a praça para conversar e comer os bolinhos da confeitaria da esquina.

Cicinha era melhor amiga de Pedro, sempre procurando uma aventura por debaixo daqueles olhos verdes e daquela saia rodada. Era a menina mais louquinha que eu havia conhecido. Dona de si, com uma personalidade forte, inteligente e autêntica, levava Pedrinho às nuvens e a ser sempre contrário ao sistema e as injustiças da guerra.

A amizade do nosso filho com Cicinha nos alegrava e nos preocupava. Ao mesmo tempo em que sabíamos o quanto aquela menininha era determinada e especial, sabíamos também de sua vontade de mudar o mundo e lutar contra os acontecimentos da guerra. Educar os pequenos, em tempos de revoltas, não era nada fácil, ainda mais quando seu espírito insubmisso se aflora e a escola reduz os períodos letivos, a fim de evitar acidentes em meio aos conflitos.

Impressionava-me como o homem, possuente de intelecto, usava sua capacidade cognitiva para produzir armas químicas, biológicas e nucleares, além de fazer da guerra, como afirmava Hobbes, o seu estado natural. Perguntava-me, também, o motivo para não usar os dons da inteligência para o amor, para a doação, o mundo carecia tanto disso, qual o motivo de optar pela destruição em massa?

Fomos surpreendidos em uma noite de fevereiro, quando Cecília já sentia a alguns dias enjoos e tonturas, sendo naquele dia, mais intensificados, levei-a ao médico e ele nos disse:

- Parabéns, Dona Cecília, a senhora está grávida.

Minha esposa ficou paralisada por um momento, fiquei desesperado diante do cenário caótico em que nos encontrávamos. Ter

um filho era um desafio, tanto para os pais quanto para as crianças, como sobreviver ao tempo de guerra e como proteger um bebê dos bombardeios, da visão frustrante dos corpos jogados na rua, gravemente feridos, dos humanos sem nenhuma perspectiva de vida.

Segundo o médico, era questão de quatro meses até termos o serzinho em nossas mãos. Não sabíamos o sexo, mas segundo as pesquisas médicas e especulações da vizinhança, seria uma menina. Preferimos evitar nomeá-la para não haver desentendimentos, caso fosse um menino. Estávamos felizes e temerosos, pois a criança seria uma alegria, um acréscimo em nossa casa e família, até então incompleta. Chamei meu filho para contar a notícia.

- Pedro, sua mãe e eu seremos pais novamente, você ganhará um irmão ou uma irmã.

- Sêrio, pai? - disse ele, alegre. Depois de um tempo, Pedro disse:

- Em tempo de revoltas e guerras, como ter um bebê?

Emocionei-me com a pergunta preocupada de meu filho e percebi o quanto o menino que vira crescer havia amadurecido e se transformado em um ser que olha além do seu próprio mundo. Meu garoto, que corria pela campina com aquelas perninhas compridas e as bochechas rosadas, tornara-se um rapaz invejável, provido de índole e caráter.

Os meses foram passando, a guerra se agravando e o dia do nascimento da criança chegando. O governo estava aliciando os cidadãos da cidade para ajudar no combate, era só questão de tempo até convocarem a nossa região. Enquanto isso, aguardávamos ansiosos a chegada do bebê; eu havia construído o berço com as madeiras que encontrei perdidas no chão perto do riacho, Cecília colheu as mais belas orquídeas amarelas e encheu o quarto com as flores que representavam a felicidade, a amizade e o amor, tudo o que sentíamos pelo serzinho que, mesmo no útero, espalhava a união e o carinho.

Imaginei que fosse nas semanas que se seguiam, e eu tinha razão, no dia mais ensolarado e bonito do mês, uma quinta-feira, pela parte da manhã, nasce uma menininha linda, cheia de vida. Tinha belos olhos castanhos, quase negros brilhantes, um cabelinho em um tom castanho escuro, pernas gordinhas cheias de dobrinhas e muito pequena de comprimento, dava a entender que teria a altura semelhante à da mãe.

Tamanha felicidade me consumiu. Nossa tão sonhada filha chegara ao mundo, cheia de luz. Demos a ela o nome de Stela, que provém do latim e é uma forma reduzida da palavra estrela, um corpo celeste de luz própria, com um brilho cintilante que as distingue dos planetas, são guias, dão direção e destino à vida e às pessoas, e Stela seria uma guia, a nossa guia.

Passamos o dia mimando e cuidado daquela nova habitante da casa. Conforme transcorria o tempo, chegava a noite e o cansaço até então inexistente, começou a consumir nossos corpos e mentes. Quando o relógio acusou 22:30, resolvemos nos recolher. Pedro saíra aquela noite, contra nossa vontade, ele descumpriu o toque de recolher e foi rumo à rebelião. Deitamos, com nossa mente e coração confusos, tomados pelos extremos da aflição e da euforia, do medo e do amor, de um lado nosso filho lutando em prol de uma rebelião e arriscando toda sua vida, do outro a recém-nascida que conquistou nossos corações.

Fechei os olhos e tudo ficou como uma tela escura. Nesse momento, veio-me o pensamento que resumiu toda minha vida familiar, o fato de valorizar cada pequeno acontecimento; percebi que nossa vida foi feliz, pois nos amamos incondicionalmente e tratamos com respeito todos os problemas que surgiram, soubemos entender que não deveríamos nos desfazer de nossas vontades pelo desejo do outro e sim encaixar as peças de modo que todos conseguissem ter um pouquinho do que esperavam. Ninguém é perfeito, nem mesmo nossa família e não exigimos a perfeição uns dos outros.

POWWWWW

Novamente aquele mesmo som. Como em um piscar de olhos, voltei à realidade, o sangue escorria por todo meu corpo, a poeira ocupava todo o ambiente que espalhava a tristeza, a ausência de paz. Carecia de espaço para os corpos espalhados pelo chão, tiros, canhões, grito dos revoltosos, as trincheiras cheias de ratos que procuravam por comida, por cima das roupas e dos homens. O ambiente era de desespero, homens corriam em busca de abrigo, frente a onda de tiros que perpassava de lado a lado.

Olhei para baixo e vi a região abdominal perfurada: eu havia sido acertado. Uma ardência, uma dor terrível ocupou os espaços do meu

corpo, senti a bala adentrando minha carne, atingindo meus músculos, nervos e vasos sanguíneos. Tudo ficou claro, uma luz brilhante puxava-me, mas eu não queria ir, eu queria ficar na terra com as pessoas que eu amo. Tudo se apagou.

Ele morreu seu corpo não foi forte o suficiente para aguentar a hemorragia, o acúmulo de sangue no tórax.

Um dia depois do nascimento de sua filha, morreu lutando por uma doutrina de guerra, que faz com que os homens destruam suas vidas e comprometam o futuro de sua família por ideais de um grupo seletivo de pessoas, que é contrária ao respeito e a compaixão. Nem o amor o salvou. Stela e Pedro crescerão sem pai, Cecília sem marido e a cidade sem um grande ser humano. Diante da guerra, o amor torna-se uma mera e simples lembrança.

## **Expedição Cassino**

**Pablo Henrique Liscoski**

Localizada entre a barra da Lagoa dos Patos, no balneário do Cassino, e o arroio Chuí, na fronteira com o Uruguai, a isolada Praia do Cassino é considerada a maior praia do mundo, segundo o *Guinness Book*. De um total de 235 km de praia, 180 km são totalmente desertos. Nessa faixa contínua de areia, não há hotéis, estabelecimentos comerciais, ruas e nem sinal de telefone, devido às águas frias e agitadas. A travessia a pé, só é feita por poucas pessoas, visto que é uma aventura que exige muito do emocional e do condicionamento físico do aventureiro.

Meu nome é Júlio, e junto com meu amigo Pedro, estava disposto a viver uma grande aventura, percorrendo os 235 km da Praia do Cassino, partindo dos molhes de divisão em Cassino e caminhar até o Chuí, onde é a divisa com o Uruguai. Nós tínhamos conhecimento dos obstáculos e das dificuldades que iríamos encontrar, mas não pensávamos que seria extremamente complicado chegar ao final.

**Dia 01 – Vento e Areia**

Foi com um vento forte e muita areia voando que demos nosso primeiro passo para o maior desafio de nossas vidas. O vento que soprava contra nossa direção deixava nossa caminhada muito lenta, como se

estivéssemos em uma subida íngreme. O vento era seco e gelado, trazendo consigo muita areia e tornando as coisas ainda mais difíceis. Nas nossas costas, tínhamos uma enorme mochila, muito pesada e com tudo o que iríamos precisar, porém, o nosso maior inimigo não era o vento, muito menos o peso das mochilas, era a nossa mente.

Após os primeiros 5 km, encontramos um cachorro que estava solitário pela praia. Aproximei-me dele e fiz um carinho em sua cabeça. Nós não sabíamos, mas foi naquele momento que ganhamos um amigo que iria nos acompanhar por um bom tempo. Demos a ele o nome de “Chuí”, em homenagem a nossa jornada. Quando paramos para comer nossas barras de proteínas, Chuí deitou no colo do Pedro, mostrando grande companheirismo.

Após 20 km de caminhada e com o final da tarde aproximando-se, as dores começaram a aparecer. O peso da mochila, somado ao esforço para caminhar, estavam cobrando seu preço. Com a chegada da noite, paramos para montar o acampamento e fazer a nossa comida. Após um dia exaustivo, deitamos na barraca esperando uma boa noite de descanso e para que a tempestade que estava prevista não nos prejudicasse.

#### Dia 02 – Ressaca e Altair

O dia amanheceu bonito, não enfrentamos nenhuma tempestade à noite, mas ao longe, o mar estava bem agitado. Fizemos o nosso café da manhã ao lado do nosso companheiro Chuí e nos preparamos para seguir viagem. Apesar das difíceis condições, ter um companheiro como Chuí para nos fazer rir era muito bom. Conforme voltamos a caminhar, o cenário mudou. Como o mar estava em ressaca, não havia mais o trecho firme de areia para caminhar, o que dificultava ainda mais nossa caminhada.

Conforme íamos andando, a situação ficava ainda pior, um dos marcos da nossa jornada, o naufrágio do navio Altair, estava quase coberto pela água, o que não era normal. Em dias normais era possível tocá-lo, mas naquelas condições era impossível.

Depois de caminhar apenas 13 km, decidimos armar as barracas, pois o mar não nos deu condições para prosseguir naquele dia. Isso foi algo que começou a preocupar-me, nossa estimativa era de andar 35 km

ao dia, mas andamos menos da metade; terminar a jornada sem comida era uma das coisas que nos deixava com medo, além disso, tínhamos que dividir nossa comida com o Chuí. No dia seguinte, precisávamos andar pelo menos 35 km, caso contrário, a expedição acabaria.

Dia 03 – Tudo ou Nada e... Adeus Chuí.

Acordamos cedo em busca do nosso objetivo, o mar tinha recuado bastante, então podíamos usar a faixa firme de areia e assim ter um progresso maior. Começamos nossa caminhada e, após 30 km, paramos para descansar. Estávamos extremamente cansados; o mais difícil daquele cenário era a sua monotonia, sempre o mesmo som, a mesma vista, tudo igual.

Caminhamos mais 20 km até encontrarmos um grupo de jovens que estavam acampando na praia. Eles nos deram comida e apoio, o que nos ajudou muito. Porém, a parte triste foi que o Chuí nos deixou. Ele ficou com o grupo de jovens, mas estávamos cientes que ele teria uma vida melhor, com mais comida. A partida do nosso companheiro deixou-nos tristes, mas sabíamos que tinha sido para o seu melhor. Agora, poderíamos focar e seguir em frente, somente eu e Pedro.

Ao chegar ao fim de mais um dia, tínhamos conseguido atingir nossa meta, andando 56 km, isso nos deixou mais motivados para chegar ao final. Sabíamos que seria muito difícil, mas estávamos orgulhosos da nossa conquista e com muito esforço chegaríamos ao fim.

Dia 04 – Cansaço

Ao amanhecer, o céu estava bonito, sem nuvens, o que nos deixou ainda mais motivados. Nossa meta para o dia era chegar até o farol Verga, ele seria o marco de que conquistamos a meta do dia.

Conforme íamos caminhando, o silêncio e o tédio iam tomando conta de nós. Horas e mais horas andando em um lugar deserto e monótono estava nos deixando ainda mais exaustos.

Após um grande tempo de progresso, avistamos ao longe o farol Verga, o marco da nossa meta para aquele dia. Estávamos extremamente cansados, o corpo estava dolorido, nossos pés tinham bolhas; mas o fato de termos andado 43 km naquele dia, deixou-nos confiantes e motivados para terminar essa longa jornada.

Dia 05 – Tédio e Exaustão

O dia começou resumido em esforço e dor. Nosso único pensamento era caminhar e seguir em frente. Um motivava o outro, mas estávamos muito cansados, nem conversávamos mais, não havia razão para ter um diálogo. Seguimos nossa caminhada, eu já nem queria mais ouvir o barulho do mar. Para qualquer lugar que eu olhasse, só tinha uma coisa: areia. Muita areia. De um lado tinha areia, do outro tinha o mar, e nada se aproximava à frente. Lentamente, ao longe, o farol Albardão apareceu em vista. Era o marco de que já havíamos ultrapassado a metade do caminho. Perto do grande farol, tinham pequenas casas, até pensamos em pedir abrigo para descansar, mas não havia ninguém ali para nos ajudar. Então, seguimos em frente. Nós não imaginávamos que o terreno a seguir ficaria pior.

Agora, não havia absolutamente nada. Apenas deserto e mar. A morte estava presente em todo lugar. Alguns dizem que as correntes marítimas levam os animais mortos até a praia. Outros, dizem que os animais vão lá para morrer...

Logo à frente, avistamos uma grande boia, de origem desconhecida. Logo após ela, eu não aguentei. Estávamos andando muito, senti câimbras, me deitei e imediatamente dormi. Meu corpo estava exausto. Pedro estava começando a desistir também e deitou ao meu lado. As paisagens, os sons, os cheiros, nada mudava. Após algum tempo, levantamos e decidimos seguir em frente, pois quanto mais tempo ficássemos parados, mais tempo levaria para chegar ao fim. Mais um dia estava chegando ao final. As coisas estavam ficando muito difíceis, não só para mim, mas para Pedro também. Faltava pouco para o fim, a linha de chegada estava ficando cada vez mais perto.

#### Dia 06 – Motivação

No dia seguinte não tínhamos mais escolhas a não ser caminhar, caminhar e caminhar. Após um tempo, chegamos a mais um marco, uma boia gigante, que estava lá há muito tempo, já estava sendo tomada pela areia. Esse era um dos últimos marcos da expedição. Essa boia marcava a concheira – local onde a praia ficava coberta por conchas.

Nós estávamos chegando, mas ainda não havia nada em lugar nenhum. Com mais um dia de muita caminhada e exaustão chegando ao

fim, nos preparamos para dormir. Após 40 km de caminhada naquele dia, o final estava cada vez mais próximo.

Dia 07 – Chegamos ao fim?

Acordamos felizes e motivados para alcançar os molhes que anunciariam o final da nossa expedição, aquele dia poderia ser o último dessa grande jornada. Após algumas horas de caminhada, os molhes estavam ali, na nossa frente. A sensação de saber que chegamos não era de conquista, mas de alívio. Alívio em saber que a solidão e o isolamento chegavam ao fim. Alívio de poder dizer: “eu consegui, superei um desafio que jamais vou esquecer”.

Aquilo parecia ser um sonho, pois eu não sentia mais as minhas pernas de tanta dor. Foi com um sorriso e lágrimas nos olhos que eu toquei na primeira pedra dos molhes. Depois disso, caí de bruços nas pedras. Nós conseguimos, atravessamos a maior praia do mundo andando, carregando muito peso nas costas, movidos por muita raça. Foram 235 km de muita dor, sofrimento, luta, mas que valeram muita a pena.

## **A história do rei Firmino e o reino de Berimbau**

**Rafael Dalla Valle Junior**

### **CAPÍTULO I**

Há muito tempo atrás, por volta de 1455, nascia um pequeno rei chamado Firmino III, filho do tão temido rei Jorge e sua mãe, rainha Francisca. A chegada do pequeno rei trouxe muita felicidade para sua família e para todo o reino de Berimbau. O rei Jorge ficou tão feliz com a chegada de seu filho que foi à praça principal e anunciou a todos os berimbalsenses:

- Povo do reino de Berimbau, é com muita alegria que anuncio a chegada do meu herdeiro, Firmino III, e para provar tanta felicidade mandarei matar o porco e o boi mais gordo. Mandei separar o melhor vinho para comemorar com todos vocês esse momento tão especial para nossa família.

E, como falado, o rei Francisco cumpriu com o combinado e fez uma festa de três dias inteiros. Eles acabaram com todo o vinho da região

franciscata, região onde se localiza o reino de Berimbau e mataram 28 porcos e 14 bois para a comemoração.

## CAPÍTULO II

Os anos foram passando e o rei Firmino cresceu como uma criança normal, brincando no meio de ruas pavimentadas com seus amigos. Sua brincadeira preferida era jogar “voleistone” com seus amigos, um jogo, no qual cada jogador carrega consigo um bodoque com várias pedras na mão, com o objetivo de acertar em uma pomba que ficava em cima do arco da praça. Com a extinção das pombas, o jogo tornou-se proibido, o que acabou com a alegria de várias crianças na vila e, principalmente, com a alegria de Firmino.

O tempo foi passando e Firmino foi crescendo, tornou-se um adolescente, seus interesses foram mudando e a brincadeira logo ficou de lado. Em um dia de sol, Firmino estava passeando com seu lagarto de estimação na praça principal do reino de Berimbau, quando passa em seu lado uma linda moça, de cabelos pretos e olhos castanhos, montada em uma égua que, pelo o que ele pode entender, atendia pelo nome de Leona.

Firmino, encantado com aquela linda moça, não sabia quando iria revê-la e quando iria ter a chance de falar com ela pela primeira vez. Intrigado, o jovem rei manda todos seus capangas rodear toda a cidade em busca da jovem garota. Ao fim da tarde, um de seus capangas chega até o castelo para falar com Firmino, chama-o para o lado e, entristecido, conta-lhe a notícia:

- Jovem rei, encontramos a donzela que o senhor tanto pediu. Então Firmino lhe pediu:

- Mas e qual o sentido dessa cara triste a para baixo? Cansaço?

- O único problema, senhor, é que descobrimos que ela é filha do rei Sebastião, o maior inimigo de seu pai.

Sem saber o que fazer e o que responder, Firmino vai para seu quarto e fica lá por horas pensando no que fazer.

## CAPÍTULO III

Firmino, como sempre muito corajoso, pegou seu cavalo e, sem dar satisfações a ninguém, vai até o castelo de seu inimigo, o temido rei Sebastião. Chegando lá, encontra vários guarda-costas que fazem a segurança do castelo. Então, Firmino teve a brilhante ideia de entrar por

uma janela que estava aberta e ir escondido até o quarto dela que ficava no alto da torre. Ao entrar no castelo, Firmino dá de cara com vários ajudantes de cozinha que o levam até o jardim, achando que o jovem era ajudante do jardineiro. Conseguindo escapar, Firmino vai caminhando escondido até a torre principal.

Na frente da porta, Firmino bate, mas o pior acontece, não havia ninguém no quarto. Então Firmino entra no quarto e deixa um bilhete em cima da cama que dizia: “O amor da sua vida passou por aqui, não se assuste se essa madrugada escutar pedras na tua janela”. E desceu da torre, montou em seu cavalo e foi embora.

Quase três horas da manhã no reino de Berimbau, Firmino levanta-se da cama, pega seu cavalo e sai troteando até o castelo do rei Sebastião. Ao chegar lá, Firmino atira uma pedra na janela no alto da torre, mas ninguém deu sinal. Novamente atira outra pedra, dessa vez um pouco maior. De repente, aquela janela se abre, mas, decepcionado, Firmino vira as costas e vai embora, pois era só o vento. Há uns 10 metros do castelo, Firmino leva uma pedrada em suas costas, era a linda morena o chamando para voltar a torre.

#### CAPÍTULO IV

Após Firmino subir até a torre, ele e a linda morena, que se chamava Leopoldina, conversaram por horas e horas, conhecem-se e apaixonam-se à primeira vista. Essas visitas se tornaram frequentes no castelo do rei Sebastião, o que preocupava muito Leopoldina, pois se seu pai pegasse Firmino lá com ela, mataria os dois, pois como já disse antes, rei Sebastião e rei Jorge são inimigos há muitos anos.

Até então, os dois jovens só se encontravam para conversar, mas Firmino queria mais. Em uma quinta-feira à noite, Firmino, como de costume, vai até o castelo e encontra-se com Leopoldina. Conversa vai e conversa vem, Firmino não se aguenta e dá um beijo em Leopoldina. No começo Leopoldina assustou-se, mas depois percebeu que aquele beijo havia lhe mostrado o amor de sua vida.

#### CAPÍTULO V

Os dois não sabiam como contar para os pais o que estava acontecendo, e como fazer eles aceitarem o amor que ambos sentiam um pelo outro. Então fizeram um plano, que foi pensado e planejado durante

três semanas. O plano era o seguinte, Leopoldina iria passear com seu cavalo na praça e ele iria derrubá-la. Nesse mesmo instante, estaria passando Firmino que iria salvar a sua vida e isso faria com que seu pai e o rei Sebastião reconhecessem o ato heroico do jovem rei.

Na primeira tentativa, o plano estava indo muito bem, mas quando Leopoldina foi cair de seu cavalo, um senhor que estava passando pela rua a segurou, não deixando que ela caísse no chão. Os dois, indignados, vão para casa e decidem voltar no outro dia.

No dia seguinte, Firmino acorda com uma dor de barriga imensa e não consegue ir até a praça, por isso pede a um de seus capangas que avise Leopoldina.

Somente no terceiro dia o plano deu certo. Leopoldina caiu e Firmino a salvou, de repente chegou o rei Sebastião preocupado, quando viu que era o filho do rei Jorge e que o rei Jorge também estava chegando. Então o rei Sebastião puxou a espada, e assim começou a luta entre tronos. No meio da batalha, uma espada atinge Firmino. Logo o rei Jorge começou a juntar seu filho do chão com a ajuda de Sebastião, com isso, ambos perceberam que a amizade só é reconhecida na dor.

Os dois, com o passar do tempo, aceitaram o namoro dos jovens e viraram amigos e companheiros, que governavam e mantinham a ordem no reino de Berimbau.

## **Primeira experiência**

### **Renan Conterno Prevedello**

No ano de 2010, eu estava na escola e meu pai foi me buscar, disse-me que tinha uma surpresa, para mim e meu irmão. Sem problemas, nós o esperamos ansiosos pela notícia, durante algumas horas, já que meu pai queria fazer um suspense em relação a isso. O tempo passou e, finalmente, ele resolveu nos contar o que era: nós iríamos viajar pela primeira vez de avião!

Ficamos todos muito empolgados com a notícia, já que essa seria nossa viagem de férias e também a primeira experiência dentro de um avião. Além de nós, a minha dinda e minha prima também iriam junto para o Rio de Janeiro, que seria o destino da nossa viagem. Com o passar do tempo, o nervosismo e a expectativa foram aumentando. Porém, eu e

meu irmão, durante este tempo, fomos lendo algumas informações sobre como seria andar de avião, pois estávamos muito curiosos para saber como seria todo esse processo.

Após lermos várias histórias e vermos alguns vídeos, ficamos um pouco receosos porque algumas pessoas relataram momentos ruins e assustadores no avião, por causa dos processos de turbulência que haviam passado em suas viagens. Além disso, poucos dias depois, um amigo do meu pai, o qual já havia viajado de avião, contou-nos sua experiência e, novamente, sentimos uma aflição quando ouvimos que ele passou por turbulências fortes em alguns momentos.

Faltando uma semana para a viagem, eu e meu irmão estávamos preocupados com o que poderia acontecer durante nossa viagem de avião, e também nossos pais ficaram um pouco angustiados depois de ouvirem o que seu amigo havia relatado sobre a sua viagem.

A véspera da viagem chegou e, com ela, veio as incertezas que tínhamos sobre o voo, porém não tinha o que fazer, a não ser enfrentar esse "medo". Na noite de véspera da viagem, eu não consegui dormir de tanta ansiedade. Enfim, chegou a hora de pegarmos as coisas e irmos até Porto Alegre, local onde partiríamos com o avião até o Rio de Janeiro.

Chegando em Porto Alegre, eu estava cansado por não dormir sequer um minuto e também estava apreensivo com o momento que estava para acontecer. Além do mais, era a nossa primeira experiência dentro de um aeroporto e com isso, tudo se tornou um atrativo para mim, por tudo o que o embarque envolvia: ir para o *check-in*, despachar as malas, pegar as passagens, ir para o portão certo, aguardar o horário para a abertura, para, enfim, embarcar no avião. O horário de abertura do portão chegou, e no mesmo instante, os portões foram abertos, nesse momento eu vi um monte de pessoas chegando e dirigindo-se para lá, com os semblantes frios e desinteressados, já que para eles essa seria apenas mais uma viagem. Mas para mim não, para mim seria a primeira e mais esperada viagem de todas.

Esperamos nossa vez na fila e, quando chegou minha vez, entreguei meu bilhete para a funcionária que me disse: “boa viagem”, eu agradei apreensivo. Fomos indo até o túnel de acesso ao avião e ao chegar na porta comecei a tremer de medo, e então, meu pai tentou

acalmar-me e foi me levando até o assento pré-estabelecido para eu sentar. Quando sentei, simplesmente baixei minha cabeça e, com muito medo, fiquei assim por muitos instantes até conseguir me acalmar. Segundos antes da decolagem, meu pai olhou para mim e disse que “era agora” e no exato momento eu travei na cadeira, com o cinto afivelado, os olhos fechados e também com as mãos muito suadas de apreensão e medo. O avião começou a correr pela pista, eu estava em total desespero, meu pai tentava me acalmar, mas eu percebia que ele também sentia medo. Quando o avião levantou voo, eu senti uma sensação de alívio surpreendente, eu olhei para a janela do avião e vi uma vista incrível, jamais tinha visto de tão grande altura. Nesse momento, consegui aliviar a tensão e também me “soltar” da cadeira, a qual estava “grudado” de tanto medo.

Durante o voo de 1 hora e 50 minutos, comecei a gostar da sensação de voar e consegui ver tudo o que haviam falado sobre a visão incrível, vista de cima. Quando ouvi o capitão falar que estávamos perto da aterrissagem, voltei para meu assento e novamente “travei” na poltrona, permaneci em silêncio, pois desconhecia como seria o processo de aterrissagem. Olhei pela janela e vi uma vista incrível da cidade do Rio de Janeiro e também percebi que o aeroporto que iríamos aterrissar era no meio do mar. Com isso, fiquei um pouco apreensivo, pois quando estávamos chegando, parecia que íamos pousar no meio do mar. Porém, quando ouvi o barulho da roda encostando no asfalto, senti um grande alívio e uma grande alegria por ter chegado no Rio.

Esperamos por todo o processo de desembarque do avião e também para pegar as malas. Porém, com uma incrível sensação de felicidade por estar fazendo aquela viagem com minha família e saber que estávamos visitando uma das cidades mais bonitas do mundo, a qual é carinhosamente chamada de “cidade maravilhosa”, e uma das cidades mais movimentadas pelo turismo no mundo.

Visitamos alguns pontos turísticos famosos do Rio, como o Pão de Açúcar, uma das mais belas vistas panorâmicas do mundo; o Cristo Redentor, símbolo histórico e principal cartão postal da cidade; o sambódromo, entre outros locais que formam a beleza do Rio de Janeiro.

Além disso, comemorei meu aniversário de 10 anos nessa cidade maravilhosa.

Enfim, chegou o dia de voltarmos para casa depois, de dias intensos e felizes vividos no Rio de Janeiro, onde as experiências adquiridas trouxeram muitos benefícios para obter uma visão diferente do mundo, especialmente para mim, que estava comemorando meu aniversário e também desfrutando de uma das melhores viagens que eu já fiz.

## **O amor incondicional**

### **Sabrina Perlin Kozooski**

Em 1952 nascia Pedro, o homem que tinha tudo para ser um grande médico e o orgulho de sua família. Desde criança ele enfrentava problemas financeiros e ajudava sua mãe e seu pai nos trabalhos braçais da agricultura.

Pedro tinha cinco irmãos, os quais sempre estavam unidos tentando enfrentar a pobreza e as dificuldades da vida. Porém, ele era ambicioso, sonhava em se formar médico para poder tirar a “barriga da miséria”, como costumava falar para seus familiares e amigos.

Era um rapaz muito dedicado, alegre, espontâneo, adorava tocar violão e sair com seus amigos. Tinha apenas um conjunto de roupas adequado para sair, levando-o sempre na casa do seu tio para passá-lo. Adorava brincar com a situação, dizia que mesmo tendo apenas aquela “muda de roupa” as gatinhas se derretiam de amores por ele. Seu meio de locomoção era uma lambreta velha, seu xodó; apesar de tudo, Pedro era feliz. Ele amava a companhia de sua mãe, a qual lhe passava forças e todo o apoio emocional que precisava para seguir seus sonhos, e não desistir da tão distante e sonhada medicina.

Com muito esforço, ele entrou na faculdade para cursar medicina. Sua família e ele passavam fome para conseguir pagar o curso. Pedro não tinha dinheiro para barbear-se; quando ia visitar sua família diziam que ele estava parecido com Max Weber. Era um rapaz estudioso e muito inteligente, destacava-se na área em que estudava e tinha ambições de formar-se para dar uma vida mais digna à sua família e à família de seu tio, Pedrão.

Aos 22 anos, Pedro realiza sua façanha, formando-se em medicina. Casou-se no dia de sua formatura, que ficou lembrada pela frase que exclamou com emoção: “Tio Pedrão acabou a miséria!”.

Após sua formatura, começou a trabalhar e pode aproveitar um pouco do fruto de seu sacrifício. Ele entregava parte do dinheiro, com muito amor, para sua mãe, Ângela. Porém, seis meses após sua formatura, o agora médico, começou a apresentar problemas de saúde, gerados pela fome passada durante a faculdade para conseguir dinheiro suficiente para formar-se. Pedro precisaria passar por uma cirurgia para resolver o problema, disse que só aceitaria ser operado pelo seu ex-professor, o qual considerava um médico de muita competência. A cirurgia foi realizada com sucesso. Porém, Pedro, no dia seguinte, começou a apresentar um quadro febril, que foi piorando com o passar dos dias. Pedro faleceu cinco dias após sua cirurgia.

Para o desespero de sua mãe, ele morreu aos 23 anos de idade, exatamente no dia do aniversário de sua irmã mais velha. Com a sua morte, Ângela perdeu o gosto pela vida, não tinha mais motivos para sorrir ou para comemorar o aniversário de seus outros filhos. Cada vez que Joana, a irmã mais velha de Pedro, completava mais um ano de vida, sua mãe morria de tristezas, pois passava mais um ano sem a presença de seu amado filho. Trazendo, assim, um ar de inferioridade à filha Joana e à casa deles.

Ângela passou a idolatrar o seu filho, colocou um grande quadro na parede da sala e todas as tardes ela rezava para seu filho, pedindo para levá-la consigo. Mas a vida seguiu e Joana, logo após, formou-se professora. Mesmo assim, Ângela não se alegrava mais, os seus filhos tentavam fazer com que a mãe se distraísse e esquecesse Pedro. Porém, as circunstâncias e as lembranças não deixavam a mãe em paz.

Ângela guardou a roupa que usou no dia da formatura de seu filho e, com muito amor, todos os dias pegava aquela roupa que tinha o último cheiro e carinho do filho, como dizia ela.

Apesar de todas as dificuldades, financeiras inclusive, que ainda persistiam, formaram duas filhas professoras, dois filhos engenheiros e um filho dentista. Quando os filhos estavam todos formados, eles

deixaram a vida rural e foram morar na cidade, onde Antônio, esposo de Ângela e pai de Pedro, tornou-se mecânico de avião.

Ele ganhava muito destaque nessa profissão, era muito inteligente; aprendeu a consertar aviões apenas olhando outras pessoas, escutando seus companheiros, ele adorava tocar sanfona nas reuniões familiares. Tio Pedrão e Antônio cantavam, tocavam e assim tentavam distrair Ângela, tentavam fazê-la sorrir novamente, pois seu sorriso já era raro em aparecer, ela insistia na dor da perda, fazendo da vida uma tristeza eterna. Após alguns anos, Antônio veio a falecer, por conta de quadro de hepatite e, mais uma vez, Ângela inconformada com a vida, a dor da morte e a tristeza, pedia para seu filho e marido, nas orações, que viessem buscá-la.

Ela passou o resto da sua vida com seus outros 5 filhos. Trabalhou na empresa de um desses filhos para distrair-se, pois quando chegava em casa, à tardinha, sua rotina era a mesma: rezar e chorar em frente a foto de seu filho.

Aos 85 anos, ela começou a enfrentar os problemas causados pela sua idade avançada, apresentando quadros de pneumonia frequentes, precisando dos cuidados de seus filhos e netos.

Ângela viveu com esses problemas mais quatro anos, até ficar enferma e começar a ver seu filho e seu marido chamando-a para viver com eles no paraíso; ela afirmava que via seu filho em um lugar muito bonito, ao lado dos anjos, e que ele dizia: “Vem mãe, agora sim podemos morar juntos novamente e agora sem sofrimentos, pois aqui é um lugar muito bom”.

Ela falou, então, aos seus outros filhos, que no dia de seu enterro ela queria que dentro do caixão fossem colocados alguns pertences, como a foto de seu filho no quadro da parede, um crucifixo que ela usava nas suas orações diárias e que fosse enterrada com a roupa que ela usou no dia da formatura de Pedro, que guardou com tanto carinho.

Ela exigia que os ossos de seu amado filho, Pedro, fossem colocados nos braços dela, para ela poder se sentir completa durante a sua passagem terrestre-onírica. Todos os pedidos dela foram atendidos pelos filhos, que sempre viram o sofrimento da mãe e o amor incondicional que ela sentia por Pedro. Fazendo com que os outros filhos

até ficassem chateados, pois eles achavam que o amor que ela sentia por Pedro era maior do que tudo, achavam que ela amava somente esse filho; o eterno querido dela. Apesar disso, eles fizeram a última vontade de sua mãe, cumprindo exatamente com o pedido feito por ela.

Aos 90 anos, Ângela faleceu e foi morar no paraíso com seu filho e marido, onde recomeça a sua vida, e fica à espera de seus outros filhos, até completarem sua passagem terrestre e irem morar junto a sua família novamente.

“Agora descansem em paz mãe e Pedro”.

## **Uma menina e um mundo novo**

### **Stefani Lurdes Pereira**

Em Portugal, numa cidadezinha chamada Vila Real, vivia Emma, uma menina de 17 anos que tinha uma vida perfeita. Ela era uma moça muito simpática e bela com cabelos longos e morenos, olhos escuros que chamam atenção de qualquer um. Mas um dia Emma estava indo viajar com seus pais quando um terrível acidente aconteceu, ela sentiu seu estômago embrulhar, enquanto o carro rodopiava na estrada até chegar a uma Ponte e cair dentro da água. Alguns segundos depois, perdeu sua consciência e acordou deitada em um quarto muito estranho, com paredes brancas e bem iluminadas, quando conseguiu abrir melhor seus olhos, percebeu que sua tia Ana estava segurando sua mão com uma expressão muito triste e preocupada. Emma, com a pouca força que lhe restava, tentou falar algo, mas sua tia não deixou e pediu para que descansasse mais um pouco, que depois contaria tudo o que estava acontecendo, sendo assim, sem hesitar fechou seus olhos com muita calma e cansaço. Enquanto isso, sua tia Ana continuou ao seu lado sem se quer ir ao banheiro ou comer alguma coisa. Depois de algumas horas o médico chegou ao quarto e começou a conversar com ela, fazendo Emma acordar e perguntar com preocupação:

- Onde estão meus pais? Quero vê-los, por favor!

Então o doutor começou:

- Seus pais...

Tia Ana interrompeu-o rapidamente, para que ele não lhe contasse a verdade, disse, então:

- Seus pais estão em outro quarto se recuperando e você deveria fazer o mesmo!

Então Emma escutou o que sua tia disse e tentou comer algo.

- Oi querida, está se sentindo melhor?

- Ah tia eu estou bem, mas e meus pais?

- Bom Emma, vocês caíram da ponte direto na água, e seus pais estavam na frente...

Emma com aqueles olhos escuros olhava fixamente para a boca de sua tia esperando o que ia falar. Tia Ana estava trêmula, sua voz saía travada quase parando, deixando as duas ainda mais nervosas. Enfim, disse o que havia acontecido:

- Então o impacto foi tão forte que eles não sobreviveram. Eu sinto tanto Emma!

Logo abraçando-a muito forte. Emma não teve reação alguma, apenas ficou parada tentando entender o que estava se passando. E por que estava acontecendo aquilo com ela. Tia Ana continuou:

- Te amo tanto e nunca vou sair do seu lado, você pode se mudar para minha casa e vamos dar um jeito.

Chorando, Emma falou:

- Como foi acontecer isso? Não posso suportar a ideia de perdê-los. E não posso me mudar, aquela casa é a única lembrança que terei deles.

Então, tia Ana falou:

- Tudo bem, querida, eu me mudarei para sua casa! Agora tente descansar, por favor, sei que isso é terrível, mas precisamos continuar por eles.

- Não sei como irei conseguir, mas irei tentar tia.

Passaram-se duas semanas longas e tristes. Emma chorava todas as noites lembrando-se de seus pais... Então chega na hora de irem para casa, pois Emma já estava ficando melhor e o doutor achou melhor que se recuperasse em casa. Chegando em casa Emma abre a porta e começa a chorar novamente, todos os detalhes de sua casa faziam lembrar de seus pais até mesmo o cheiro, então para disfarçar seu choro pergunta à tia:

- Você tem certeza que vai ficar aqui comigo agora? Não quero atrapalhar sua rotina...

Tia Ana respondeu com muita calma e segurança:

- Sim! Ficarei aqui até você se sentir confortável. Hoje de manhã fui até o meu apartamento e peguei todas as minhas coisas, já estão todas arrumadas no quarto das visitas.

- Tia Ana, muito obrigada por tudo, fico muito feliz por ter você do meu lado, mas acho que você vai ficar mais confortável se ficar no quarto dos meus pais, o que acha?

- Tem certeza Emma?

- Tenho sim, prefiro ver você lá, a deixar o quarto vazio! – exclamou Emma.

- Por mim tudo bem, se você fica melhor assim, ficarei no quarto de seus pais. Agora, vamos comer algo.

- Acho que teremos que encomendar alguma coisa para comermos porque faz tempo que estamos fora de casa, as comidas já devem estar estragadas.

Depois de pedirem uma comida bem leve, foram para seus quartos, e a tia Ana falou:

- Emma, lembre-se de que daqui três dias iniciarão suas aulas, tente se organizar... serei sua responsável na escola agora e irei com você no primeiro dia para conversar com seu diretor. Boa noite!

- Boa noite tia Ana. – respondeu Emma, com a voz cansada.

No dia seguinte, Ana acordou disposta, sentia-se próxima de seus pais, como se eles estivessem ali com ela. Depois, foi à cozinha tomar café. Preparou ovos mexidos com bacon e algumas torradas.

- Bom dia querida! Disse sua tia Ana, chegando à cozinha, surpresa com a disposição de Emma.

- Ah! Bom dia tia. Dormiu bem?

- Sim dormi...

- Estou fazendo café da manhã.

- É estou vendo. Que delícia!

- Aprendi com a mamãe.

- E você dormiu bem Emma?

- Sabe tia, não dormi muito bem, só sonhei coisas ruins. Mas quando acordei estava me sentindo tranquila como se eles estivessem junto comigo, ajudando-me a passar por tudo isso...

-Que bom, vamos passar por tudo isso, sim!

Depois que as duas tomaram o café da manhã, Emma começou a limpar a cozinha, mas sua tia disse para deixar que ela mesma faria isso, já que Emma tinha feito o café. Então Emma foi organizar seu quarto e colocar seus materiais em dias para a volta às aulas.

Quando chegou a noite Emma e Ana foram comprar um DVD no shopping para assistir em casa com pipoca, bombom e chocolate quente. O shopping estava vazio, para ser uma sexta à noite... Aproveitaram para dar uma volta e olhar as vitrines. Chegando em casa, foram preparar o chocolate e fazer as pipocas. Elas assistiram ao filme até acabar a comida, quando terminou, já cochilaram e dormiram ali mesmo.

- Bom dia! Já é de dia, Emma. Vamos acordar.

- Ah! Mas já, acho que não assistimos todo o filme ontem.

Rindo Ana balança a cabeça afirmando que realmente não assistiram todo o filme... Depois de tomarem café, Emma resolveu ir ao sótão arrumar umas coisas de sua mãe que estava dentro de caixas de papelão. No sótão tinha tanta coisa e estava sujo, com cheiro forte de poeira, o que ela nunca tinha reparado. Bem no fundo do sótão estavam as caixas. Abrindo-as, encontrou várias coisas de sua mãe, estavam todas empoeiradas. Havia alguns livros que sua mãe adorava ler, em um potinho de joias tinha fotos com seu pai em lugares maravilhosos, inexplicáveis, havia também brincos em formato de pássaros, mas não era qualquer pássaro, era diferente do que existia, também tinha presilhas de cabelo e no potinho também tinha o desenho do pássaro na tampa, todo detalhado de desenhos delicados. Assim, para cada caixa que Emma abria, seus olhos brilhavam, a saudade era grande, mas com as coisas que encontrava sentia-se perto dela. Olhando tudo que saía daquelas caixas, encontrou um diário. O diário estava trancado com um pequeno cadeado, então achou algo para bater e quebrá-lo. Quando abriu na primeira página, encontrou um desenho à mão do mesmo pássaro, em cada página que folheava, era surpreendida, pois sua mãe não tinha lhe contado sobre esse diário, e nele falava que ela nasceu em um mundo mágico e que lá

era o lugar dos sonhos, único motivo por sair de lá foi por que conheceu o pai de Emma. Ele achou um espelho para entrar no mundo mágico e se apaixonou por sua mãe, então trouxe-a junto para a terra. Emma, então, achou uma fofura sua mãe ter feito um diário e inventado uma história mágica com seu pai. Desceu mostrar para sua tia o que tinha achado.

- Tia!

- Oi!

- Tá aonde?

- Vem aqui. Estou no quarto de seus pais.

- Achei uma coisa da mamãe!

- E eu do seu pai.

- Olha!

Quando terminou de falar, Emma olhou para dentro do guarda-roupa, onde sua tia havia encontrado algo e avistou um grande espelho, sua cabeça começou a girar, começou a relacionar o espelho com a história de seu pai. Ana olhou para as mãos de Emma e disse:

- O que você achou?

Então Emma só entregou o diário para Ana e se aproximou do espelho. Ele era todo desenhado e delicado como aquele descrito no diário, com desenhos e vários detalhes na moldura. Era tão lindo que parecia que brilhava.

-Tia, esse espelho é tão lindo, e estranho. Sabe esse diário? Achei nas coisas da mamãe, lá no sótão. Nele, mamãe conta uma história toda mágica que viveu com o papai, muito louco.

- Sério? Que estranho, né? - Fala Ana, como se não estivesse surpresa com aquilo. Emma olha para ela com ar de assustada.

- Tia você sabe alguma coisa sobre isso?

Ana fica quieta sem saber o que dizer.

- Como assim tia, você sabe algo? Me responde, por favor!

Tia Ana estava totalmente apavorada, e então ela diz:

- Eu não sabia que isso realmente existia.

- Como? Explica. – Disse Emma.

- Emma, sua mãe nunca foi minha irmã de sangue. Era apenas uma grande amiga que se juntou à minha família. Ela já tinha me falado

algo de um mundo mágico quando nos conhecemos aos 16 anos. Mas nunca pensei que fosse mesmo real.

- Mas, o que isso significa, tia?

- Eu não sei exatamente. O que diz nesse diário?

- Eu li só o começo.

- Espera, deixe-me olhar.

- Tia, esse espelho é a entrada para o mundo mágico que a mamãe conta no diário?

Ana folheia o livro olhando com atenção todos os detalhes, quando chega à capa final tem uma marca dentro da capa. Ela rasga a parte de dentro dessa capa e encontra uma pequena moeda com a marca do pássaro. Começa a procurar um encaixe na moldura. Então Ana acha um buraco no cantinho do espelho que se encaixa perfeitamente à moeda. Quando coloca a moeda, o espelho fica totalmente roxo, mas não é qualquer roxo, é um tom tão escuro que olhando de frente parecia um azul claro como água. Sem pensar duas vezes, Emma agarrou a mão de sua tia e entrou no espelho. Era como se elas tivessem dormido e acordado, no momento em que passaram pelo espelho. Abrindo os olhos, elas enxergaram realmente um mundo mágico! Tudo ali era mais vivo e bonito, mas também parecia um mundo normal. Que tem casas, objetos e alimentos comuns. Onde elas estavam era uma casa que tinha quadros nas paredes com fotos de uma família, com pai, mãe e uma filha muito parecida com a mãe de Emma. Seguindo pela casa, escutam umas vozes na parte da frente. Então foram em direção daquelas vozes.

- Olá!

- Oi! -dizem Ana e Emma

- Quem são vocês?

Ana e Emma estavam apavoradas, sem saber o que responder e por onde começar a explicar. Então Ana fala:

- Bom, eu sou Ana e essa é minha sobrinha Emma, é uma história longa, mas não somos desse mundo. Somos da terra.

A mulher da casa fica assustada com o que Ana diz e em seguida pergunta:

- Como vocês conseguiram chegar aqui?

Emma responde rapidamente:

- Entramos em um espelho que achamos no guarda-roupa do meu pai.

Então a mulher se apresenta como Olivia. Ela olhou para Emma com um ar de surpresa e pede quem é pai de Emma. Assim, Olivia percebe que Emma é sua bisneta, pois a mãe de Emma é a neta dela que foi para a tal terra com um belo homem pelo qual tinha se apaixonado.

Emma pergunta a si mesma: “como sua bisavó estaria viva nesse mundo e ainda tão linda e jovem?”. Então Olivia explicou que por mais que aquele mundo fosse parecido com a terra, o tempo ali era lento e as pessoas demoram para envelhecer. E a avó de Emma ainda era viva e muito jovem também. Logo depois, Olivia convidou as duas para um café e conversarem com mais calma sobre o que aconteceu em suas vidas. Emma contou que seus pais morreram em um acidente há pouco tempo. E que Ana era sua tia... Nesse momento, chegam dois meninos da mesma idade de Emma, os quais moram junto com Olivia, depois que ficaram sem pai e mãe vieram morar com ela e também para ela não ficar sozinha. O mais alto de olhos escuros chegou já se apresentando:

- Olá sou Benjamin - dando um tchau com a mão para Emma.
- Oi, sou Emma.
- Olá - abaixando e levantando a cabeça para Ana.
- Oi sou Ana.

O outro irmão, de cabelo preto e olho claro, com um ar grosseiro, diz:

- Quem são vocês?
- Não dê bola ao meu irmão John, ele é assim mesmo! -disse Benjamin.

Explicaram para os dois tudo o que havia acontecido. Logo escureceu e foram se deitar.

Depois de alguns dias no mundo mágico, Ana e Emma já estavam bem acomodadas e acostumadas com aquele lugar lindo e maravilhoso de se viver. Emma com todos esses dias convivendo com os dois irmãos, o simpático Benjamin e o grosseiro John. Por fim, acabou se aproximando de Benjamin. Mas na verdade estava rolando uma química com John. O que ocorria entre eles é que ele não aceitava se apaixonar por Emma, pois não se considerava uma pessoa boa para fazê-la feliz.

Mas na verdade, aquele menino grosseiro era só uma casca, pois tinha o coração gentil e carinhoso, que a conquistou. Ficaram meses vivendo lá. Naquele mundo, elas esqueceram do que as fazia sofrer. Desse modo, Emma quis tomar uma atitude... Chegou em John e falou:

- Precisamos conversar! Eu não posso te perder.

- Eu não sou bom, Emma.

- Para com isso, nós dois sabemos a pessoa incrível que você é.

- Ficar perto de você me deixa louco e ficar longe me deixa louco também.

- Então, para de fugir do que nos faz bem. E agora quero que saiba que eu estarei aqui até o fim, não vou te deixar, não sei o que eu faria se não ficasse aqui com você. - diz Emma, abraçando John.

E continua:

- Você vê um futuro comigo? Porque isso é tudo que vejo

- Emma, vejo isso desde o momento em que te conheci. Você foi a melhor coisa que aconteceu durante minha vida. E saber que fui amado por você, não por qualquer um, mas por você Emma, é o ápice de uma vida bem vivida.

## **Ilha Auck**

### **Vinícius Facin da Silva**

Três dias de viagem, era o que separava ele daquela tão esperada cidade de Havelock, o centro de comércio da região, e cenário de várias de suas outras excursões passadas em tantos anos de serviço pela coroa da Rainha.

O forte vento do mar aberto bagunçava sua longa barba que outrora havia sido loira, mas agora deixava transparecer sua idade avançada entre os fios brancos e acinzentados. O charuto porto-riquenho, fruto de uma de suas apreensões passadas, queimava vagarosamente entre seus lábios. Seus olhos semicerrados e inquietos fitavam o horizonte, tentando revelar os segredos que o aguardavam nas próximas centenas de milhas náuticas que haveria de navegar. As ondas que se chocavam contra o navio respingavam em suas mãos, frias e já cansadas da idade, as quais seguravam e guiavam o timão firmemente.

Um grito distante interrompeu seus pensamentos:

- Capitão! Terra à frente! Terra à frente!

Era Oliver, seu imediato, que apontava insistentemente para o bombordo da embarcação. O Capitão então, forçou seus olhos contra a neblina que se espalhava sobre a superfície do mar outrora agitado, que agora se acalmava diante da tripulação. Avistou pequenos relevos no horizonte, não muito extensos, mil pés no máximo, era o que sua intuição o forçava a pensar.

Verificou novamente seu mapa, que guardava enrolado como um pergaminho em um dos compartimentos de seu casaco. Depois de alguns segundos de hesitação, concluiu que aqueles relevos insignificantes no horizonte que, à princípio seriam facilmente ignorados, não eram qualquer costa de uma ilha, mas sim terras não mapeadas.

Um alívio repentino tomou conta de seus pensamentos, ele estava ciente de que seus suprimentos estavam acabando, talvez tivesse o suficiente para os três dias de viagem que restavam, mas sua tripulação precisava de alguns dias de descanso em terra firme urgentemente. O Capitão sabia que muito tempo em águas estranhas causava sequelas na cabeça de homens como aqueles.

- Mude o curso para bombordo!

Todos tripulantes olharam assustados para a popa, onde o Capitão encontrava-se com a mesma expressão de sempre, olhar distante, cara fechada e um ar imponente, aparentemente sem se importar com a reação da tripulação. Mas, internamente, questionava-se constantemente se aquela era a decisão acertada a se fazer.

Quatro horas, foi o tempo que demoraram até atracar o Galeão Imperial que navegavam. A terra, uma vez distante, agora se revelara uma paisagem tropical, com palmeiras altas como casas e uma selva fechada a alguns metros da fina faixa de areia em que se encontravam. Os marujos começam a descer do navio e acomodar suas barracas e pertences para passar a noite perto da mata. O sol lambia o mar à oeste, o laranja predominava no céu, o Capitão e seu imediato se distanciaram dos demais para fazer um reconhecimento da região. Seus anos de experiência o diziam para tomar cuidado em terras desconhecidas, mas seu sangue fervia por ação.

Andaram por trezentos metros até acharem a entrada de uma gruta. Sempre preparado para situações como esta, o imediato prontamente alcança uma tocha para o Capitão e a acende. A gruta se estendia por alguns metros, o teto baixo e úmido os mantinha apreensivos. Depois de alguns minutos de exploração sem sucesso, os dois começam a ouvir um som distante e baixo, como o rufar delicado de tambores antigos. Na medida que continuavam a adentrar a caverna, o som aumentava e com ele um odor repugnante de carne, que aos sentidos do Capitão mais se assemelhavam à algum animal morto.

Repentinamente, o ruído incômodo cessara, o odor tornara-se quase insuportável, os dois já suando e nervosos, viam-se irracionalmente paralisados de pavor, as mãos no cabo das espadas embainhadas tremiam como as de crianças. Como num piscar de olhos, a tocha se apagara. O ruído agora se transformara em batidas fortes e violentas, que se misturavam em meio a gritos de horror, vindos de todos os lados dos marujos. Mais gritos. Já não havia saída. Uma pancada na cabeça.

O capitão acordara, como se estivesse tendo um pesadelo, com suas mãos amarradas nas costas e a cabeça enfaixada com um trapo da camisa, tentava inutilmente estancar o sangramento da sua testa.

Encontrava-se em uma espécie de salão, com as paredes de pedra rústica, parecidas com a gruta que explorava anteriormente. O corpo de Oliver era a única coisa que uma já fraca tocha na parede o permitia enxergar. A visão era assustadora, seu estimado amigo e companheiro de tantas aventuras, decapitado e escarpelado. O que restara de seu corpo havia sido esfolado e queimado.

Uma luz no fundo da sala repentinamente se acendera e revelava uma porta, antes despercebida, que agora era vagarosamente aberta. Três homens adentraram o salão, cobertos com apenas uma espécie de pigmento vermelho, que o Capitão imaginara ser sangue. Animais, primitivos e canibais. Era tudo que ele conseguirá deduzir sobre seus raptos nos segundos que se passaram entre a entrada deles na sala e o momento em que ele se via agora. Um deles se aproximara com um pedaço de madeira na mão. Dor. Sangue. Escuridão. Sua hora havia chegado, ele teria o mesmo destino de seu imediato e provavelmente todo o resto da sua tripulação. Não tinha escapatória.

O som dos pássaros o despertou, seus olhos se abriram lentamente revelando o céu limpo e extremamente azul que a janela de sua cabine o permitia ver. Era manhã de um dia ensolarado e ventoso. Levantou-se e se vestiu. Abriu a porta para o convés e se dirigiu ao timão de seu navio. Levariam mais três dias em mar aberto para chegar a seu destino, o centro comercial da região. O forte vento do mar aberto bagunçava sua longa barba que outrora havia sido loira, mas agora deixava transparecer sua idade avançada entre os fios brancos e acinzentados. O charuto porto-riquenho, fruto de uma de suas apreensões passadas, queimava vagarosamente entre seus lábios. Seus olhos semicerrados e inquietos fitavam o horizonte, tentando revelar os segredos que o aguardavam nas próximas centenas de milhas náuticas que haveria de navegar. O respingar das ondas que se chocavam contra o navio procuravam suas mãos, já cansadas da idade e frias, que seguravam e guiavam o timão firmemente.

Um grito distante interrompeu seus pensamentos:

- Capitão! Terra à frente! Terra à frente!

Era Oliver, seu imediato, que apontava insistentemente para o bombordo da embarcação. O Capitão então, forçou seus olhos contra a neblina que se espalhava sobre a superfície do mar, outrora agitado, que agora se acalmava diante da tripulação. Avistou pequenos relevos no horizonte, não muito extensos, mil pés no máximo, era o que sua intuição o forçava a pensar.

Uma sensação estranha o tomou por completo, como se ele já tivesse visto aquele lugar antes, ouvido a mesma frase, sentido o mesmo vento, vivido o mesmo momento, o mesmo dia. A surpresa se transformou em horror.

Contos Revelados

*Contos Revelados*

Contos Revelados

*Contos Revelados*

Contos Revelados



Contos Revelados

*Contos Revelados*

*Contos Revelados*

Contos Revelados

*Contos Revelados*

ISBN: 978-85-98253-32-9



9 788598 253329